



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

DOUGLAS FERNANDO HENRIQUE DE OLIVEIRA

CAIXINHAS DE HISTÓRIAS: COLEÇÕES E COLECIONADORES DE CARRINHOS
“MATCHBOX”: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

CURITIBA
2014

DOUGLAS FERNANDO HENRIQUE DE OLIVEIRA

CAIXINHAS DE HISTÓRIAS: COLEÇÕES E COLECIONADORES DE CARRINHOS
“MATCHBOX”: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná,

Linha de Pesquisa: Psicologia Clínica
Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda.

Trabalho realizado com o apoio da CAPES.

CURITIBA

2014

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Oliveira, Douglas Fernando Henrique de
Caixinhas de histórias: coleções e colecionadores de carrinhos “Matchbox”:
um estudo fenomenológico. / Douglas Fernando Henrique de Oliveira. –
Curitiba, 2014.
194 f.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas. Pós-
Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Paraná.

1. Saúde mental – colecionismo. 2. Transtorno de acumulação.
I. Título.

CDD 154

TERMO DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas.
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA

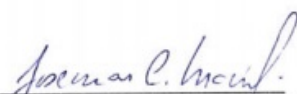


DOUGLAS FERNANDO HENRIQUE DE OLIVEIRA

CAIXINHAS DE HISTÓRIAS: COLEÇÕES E COLECIONADORES DE CARRINHOS "MATCH BOX"

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR – Universidade Federal do Paraná, e APROVADA (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.


Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná
Professor orientador


Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel
Universidade Católica Dom Bosco/Campo Grande/MS
Professor titular


Prof.ª Dr.ª Jocelaine Martins da Silveira
Universidade Federal do Paraná
Professora titular

Curitiba, 03 de outubro de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha terapeuta, Maitê Fernanda Jonsson por, entre outras coisas, ter insistido para que entrasse no programa de mestrado.

Ao professor Adriano, com quem tive o privilégio de fazer dois trabalhos de conclusão de curso (minha monografia e esta dissertação), que aceitou o desafio de pesquisar este tema, e mais uma vez me permitiu expandir meus “horizontes fenomenológicos”.

À professora Iara Picchioni Thielen, pela oportunidade e liberdade no estágio que fez com que descobrisse que gosto de dar aulas.

Agradeço às professoras Joanneliese de Lucas Freitas e Elza Dutra, pela grande ajuda que prestaram na fase de qualificação deste trabalho. Foi com as orientações prestadas por vocês que o trabalho ganhou muito mais foco e chegou à forma atual.

Agradeço à professora Jocelaine Martins da Silveira e ao professor Josemar de Campos Maciel, por se disporem a participar da banca em tão curto prazo, e mesmo assim conseguiram apontar e acrescentar melhorias ao trabalho.

À professora Melissa Rodrigues de Almeida, pela ajuda com o DSM-5.

Ao amigo Marco Antônio de Geus, por me mostrar a riqueza do mundo dos “MATCHBOX”.

Agradeço ao meu amigo Marco Antônio Palhano, por todo o apoio prestado em todos esses anos de amizade, e principalmente pela oportunidade de acompanhá-lo durante nosso empreendimento de comercialização de miniaturas.

Aos colecionadores entrevistados neste trabalho, pelo tempo e disposição para participar da pesquisa e pela riqueza de informações.

À minha namorada Natália Cunha Varela, pela ajuda, por me colocar nos trilhos quando queria largar tudo e virar pirata, e por me *tirar* dos trilhos quando estava bitolado e sem condições de analisar os dados corretamente.

Agradeço à minha avó, por mais uma vez me permitir ir atrás do que desejo, e à Fundação CAPES, pelo auxílio financeiro que possibilitou essa pesquisa.

DATA: What am I doing here?

THE COLLECTOR: Wondrous. The detail. The balance. Was I not right, Varria? What a remarkable piece of work.

DATA: Why have I been brought here?

THE COLLECTOR: It took great effort. Effort. to bring you here. I was sure he'd be worth it. I was right.

DATA: I've been delivered here against my wishes. I would like to know the reason.

THE COLLECTOR: Certainly. You have been brought here for my enjoyment and my appreciation.

DATA: Am I to infer that you intend to keep me captive?

THE COLLECTOR: Captive? Captive? That's such an inappropriate description. My dear android.

May I call you Data?

DATA: It is my name.

THE COLLECTOR: Data. You will be catered to, fawned over, cared for as you never have been before. Your every wish will be fulfilled

DATA: I wish to leave.

THE COLLECTOR: Almost every wish.

(STAR TREK: The Next Generation, Episódio 22, Terceira Temporada)

Resumo

A presente pesquisa buscou investigar as relações entre o Transtorno de Acumulação (F42), conforme descrição na nova edição do DSM-5, com o Coleccionismo Normal ou Normativo e compreender o sentido do hábito de colecionar. Para tanto, foram selecionados 15 colecionadores de carrinhos “MATCHBOX”, e feitas entrevistas semi-estruturadas, posteriormente analisadas pela perspectiva da pesquisa empírico-fenomenológica de A.Giorgi e comparadas com os critérios do DSM-5, compostos de seis critérios diagnósticos e mais dois especificadores. A partir dos resultados observou-se que ocorreu um falso positivo com apenas um dos colecionadores preenchendo os critérios necessários para ser enquadrado no Transtorno de Acumulação. O trabalho prossegue com questões sobre critérios diagnósticos e sobre os diversos sentidos de colecionar.

Palavras-Chave: Transtorno de Acumulação, DSM-5, Saúde Mental, Coleções, Coleccionismo, Fenomenologia.

Abstract

The present study sought to investigate the relations between the Hoarding Disorder (F42), as described in the new edition of the DSM-5, and Collecting, and to comprehend the meaning of collecting behavior. To do so, fifteen “MATCHBOX” car collectors were selected, and submitted to semi-structured interviews, after analyzed through the phenomenological perspective of A. Giorgi and compared to the DSM-5 criteria. From the results, it was observed that none of the interviewed collectors fulfilled the necessary criteria to be placed in the Hoarding Disorder, although all of them were obstinate collectors. Therefore, we can presume that the diagnostic criteria presented in the DSM-5 does not allow to classify the behavior of the interviewed collectors as pathological. The study continues with questions about diagnostic criteria and the various meanings of collecting.

Keywords: Hoarding Disorder, DSM-5, Mental Health, Collections, Collecting, Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os sócios Leslie Smith e John Odell, em frente à fábrica da “MATCHBOX” na década de 1970.....	p.69
Figura 2 – Road Roller da Dinky Toys.....	p.70
Figura 3 - O “Coronation Coach”, no tamanho menor em que foi fabricado.....	p.72
Figura 4 - Os primeiros modelos “MATCHBOX”: Na parte inferior esquerda da foto, pode-se ver a caixa de fósforos “Norvic” que inspirou o desenho das caixas “MATCHBOX”	p.73
Figura 5 – O London Bus, modelo 5A.....	p.74
Figura 6 – O modelo 22B, Vauxhall Cresta de 1958.....	p.75
Figura 7a – Modelos dos anos 50 com várias combinações de trailers e reboques, que reproduziam o que as crianças poderiam ver nas ruas.....	p.76
Figura 7b -.....	p.76
Figura 8 – Os “Matchbox” Models of Yesteryear, em escala maior.....	p.77
Figura 9 – Exemplo de modelo da Dinky Toys.....	p.78
Figura 10 – Modelo da Corgi Toys. Essas marcas fabricavam veículos em escala maior que os “MATCHBOX”, geralmente com alguma função mecânica, para as crianças de famílias mais abastadas. O modelo da Corgi apresentado possuía limpadores de pára-brisa que se moviam quando o carrinho era empurrado para a frente.....	p.78
Figura 11 - Comparação que evidencia a diferença de escala entre um modelo Corgi (em vermelho) e um “MATCHBOX” (em azul).....	p.79
Figura 12 - Carry Case, maleta para transportar e guardar os carrinhos, década de 1960.....	p. 80
Figura 13 - A Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo visitam a fábrica da Lesney em 1968.....	p.81
Figura 14 - Motorway. Uma mola por baixo da pista tracionava os carrinhos pela pista.....	p.82
Figura 15 - A concorrência nos Estados Unidos: Modelos da Johnny Lightning, Hotwheels e Aurora (Cigarbox).....	p.83
Figura 16 - A Tomica era a concorrente da “MATCHBOX” no Japão a partir de 1970. Da mesma forma que a “MATCHBOX” dava preferência a veículos ingleses (pelo menos no princípio), a TOMICA se concentrou em veículos nipônicos. Só começou a exportar para os EUA e Europa a partir de 2010.....	p.83
Figura 17 - A figura mostra duas bases “MATCHBOX”: Acima, modelo com eixos mais finos (Superfast) e a lâmina de plástico que além de prender as rodas no lugar, fazia as vezes de suspensão. Abaixo, a mesma base “regular wheels”, com eixos grossos.	p.85

Figura 18 - Seguindo a trilha da Hotwheels, a “MATCHBOX” também lança suas pistas de alta velocidade.	p.85
Figura 19 - O Porsche 911 “Polizei” da série Superkings, em comparação a um Porsche 911 da linha “Superfast”: Modelos maiores para brigar com os modelos da Corgi. Essa versão do 911 “Superking” tinha portas que só se abriam após a maçaneta ser acionada.....	p.87
Figura 20 - O Rolls-Royce Silver Shadow (1967). Notar a caixa com o selo Roly Toys, na época distribuidora dos “MATCHBOX” no Brasil.	p.88
Figura 21 - Exemplo de “MATCHBOX” fabricados no Brasil. O modelo em azul (MG 1100), de uma fase anterior, quando apenas a etiqueta era afixada na base do carrinho, e o modelo em preto (Mazda RX7), já da última fase, com a origem da fabricação (Pode-se ler “Prod. Z.F. MANAUS – INBRIMA S.A.) fundida no próprio molde do carrinho. O MG1100 inglês nunca foi fabricado nessa cor.	p.89
Figura 22 - Dois exemplos da “window box”, lançada em 1982: À esquerda, o modelo inglês, e à direita, a versão produzida no Brasil pela INBRIMA.	p.91
Figura 23 - “MATCHBOX” Collectibles, com acabamento diferenciado e pneus de borracha. Acima, em sentido horário, modelos “MATCHBOX” Collectibles das séries Barrett Jackson e “MATCHBOX” Ultra e dois modelos comemorativos aos 50 anos da marca.	p.93
Figura 24 - A própria “MATCHBOX” fez séries dedicadas a filmes e seriados (na foto: “Jurassic Park”).	p.94
Figura 25 - “MATCHBOX” Lesney Edition, modelos atuais que tentam resgatar o apelo visual que os MATCHBOX Superfast tiveram nos anos 70.	p.96
Figura 26 - Embalagens dos “MATCHBOX” Superfast das décadas de 60, 70 e início de 80, respectivamente.	p.96
Figura 27 - Vectra “Táxi de Curitiba” e Kombi “Correios/SEDEX” customizados.	p.99

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Levantamento de artigos relacionados ao tema “coleccionismo”	p.28
TABELA 2- Apresentação dos colecionadores.....	p.34
TABELA 3- Preenchimento dos critérios do DSM-5.....	p.43
TABELA 4- Graus de conservação de miniaturas.....	p.98

Sumário

Introdução: A História de uma Paixão.....	12
1. Por que “MATCHBOX”?.....	13
2. Coleções e Colecionadores.....	19
2.1 Coleções e Coleccionismo.....	20
2.1.1. Por que coleccionar?.....	21
2.1.2 Coleccionando.....	23
2.2 Coleccionismo e TOC.....	26
3. Metodologia.....	31
4. Verificando os Critérios Diagnósticos do DSM-5.....	33
5. Discussão.....	44
5. Análise das Entrevistas: Ser Colecionador de “MATCHBOX”.....	46
6.1 Como o hábito de coleccionar é visto por outras pessoas.....	47
6.2 A coleção como resgate histórico.....	52
6.2.1 História do próprio sujeito.....	52
6.2.2 História do automóvel.....	55
6.2.3 A coleção como válvula de escape.....	57
6.3 O que é um “MATCHBOX”, afinal?.....	60
7. Considerações Finais.....	63
Referências.....	66
Anexo 1: Apêndice.....	69
1.1 O nascimento da empresa.....	69
1.2 A série 1-75.....	73
1.3 Concorrência.....	82
1.4 A série Superfast.....	84
1.5 “MATCHBOX” no Brasil.....	87
1.6 Falência e Incorporação.....	90
1.7 Catalogação e Classificação.....	97
ANEXO 2.....	100
ANEXO 3.....	101
ANEXO 4.....	104
Colecionador 1.....	104
Colecionador 2.....	107
Colecionador 3.....	109
Colecionador 4.....	112
Colecionador 5.....	115
Colecionador 6.....	118
Colecionador 7.....	123
Colecionador 8.....	127
Colecionador 9.....	131
Colecionadora 10.....	134
Colecionador 11.....	137
Colecionador 12.....	140
Colecionador 13.....	142
Colecionador 14.....	145
Colecionador 15.....	185

Introdução: A História de uma Paixão

O ato de colecionar sempre foi parte importante da minha vida. Desde criança, a atividade evoluiu, iniciando-se com coleções de miniaturas de automóveis, passando por coleções de filmes e também de relógios. Fazendo parte do mundo do colecionismo há tanto tempo, passar de puro colecionador a trabalhar na área foi um movimento natural.

Assim, com o suporte de um amigo, durante cinco anos, tive a oportunidade de trabalhar com miniaturas de veículos – com compra, venda, organização e manutenção de peças – e, por consequência, tive contato com todo tipo de colecionador: desde o que ganha salário mínimo e economiza o dinheiro da passagem de ônibus para comprar uma miniatura, até os que têm padrão de vida elevado e compram várias miniaturas raras (e caras) de uma só vez; desde o que tem várias coleções dentro da coleção, até aquele que é fascinado por uma temática e sua coleção é apenas uma faceta desse fascínio; desde o que sabe todos os modelos de sua coleção, até aquele que se perde na organização; do colecionador que começou há pouco tempo, até o que coleciona desde criança, há vinte ou trinta anos; dos colecionadores que conhecem toda a história da marca, até os que conhecem muito pouco.

E mesmo aparentemente tão diferentes, tão extremados, com temáticas de coleção totalmente diversas, quando há um evento que reúna colecionadores, todos se sentem entre iguais. Eventualmente, algumas dessas pessoas acabam sendo rotuladas por amigos e familiares (embasados pelo que a mídia veicula), como “acumuladores” e não como colecionadores, o que, muitas vezes, gera boa dose de incômodo. Sabendo ser o pesquisador psicólogo, muitos desses colecionadores se aproximavam e perguntavam: “Mas isso [coleccionar] é normal? Por que eu sou assim?”

Dentro do vasto universo dos colecionadores de miniaturas, os colecionadores de carrinhos da marca “MATCHBOX” foram selecionados devido à oferta generosa de publicações (reconhecidas internacionalmente) tratando do histórico, da classificação e organização das miniaturas, pela experiência adquirida nesses anos trabalhando na área, e pela facilidade para encontrar os sujeitos de pesquisa, o que será descrito mais adiante.

1. Por que “MATCHBOX”?

A história da “MATCHBOX” (grafada desta forma, em caixa alta e entre aspas), começa em 1940. Dois amigos, lutando pela Inglaterra, Leslie e Rodney Smith (que apesar dos sobrenomes, não eram parentes), decidem que querem montar um negócio próprio quando a guerra terminasse. Sete anos depois, fundam a *Lesney Products* (o nome da empresa veio dos nomes dos fundadores LES de Leslie e NEY de Rodney). O “*Products*” no nome comercial veio a calhar, pois até então eles não sabiam o que iriam produzir. Com cerca de 600 libras esterlinas, compraram uma taverna em Londres e algumas máquinas de fundição, planejando fundir peças em ZAMAC para uso industrial. ZAMAC é uma liga metálica composta majoritariamente de zinco, e seu nome provém das iniciais dos metais utilizados em sua composição (Zinco, Alumínio, Magnésio e Cobre). Deste modo, começaram a fabricar peças de todos os tipos, ajudando na reconstrução da Londres recém-bombardeada.

As encomendas para peças, porém, não eram constantes, e a *Lesney* começou a considerar fabricar outros produtos. Jack Odell, que trabalhara com Rodney noutra empresa, resolveu se juntar aos dois. A *Lesney* passou então a produzir brinquedos, sendo o primeiro deles uma cópia do rolo-compressor confeccionado pela *Dinky Toys*. O brinquedo da *Lesney* custava apenas a terça parte do modelo da *Dinky*, e foi visto com maus olhos pelos vendedores. O brinquedo, porém, foi bem recebido pelas crianças e vendeu bem.

No ano de 1952, com a coroação da Rainha Elizabeth II, Odell viu uma oportunidade: A *Lesney* criou então uma miniatura do *Coronation Coach*, a carruagem de gala utilizada na cerimônia de coroação. Depois de 33 mil modelos fabricados, Odell acreditava que uma versão menor da carruagem venderia ainda mais. Ele estava correto, pois o brinquedo vendeu mais de um milhão de unidades. No mesmo ano, veio de Odell a ideia que tornaria a *Lesney* famosa: sua filha mais velha frequentava uma escola onde existia uma regra que só autorizava as crianças a levarem brinquedos se esses coubessem numa caixa de fósforos. Odell dizia que as crianças levavam coisas horríveis, como besouros e crisálidas (McGimpsey & Orr, 1989), e seria muito interessante se elas pudessem ter um brinquedo que coubesse ali. Assim, criou-se uma forma menor do rolo-compressor copiado da *Dinky*, desta vez em tamanho pequeno o

suficiente para caber numa caixa de fósforos (em inglês, *match box*). Essa primeira versão era feita de latão, exclusiva para a filha de Odell. As demais crianças, no entanto, gostaram tanto do brinquedo que Odell se viu obrigado a criar uma versão mais simples, que pudesse ser produzida em escala. Um empresário encarregado da publicidade da marca gostou da ideia das caixas de fósforos, e criou as embalagens dos “MATCHBOX” baseando-se na embalagem de fósforos tchecoslovacos que por coincidência, ele tinha no bolso.

Foi a partir desse rolo-compressor, o *Aveling Barford Diesel Road Roller* (Mack, 2013), lançado em 1953, que nasceu oficialmente a “MATCHBOX”. Ao rolo-compressor, juntaram-se mais três modelos até o final de 1953, todos como versões menores de brinquedos já produzidos pela *Lesney*. Produzidos entre os meses de setembro e outubro, e colocadas no mercado em novembro, os brinquedos eram vistos pelos lojistas como um fracasso iminente. Depois do Natal de 1953, as crianças perceberam que os únicos brinquedos que podiam comprar com o pouco dinheiro que tinham eram ou um único soldadinho de chumbo, ou um “MATCHBOX”. Segundo Odell: “Você não pode brincar com um soldadinho. Você precisa de alguns... Mas com um brinquedo com rodas, você pode acabar com isso e esquecer essa ideia. Você tem um brinquedo completo” (McGimpsey & Orr, 1989, p. 60).

Em março de 1954, a demanda pelos brinquedos cresceu, e surgiram encomendas da África do Sul e dos Estados Unidos. Foi só em 1954, entretanto, que os pedidos cresceram substancialmente, com o lançamento do modelo 5A, o tradicional ônibus londrino de dois andares. Até aqui, os brinquedos “MATCHBOX” não eram veículos facilmente reconhecíveis por uma criança da cidade (rolo-compressor, misturador de cimento, trator), mas o ônibus era algo familiar, da paisagem urbana do dia a dia, e fruto contextualização do mundo de então, do pós-Guerra, numa tentativa de naturalizar o automóvel, o mundo adulto.

Até o final de 1954, o catálogo da “MATCHBOX” seria constituído por oito modelos, todos embalados numa embalagem que seguia o desenho de uma caixa de fósforos. Os brinquedos não tinham escala definida: a ideia era fazer, simplesmente, com que coubessem dentro de uma caixa de fósforos. Assim, enquanto o usual seria usar uma escala numérica do tipo 1:64 ou 1:43, dizia-se que os “MATCHBOX” usavam a escala 1:Box. Em 1956 surgiram os primeiros *Models of Yesteryear*, uma série em

tamanho maior que representava carros clássicos produzidos até a década de 30. A linha da “MATCHBOX” tornou-se conhecida como “1-75”, pois tinha 75 modelos numerados como figurinhas, o que logo fez com que as crianças tivessem vontade de ter a coleção completa, estimuladas também pela publicidade da marca. Já nos anos 60, a *Lesney* começa a exportar os “MATCHBOX” para os Estados Unidos, e se torna a empresa mais lucrativa do Reino Unido em 1968. Dois anos antes, cria-se nos Estados Unidos o primeiro “MATCHBOX Collectors' Club”, que contava então com 50.000 membros (McGimpsey & Orr, 1989).

Com tamanho sucesso, surgiram concorrentes, e cada país parecia precisar oferecer sua versão do produto: A *Polistil* na Itália, a *Majorette* na França, a *Guisval* na Espanha, a *Siku* na Alemanha, a *Tomica* no Japão, e nos Estados Unidos, a *Johnny Lightning* e a *Aurora*. Mas foi apenas em 1968 que a “MATCHBOX” conheceria sua grande concorrente, os carrinhos *Hotwheels*, da *Mattel*. A princípio, os executivos ingleses não se preocuparam muito, pois acreditavam na qualidade de seus produtos, e que não haveria nada de muito diferente que a *Mattel* pudesse fazer. Foi um equívoco, pois os *Hotwheels* partiam de outra premissa: enquanto os “MATCHBOX” eram réplicas fiéis dos carros originais – geralmente ingleses, pintados muitas vezes com as cores originais dos veículos, os *Hotwheels* apostavam em veículos americanos, pintados muitas vezes em cores berrantes, mais chamativas aos olhos das crianças. A principal diferença, no entanto, era mecânica: enquanto os “MATCHBOX” usavam rodas muito pequenas, denteadas e com eixos grossos (que não raramente oxidavam), os *Hotwheels* usavam eixos de aço inoxidável de pequena espessura e rodas de baixo atrito, o que permitia que os carrinhos deslizassem com facilidade, daí o nome (“rodas quentes”, em inglês). Além dos carrinhos, a *Mattel* disponibilizava pistas de plástico onde as crianças podiam colocar seus carrinhos para correr com o auxílio da gravidade. Era um cenário muito mais movimentado que as pistas de “simulação de trânsito” da “MATCHBOX”, com pistas que representavam as autoestradas e ruas de uma cidade. Foi um sucesso: depois da *Hotwheels*, as vendas da “MATCHBOX” caíram de 28 para apenas 6 milhões de dólares. Além disso, os *Hotwheels* eram fabricados na China, com mão-de-obra barata. A *Lesney* não tinha como brigar em matéria de preços, então a solução era lutar por qualidade.

Surgia assim, em 1969, um novo tipo de “MATCHBOX”: o *Superfast*. Com

rodas mais finas e eixos de aço tal qual os *Hotwheels*, os *Superfast* ostentavam ainda uma “suspensão”, herdada dos últimos modelos da série normal, 1-75: os eixos que sustentavam as rodinhas se apoiavam numa lâmina (de metal ou plástico, dependendo do modelo) que dava aos carrinhos um molejo característico. Os modelos da fase inicial *Superfast* eram modelos 1-75 convertidos para o novo sistema de rodas, e por isso tinham que usar rodas mais finas que os *Hotwheels*. Depois, conforme novos modelos eram introduzidos na linha, todos os *Superfast* passaram a ter rodas mais largas. Os modelos iniciais, fabricados entre 1969 e 1970, no período de transição entre as rodinhas tradicionais e as *Superfast*, são chamados de “Transitionals” (transicionais) ou “Série A”, e são muito procurados pelos colecionadores.

No final da década de 70, a “MATCHBOX” abre uma fábrica no Brasil, em Manaus. Marcados como INBRIMA (Indústria de Brinquedos de Manaus), possuem qualidade geralmente inferior aos modelos ingleses, devido a um controle de qualidade ineficiente. Mesmo assim, são modelos bastante disputados por colecionadores do mundo inteiro. Como foram feitos sem maiores cuidados, não se tem notícia de números exatos da produção da *INBRIMA*, que durou até meados dos anos 80. Também não se sabe com certeza quais modelos foram produzidos, nem em quais cores (McGimpsey & Orr, 1989), e a única referência de que se tem notícia é o site do austríaco Christian Falkensteiner (2006), que lista algumas variações. Sendo assim, os modelos brasileiros nunca foram catalogados oficialmente, e frequentemente se vê no mercado contrafações desses brinquedos. A dificuldade não é apenas encontrá-los, mas fazer a inspeção visual para assegurar de que se trata de um modelo legítimo, e não um modelo comum que foi simplesmente pintado numa cor diferente ou restaurado (Mack, 2001).

A década de 70 viu a “MATCHBOX” começar a fabricar fora da Inglaterra, com modelos para mercados locais: surgiram então modelos japoneses, brasileiros, búlgaros e húngaros que, embora apreciados pelos colecionadores por sua raridade (os modelos japoneses, por exemplo, foram fabricados por apenas um ano), perdem em qualidade para os modelos ingleses. Já a década de 80 foi muito turbulenta para a empresa, que trocou de proprietário duas vezes, primeiro sendo vendida à *Universal Toys*, e depois à *Tyco Toys*. Boa parte da produção dos carrinhos sai da Inglaterra e vai para Macau (os modelos fabricados nessa localidade ainda sustentaram um bom nível de qualidade), embora até 1986 o nome “Lesney” constasse na base dos carrinhos. Em 1997, a *Mattel*

consegue comprar a empresa, que mais uma vez estava em dificuldades. Dois anos depois, a marca abandona a ideia de 75 modelos e oferece 100 modelos pela primeira vez. Com uma série de erros, com carrinhos fora de escala e acabamento ruim, a série foi um fracasso. Só no ano de 2001 isso foi corrigido, de volta aos 75 modelos e com melhor acabamento. Para não haver canibalização entre modelos *Hotwheels* e “MATCHBOX”, a *Mattel* adota uma estratégia: a marca inglesa se encarregaria de produzir os modelos mais realistas, enquanto a *Hotwheels* teria o foco em modelos mais fantasiosos (Johnson, 2008).

Jack Odell e Leslie Smith viriam a falecer em 2005. Dois anos depois, alegando insuficiência nas vendas, a *Mattel* suspende a venda dos “MATCHBOX” no Brasil. Interessante notar que a “insuficiência nas vendas” pode ser atribuída à própria política de distribuição da *Mattel*: enquanto os *Hotwheels* eram facilmente encontrados em qualquer loja de brinquedos, de departamentos ou supermercados do Brasil, os “MATCHBOX” eram restritos a apenas algumas cadeias de lojas. Dados recentes indicam que mesmo sem importações oficiais, os “MATCHBOX” ainda despertam o interesse de colecionadores das mais diversas idades. Pesquisa do COLECENSO (2013), mostra que de 1389 colecionadores entrevistados, 1300 afirmaram colecionar “MATCHBOX”. O ano de 2008 trouxe a decisão da *Mattel* de focar sua linha de produtos no Brasil nos *Hotwheels*, retirando a “MATCHBOX” definitivamente do nosso mercado. Colecionadores só conseguiam atualizar suas coleções através de sites como o *Ebay*, importando as miniaturas para revenda ou consumo próprio, o que reduziu drasticamente a oferta e elevou os custos: um carrinho que poderia ser encontrado por R\$5 nas lojas de brinquedos, no ano seguinte não saía a menos de R\$10. Em 2009, a *Mattel* proporcionou uma boa surpresa para os colecionadores: o lançamento da série “*Superfast 40th anniversary*”, que homenageava a série original. Os “40th” eram séries especiais dos já especiais *Superfast*, e foram produzidos apenas nesse ano. A surpresa maior, porém, viria no ano seguinte: em 2010, a *Mattel* apresentou os “MATCHBOX” *Lesney Edition*, uma série especial de 20 modelos produzidos como os “MATCHBOX” até 1970, com riqueza de detalhes e pouco plástico (apenas rodas, “vidros” e o interior, a base dos carrinhos voltava a ser de metal), além de embalagens que reproduziam os gráficos das caixas que os “MATCHBOX” usavam nos anos 70 (apêndice 1, p.85). No mesmo ano, uma atitude um tanto incoerente por parte da *Mattel*: apesar de

indisponíveis no mercado do país, foi a primeira vez que a “MATCHBOX” reproduziu em sua linha um veículo brasileiro, no caso, a Volkswagen Saveiro. Ironicamente, a *Mattel* continuou não vendendo os “MATCHBOX” no Brasil, fazendo com que os colecionadores tivessem que importar as miniaturas de um carro que podiam ver todos os dias nas ruas, enquanto os consumidores americanos tinham o carrinho à disposição, mesmo sem conhecer o carro da Volkswagen. Em outras palavras, a *Mattel* adotou para o Brasil, uma filosofia oposta à praticada pela *Lesney* quando da expansão de suas atividades nos anos de 1950. A linha da “MATCHBOX” hoje oferece 120 modelos, e nenhum deles é vendido (oficialmente) no Brasil.

Com o passar dos anos, o número de modelos lançados aumentou a ponto dos colecionadores não conseguirem memorizar todas as variações de cor e o número-código dos modelos. A própria “MATCHBOX” lançava catálogos de bolso, anualmente, mas estes eram publicações simples e de cunho publicitário, uma maneira para as crianças marcarem as miniaturas que já tinham ou as próximas que queriam na coleção, não se estendendo muito sobre os detalhes, muito menos sobre o grau de raridade de algumas variações (até porque muitas delas eram apenas erros da linha de montagem). Havia a necessidade de centralização da informação, e catálogos foram surgindo. Um dos primeiros exemplos foi o “*MATCHBOX 1-75 Regular Wheels*”, publicado pela primeira vez em 1976 pela AIM (*American International MATCHBOX*), focado nos modelos iniciais (portanto, pré-Superfast), distribuído a preço de custo e que não dava preço aos carrinhos, mas apenas “valores de troca”: um modelo marcado como “20” poderia ser trocado por dois modelos marcados como “10”, por exemplo. Esse catálogo, propositalmente, não trazia informações sobre as pequenas variações (tons de tinta, detalhes pintados ou não, etc.). Em ambiente virtual, há o excelente *site* de Falkensteiner (2006), com diversas fotos das variações e detalhes dos modelos. O mais importante dos catálogos, porém, é o “*The Encyclopedia of MATCHBOX Toys*”, lançado pela primeira vez em 1997 pelo americano Charlie Mack. Nascido em 1956, em Connecticut, Mack é uma das autoridades mundiais em “MATCHBOX”. Cresceu brincando com os carrinhos ingleses, e aos 11 anos de idade resolveu levar o hobby a sério. Uma década depois, já tinha cerca de 1000 unidades, e por volta de 2001, já tinha cerca de 27.000 modelos “MATCHBOX”. Em 1992 inaugurou o “MATCHBOX Museum”, onde expõe seus modelos e dá explicações aos visitantes sem custo algum

(Mack, 2013).

Esse tipo de catálogo permite que os “MATCHBOX” sejam uma coleção reconhecida internacionalmente, pois os carrinhos são listados de acordo com o modelo, cor, tipo de roda e grafismos na pintura (as chamadas “variações”), cada um com seu valor correspondente. Alguns carrinhos chegam a ser vendidos com preço pouco abaixo ou pouco acima do preço do catálogo, mas é o catálogo que dá a base para a precificação. Isso não ocorre para as outras marcas, de forma geral. Com o advento da *Internet*, a compra e a venda das miniaturas ficou incrivelmente mais fácil, já que para procurar determinado modelo basta uma busca nos *sites* certos. Casas de leilão (eletrônicas ou presenciais) se especializaram em colecionadores de brinquedos, como o *VECTIS* (Inglaterra), que frequentemente leiloeira coleções inteiras ou subdivisões dessas. De modo geral, os “MATCHBOX” mais valorizados são os que, por alguma razão, foram mantidos em suas embalagens originais. Nos idos de 1950 a 1970, ninguém imaginava qual seria o desenrolar da história da “MATCHBOX”, e os carrinhos eram tratados apenas como brinquedos. Os poucos que conseguiram atravessar os tempos até os dias de hoje com suas caixas originais, ou lacrados em suas embalagens plásticas (porque foram guardados dessa forma, ou então esquecidos no estoque de alguma loja) são os que detêm os maiores preços. Algumas vezes, os preços de alguns “MATCHBOX” muito raros chegam à casa dos dez mil dólares. Guiados por isso, alguns colecionadores fazem questão de manter seus itens lacrados, esperando uma futura valorização que provavelmente não acontecerá, visto que hoje há simplesmente pessoas demais fazendo isso, e portanto, várias unidades de um mesmo modelo sobreviverão, lacrados, vinte, trinta ou quarenta anos.

2. Coleções e Colecionadores

A proposta deste trabalho é compreender o sentido do ato de colecionar na vida dos colecionadores. Para tanto, foi feito um resgate histórico da marca “MATCHBOX”¹, indo desde o nascimento e crescimento da empresa, passando pelo surgimento das marcas concorrentes de mercado, sua chegada ao Brasil e situação na atualidade, revelando sua importância histórica, com vistas a facilitar a compreensão do universo

¹ Além do resumo que precede este capítulo, uma história completa da “MATCHBOX” encontra-se no Anexo 1.

em que vivem os colecionadores entrevistados e o uso de terminologias usadas por eles em seus discursos. Posteriormente, trabalhamos na direção de uma definição do que é um “coleccionador” para este trabalho, através da realização de entrevistas para compreender a vivência do colecionador de “MATCHBOX”. Associado a isto, traremos a discussão para o campo clínico, em torno dos parâmetros diagnósticos propostos no DSM-5 para o transtorno de acumulação, com o intuito de observar suas relações com colecionadores e colecionismos.

2.1 Coleções e Colecionismo

O Dicionário Houaiss (Houaiss & Villar, 2007), define *coleccionismo* como a prática de colecionar objetos de certo tipo, por gosto, passatempo ou obrigação profissional. “Colecionar”, por sua vez, vem definido como: “reunir em coleção” (e “coleção” como reunião ou conjunto de objetos); ou como a reunião *ordenada* de objetos de interesse estético, cultural, científico etc., ou que possuam valor pela sua raridade, ou que simplesmente despertem a vontade de colecioná-los. Já *coleccionador* vem definido simplesmente como o que ou aquele que coleciona. O dicionário ainda traz as formas “coleccionação” e “coleccionamento”, como sinônimas e definidas como ato ou efeito de colecionar.

A definição trazida por Belk (citado por Farina, Toledo & Corrêa, 2006) desenvolve o conceito definindo colecionismo como “o processo de adquirir e possuir coisas de forma ativa, seletiva e apaixonada”. O jornalista Mário Bock (2007), fala de “coleccionar para preservar a espécie”, o que também é afirmado por Murphy (2000), enquanto Lopes (2010), define o colecionismo como “o hábito de juntar “coisas”, e que “coleccionar é ordenar conhecimento e razão, e comunicá-los gera mais conhecimento, que gera mais possibilidades de colecionar, e vice-versa” (p. 385). Ribeiro (2005) alega que nem mesmo os vendedores saberiam tanto de seus produtos quanto os colecionadores. Colecionar é aprender, seja sobre o objeto, sobre o que ele representa ou até sobre si mesmo. De fato - entre outras razões - , a ciência moderna surge com hábitos “estranhos” de pessoas que resolveram um dia viajar, registrar, conservar, num exercício que daria origem à classificação num esforço para explicar o mundo em que vivemos.

Na sociedade consumista da atualidade, onde os objetos têm ciclos de vida cada vez mais efêmeros, o colecionismo reintroduz alguns desses objetos no ciclo econômico. Além disso, numa sociedade de produtos descartáveis, substituíveis a curto prazo e sem apego emocional, o objeto colecionado, ou seja, aquilo que é, de fato, *guardado*, indica também algo sobre a pessoa que está guardando (Sudjic, 2010). O ato de colecionar é mais do que um mero acúmulo de objetos, inclui toda uma história por detrás, tanto dos objetos em si quanto dos significados que eles representam. O ato de colecionar - e no caso deste trabalho, colecionar “MATCHBOX” - diz alguma coisa. Nossa intenção é tentar compreender: o que significa reunir esses objetos?

2.1.1. Por que colecionar?

Segundo Lopes (2010), o hábito de colecionar objetos é tão antigo quanto a própria consciência, supondo ainda que o costume ancestral de enterrar os mortos num mesmo lugar poderia ser considerada uma das primeiras formas de coleção, como uma representação do ciclo vital completo. Considerando toda a história pregressa da humanidade, a época em que vivemos é o momento onde possuímos mais objetos, mesmo que os utilizemos cada vez menos (Sudjic, 2010).

O que faz com que um objeto trivial, na maioria das vezes produzido em série e em números massivos (como é o caso das miniaturas “MATCHBOX”), se torne desejável a ponto de não apenas vender bem, mas ser consumido de outra forma que não aquela para que foi pensado? Bianchi (1997) argumenta que o colecionador descobre novos propósitos para um objeto que antes só possuía um fim. Para Ribeiro (2005), os “objetos visíveis continuam a ser buscados por suas propriedades “mágicas”, expressas sob os nomes de utilidade, valor, sentimento, beleza, raridade, etc., numa tentativa de dar sentido a um ambiente estranho às limitadas condições de sua existência” (p. 9). Sudjic (2010), na mesma direção, afirma que o ato de colecionar pode ser também uma tentativa de impor ordem a um universo. Lopes (2010) afirma que “o mágico é uma propriedade do olhar – e não da imagem, ou dos objetos” (p.379), e o indivíduo reúne esses objetos tentando dar sentido ao seu mundo.

Difícilmente uma coleção se inicia com um acordar pela manhã seguido do pensamento “vou colecionar!”. A coleção surge quando o indivíduo projeta sua atenção sobre um grupo de objetos e depois lhes confere um sentido de afetividade, atribuindo-

lhes novos sentidos (Lopes, 2010). Mesmo que um indivíduo decida iniciar uma coleção, ele o faz depois de ter projetado algum afeto sobre determinado tipo de objeto. Obviamente, tratando-se de coleções legítimas, descontando-se os especuladores que adquirem determinados produtos já pensando em desfazer-se deles no futuro visando ter lucro.

No caso de nossa pesquisa, podemos hipotetizar que, para o colecionador de “MATCHBOX”, não se trata apenas de um carrinho, mas de um conjunto de representações e significados: pode ser uma memória de infância, a imagem do primeiro carro, a relevância histórica daquele modelo de veículo, um momento especial da vida, etc. Os significados multiplicam-se infinitamente porque a imagem do próprio “MATCHBOX” pode evocar uma lembrança, ou então sua imagem pode engatilhar uma memória relativa ao veículo que o carrinho representa. No caso de um fã de automóveis, por exemplo, algo comum no Brasil, é simplesmente mais fácil ter uma coleção de modelos Ferrari em miniatura do que ter a disponibilidade econômica e geográfica para ter uma coleção com os carros verdadeiros. Por outro lado, também é comum ver coleções que se iniciaram simplesmente porque o indivíduo viu seu carro (ou o carro de seu pai, de sua mãe, etc.) em tamanho diminuto e o achou simpático.

Por todas essas variáveis, o valor que o colecionador dá a suas peças nem sempre condiz com o valor de mercado das mesmas: o carrinho preferido da coleção, pode muito bem não ser o mais caro. De fato, pode até ser o mais barato, o riscado, o danificado, o que veio com defeito de fabricação. Tudo depende do contexto pelo qual o objeto é avaliado pelo colecionador, e de quando aquela peça veio a fazer parte da coleção. O momento em que se escolhe colecionar relaciona-se com os ciclos de vida das pessoas, e esta relação é o que ditará a manutenção da coleção no futuro (Lopes, 2010). Deste modo, a coleção passa a fazer parte da vida do indivíduo e torna-se um retrato da personalidade do colecionador, uma expressão da sua existência (Farina, Toledo & Corrêa, 2006).

2.1.2 Coleccionando

Assim que uma classe de objetos é escolhida para ser colecionada – sejam estas “categorias”, como livros, relógios, camisas de futebol ou carrinhos “MATCHBOX” – há que se restringir o campo, ou o aspirante a colecionador ficará perdido em meio às opções, criando assim regras para limitar sua coleção para que esta se torne administrável (Bianchi, 1997). Dentro da temática deste trabalho, primeiro decide-se colecionar miniaturas de veículos, depois decide-se que dentre todas as marcas de miniaturas de veículos a opção será pelos “MATCHBOX”, delimitando o objeto de sua coleção. Porém, mesmo entre os maiores colecionadores do mundo, nem todos possuem a totalidade dos modelos e suas variações (Mack, 2001), sendo que a grande maioria dos colecionadores precisa delimitar ainda mais sua coleção para poder ter um foco.

Colecionam-se então os carrinhos de determinada época, de determinada cor, ou as miniaturas de determinado tipo de veículo. Isso também se aplica ao caso em que os “MATCHBOX” são um subgrupo dentro de uma coleção maior. Por exemplo: Digamos que alguém coleccione miniaturas do Volkswagen fusca. E dentro da coleção de fuscas, existe a coleção de fuscas “MATCHBOX”. Não importa ao colecionador, necessariamente, se a ordem da sua coleção contradiz o que foi estipulado pelo fabricante quando do lançamento dos produtos, desde que siga a ordem a que ele se propôs. Bianchi (1997), afirma que “(...) enquanto parte de uma coleção, um objeto é afrouxado de suas relações e hierarquias originais e re-enquadrado em novas” (p. 276). Dependendo dessas novas hierarquias e relações, e do momento em que as coleções foram iniciadas, teremos as motivações para que as coleções depois se tornem expostas (ou não), para que sejam continuadas (ou não) ou até mesmo, vendidas ou repassadas (Lopes, 2010).

Ir a um encontro de colecionadores é uma experiência muito interessante: dezenas de colecionadores (inclusive em encontros interestaduais) trazem suas miniaturas para admiração pública. Algumas, apenas a título de exposição ou divulgação do hobby. Outras miniaturas são destinadas à negociação (venda ou troca). Os valores variam, desde verdadeiras barganhas até valores abusivos, pois na maioria das vezes as leis que ditam os preços, usualmente, se apropriam do princípio da oferta e da procura, sem contar a ansiedade para ter na coleção alguma miniatura que acabou de

sair no mercado e ainda não chegou a todas as lojas (o que por sua vez permite que a importação não-oficial reine sozinha, já que importar diretamente dos EUA pode ser mais rápido que esperar o fabricante trazer os modelos para o Brasil).

Nesse tipo de evento, é fácil observar os diversos tipos de colecionadores de miniaturas: há aqueles que colecionam apenas um modelo de carro, ou os que colecionam apenas de um fabricante de miniaturas; há aqueles que adquirem apenas modelos lacrados em suas embalagens originais e aqueles que não se importam com isso; há o “caçador de novidades” e o “garimpeiro”, que vasculha as mesas em busca de peças mais antigas, perdidas em meio a tantas opções. Ou há até mesmo casos mais curiosos, como o colecionador que comprava sempre cinco unidades (idênticas) de cada modelo. Fato é que muitos desses colecionadores acabaram transformando o hobby em negócio, trabalhando com a importação e exportação de miniaturas, com a confecção de estantes, prateleiras e caixas organizadoras para exibir e preservar as peças, e com a restauração e customização de modelos. Sendo o hobby é uma atividade desempenhada apenas pelo prazer que proporciona, e se esse hobby pode ser convertido em profissão, então tem-se uma profissão que além de gerar lucro, traz prazer ao indivíduo.

Interessante notar que a partir do momento em que se torna parte de uma coleção, o objeto deixa muitas vezes de servir à função para a qual fora projetado; embora isso não seja necessariamente um problema para o colecionador pois, para ele, a funcionalidade do objeto do colecionado é apenas um aspecto de muitos (Bianchi, 1997). O colecionador é um tipo de consumidor diferente, pois compra e não *consume* o produto (Farina, Toledo & Corrêa, 2006, Cavedon, Castilhos, Biasotto, Caballero & Stefanowski, 2007): o carrinho *Hotwheels* que é mantido lacrado dentro de sua embalagem, nunca será usado em brincadeiras por uma criança, ou será colocado para correr numa das diversas pistas que a marca oferece. Muito menos o “MATCHBOX” que está aprisionado em sua embalagem desde 1960, e que agora vale centenas de reais, dificilmente será esquecido no jardim, depois de ter sido objeto de brincadeira de uma criança. Por outro lado, da mesma forma que um colecionador de relógios que a cada dia usa um em seu pulso, ou o colecionador de carros esporte que eventualmente escolherá um para uma corrida no autódromo, há os colecionadores que deixam seus objetos de coleção literalmente protegidos sob uma redoma, e há também aqueles que, esporadicamente, tirarão os carrinhos de suas vitrines para uma “voltinha no carpete”,

retomando as condições de uso original do produto, embora num ambiente muito mais controlado que o adotado por uma criança que não se preocupa com o valor ou a raridade de determinado modelo.

Nos últimos anos, a atividade de colecionar ganhou destaque: multiplicam-se pelo país os encontros de colecionadores, como por exemplo os realizados na cidade de Curitiba, com dois grandes bazares ocorrendo nos Clubes Dom Pedro II e Duque de Caxias, em São Paulo os encontros do Diecast Clube Brasil e da loja Semaan, entre outros em diversas partes do país. Também na mídia, tendo em vista que desde 2009 vários canais de televisão a cabo têm em suas grades de programação atrações com a temática de colecionismo e/ou comportamento obsessivo (Modenese, 2011): hoje, há pelo menos sete programas nesse estilo, indo ao ar quase que diariamente². As pessoas retratadas nesses programas, de salvo exceções, não são “coleccionadores” propriamente ditos, mas pessoas que sofrem de algum tipo de transtorno, como o TOC (transtorno obsessivo-compulsivo) ou o Transtorno de Acumulação.

O colecionismo, todavia, pode ser encarado como um hábito que, em geral, não prejudica o funcionamento global do indivíduo (Storch, Rahman, Park, Murphy & Lewin, 2011; Nordsletten & Mataix-Cols, 2012) e tem função de entretenimento e socialização com outras pessoas com os mesmos interesses (Oliveira & Wielenska, 2008). A coleção pode ainda ser uma “válvula de escape”, um refúgio onde o colecionador se abriga para se distanciar das preocupações e problemas do dia a dia.

As definições de coleção surgem dispersas por vários dos textos consultados – e em nossa pesquisa, encontramos-las igualmente na fala de alguns entrevistados –, mas a partir desses dados podemos inferir que, para que um grupo de objetos seja considerado uma “coleção”, deve corresponder a alguns parâmetros mínimos:

- a) Os objetos deverão ter afeto investido;
- b) os objetos deverão organizar-se sob um tema;
- c) os objetos deverão ter algum tipo de ordenação ou organização;
- d) o colecionador deve manifestar conhecimento a respeito dos objetos (ou o que eles representam), e não apenas adquiri-los – ou seja, não se trata, apenas, de possuir um “carrinho amarelo”, mas um “MATCHBOX” com tal “identidade”, conhecendo seu

² No canal *National Geographic*, temos as séries “Loucos por armas” e “Colecionadores Extremos”; no *History Channel*, “Caçadores de Relíquias” e no *Discovery Home & Health*, “Acumuladores”, “Compulsivos por comida” e “Minha estranha obsessão”

número de série, ano, tipo de réplica, etc. (ou outro tipo de informação específica), apontando assim para um vínculo mais “personalizado” do colecionador com o objeto;

e) a atividade deve ser prazerosa;

f) a atividade não deve prejudicar o funcionamento do indivíduo.

Depois de delimitada, a coleção começa a crescer. É aqui onde o assunto se torna controverso, pois não existe coleção de um item só. Para continuar colecionando, o colecionador compra mais itens, mais material de referência, e a cada novo item criam-se novas ligações, novo conhecimento, o todo cresce em refinamento e em especificação (Bianchi, 1997) e é onde o colecionismo começa a confundir-se com o colecionismo patológico (Bianchi, 1997; Nordsletten & Mataix-Cols, 2012): a partir de que ponto as adições à coleção passam a ser excessivas?

2.2 Colecionismo e TOC

Mercadante, Rosario-Campos, Quarantini & Sato (2004) afirmam que as coleções costumam ter início na infância e são apenas versões modernas do ritual ancestral de armazenagem. Já outros autores afirmam que o colecionismo é um comportamento normal na infância e na idade adulta, e fazem uma diferenciação entre o colecionismo “normal” e o colecionismo patológico (Oliveira & Wielenska, 2008; Storch et al., 2011; Nordsletten & Mataix-Cols, 2012). No que se refere ao colecionismo patológico (CP), este é caracterizado como o:

(...) comportamento de acumular quantidades excessivas de itens com pouco ou nenhum valor utilitário ou material, com dificuldade para fazer o descarte destes mesmos objetos, resultando, ao longo do tempo, prejuízo da qualidade de vida do indivíduo (Oliveira & Wielenska, 2008, p. 27).

As autoras ainda salientam o fato de que ao contrário do que ocorre em português, no idioma inglês existe uma diferenciação entre o colecionador dito “saudável” e o colecionador patológico, pois utilizam o termo *hoarding* para se referir ao comportamento de reunir objetos desorganizadamente. A partir disto, usaremos aqui

o termo “acumulador” para se referir ao colecionador patológico.

Bock (2007) já apontava em seu livro a tendência das pessoas em geral de “recomendar tratamentos” para colecionadores quando, no entanto, “coleccionar não é doença, mas sim um hobby gostoso, uma grata terapia para quem quer viver feliz fazendo o que gosta (sem incomodar ninguém) e ainda contribui com a preservação da espécie” (p.10). Apesar de seu trabalho versar sobre câmeras fotográficas, sua afirmação pode ser transposta para vários outros tipos de coleção.

Não foram encontrados dados oficiais sobre a população de colecionadores no Brasil – o que aponta para a carência de pesquisas nessa área –, somente algumas referências à população com TOC que, segundo Modenese (2011), abarca cerca de 2,5% da população brasileira. Segundo a Vigilância Sanitária³, existem pelo menos 195 acumuladores na cidade de Curitiba. Na Inglaterra, o transtorno afeta parcela igual da população, mas 30% da população desenvolve algum tipo de coleção durante a vida (Nordsletten & Mataix-Cols, 2012). Os números são similares para a população dos Estados Unidos (Farina, Toledo & Corrêa, 2006).

Dentro do colecionismo patológico, subdivide-se a categoria como colecionismo patológico de objetos, colecionismo de animais e Síndrome de Diógenes, que se caracteriza pelo extremo descuido pessoal e habitacional, abandono progressivo do contato social, percepção do problema e acumulação de objetos e lixo (Frost, Steketee & Williams, 2000; Almeida & Ribeiro, 2012). O isolamento do contato social se originaria então da rejeição do mundo exterior, e não por um desejo de permanecer sozinho. A pesquisa de Oliveira & Wielenska (2008) também define o colecionismo não-patológico como uma “interação prazerosa com uma classe específica de objetos cujas características físicas ou funcionais são consideradas especiais pelos aficionados naqueles objetos” (p. 29), e onde o colecionador sente prazer em mostrar esses objetos aos demais, enquanto no colecionismo patológico ocorreria o oposto; além do colecionador sofrer por colecionar e ter pouco ou nenhum controle sobre o impulso de armazenar objetos indiscriminadamente.

As pesquisas em psicologia no Brasil sobre o tema são escassas. Em consulta a três bases de dados em julho de 2013 (SciELO, PePSIC e Lilacs)⁴, usando como palavras-chave no campo “assunto”, os termos “coleccionadores”, “coleccionismo” e “coleções”,

3 Dados da Secretaria Municipal de Saúde, Programa de Saúde Mental, em comunicação pessoal.

4 Pesquisa atualizada em 08/07/2013.

para artigos publicados no Brasil, em português e sem restrição de data, foram encontrados 58 artigos (56 no Scielo, dois no LILACS e nenhum no PePSIC). Destes, os dois artigos listados no LILACS e sete artigos listados no Scielo foram excluídos por não disporem de texto em português, resultando num total de 49 artigos. De acordo com a área de estudo, esses artigos se dividem da seguinte maneira:

Tabela 1 – Levantamento de artigos relacionados ao tema “coleccionismo”:

Área de Estudo	Número de artigos
História	17
Ciências da Informação/Biblioteconomia	13
Biologia	8
Antropologia	6
Radiologia	2
Economia	1
Psiquiatria	1
Pedagogia	1
TOTAL:	49

Os artigos, porém, traziam muitas vezes usos diferenciados para os termos, como os estudos históricos sobre coleções de arte, que tratam a coleção como obra (de um pintor, por exemplo), ou os trabalhos de ciências da informação tratando dos sistemas de organização usados em bibliotecas (aí o uso de “coleções de livros”). O artigo que mais se aproxima – embora ainda sem tratar diretamente – do tema deste trabalho é um artigo de Psiquiatria, que fala da incidência do TOC em pacientes com histórico familiar do transtorno.

Para a quinta edição do DSM (APA, 2013), foi proposto que se incluísse um novo diagnóstico, a *Hoarding Disorder* – algo como “distúrbio de acumulação”, numa tradução livre –, numa tentativa de diferenciá-lo do já estabelecido Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) e também do colecionismo normal ou normativo (Nordsletten & Mataix-Cols, 2012). Para tanto, foram criados seis critérios diagnósticos e dois especificadores para separar o indivíduo que sofre de TOC ou de *Hoarding Disorder* do colecionador normal, como apresentado no DSM-5:

Critério A: Experimentam persistente dificuldade para descartar ou separar-se de suas posses, independentemente do valor que lhes é atribuído.

Critério B: Essa dificuldade se deve à percepção de uma necessidade de guardar os itens e à angústia associada ao seu descarte.

Critério C: A dificuldade para descartar itens resulta na acumulação de posses que congestionam e desorganizam áreas de convívio ativo, comprometendo substancialmente seu uso planejado. Se as áreas de convívio não estiverem desorganizadas, se deve apenas às intervenções de terceiros (familiares, faxineiros, autoridades).

Critério D: O acúmulo causa angústia clinicamente significativa ou prejuízo social, ocupacional, ou em outra área importante do funcionamento (incluindo manter um ambiente seguro para si e para outros).

Critério E: O acúmulo não pode ser atribuído a outra condição médica (lesão cerebral, doença cerebrovascular, Síndrome de Prader-Willi).

Critério F: O acúmulo não pode ser melhor explicado por sintomas de outra desordem mental (obsessões em transtorno obsessivo-compulsivo, energia diminuída em transtorno depressivo maior, ilusões em esquizofrenia ou outra desordem psicótica, déficits cognitivos em transtorno neurocognitivo maior, interesses restritos em desordens do espectro autista).

Especificador 1: Com aquisição excessiva: Se a dificuldade para descartar as posses é acompanhada por aquisição excessiva de itens que não sejam necessários ou para os quais não haja espaço disponível.

Especificador 2:

Com boa ou razoável compreensão: O indivíduo reconhece que suas crenças referentes ao acúmulo e comportamentos (abrangendo a dificuldade para descartar os itens, desordem ou aquisição excessiva) são problemáticas.

Com compreensão pobre: O indivíduo está consideravelmente convencido de que suas crenças referentes ao acúmulo e comportamentos (abrangendo a dificuldade para descartar os itens, desordem ou aquisição excessiva), não são problemáticas, apesar de evidência do contrário.

Sem compreensão/ crenças delirantes: O indivíduo está completamente convencido de que suas crenças referentes ao acúmulo e comportamentos (abrangendo a dificuldade para descartar os itens, desordem ou aquisição excessiva) não são problemáticas, apesar de evidência do contrário.

Com aquisição excessiva: Aproximadamente 80-90% dos indivíduos com

Hoarding Disorder apresentam aquisição excessiva. A mais frequente forma de aquisição é a compra excessiva, seguida da aquisição de itens gratuitos (por exemplo, folhetos, itens descartados por outros). Roubo é menos comum. Alguns indivíduos podem negar a aquisição excessiva ao serem avaliados pela primeira vez, mas isso pode aparecer mais tarde durante o curso do tratamento. Indivíduos com *Hoarding Disorder* tipicamente experienciam angústia se estiverem incapacitados ou impedidos de adquirir novos itens.

O livro destaca, no entanto, que o transtorno de acumulação contrasta com o colecionismo normal a partir do momento em que este último é organizado e sistemático, mesmo quando o número de itens da coleção pode ser confundido com o total acumulado por um indivíduo com transtorno de acumulação. O colecionismo normal não traz incômodo ou prejuízo à vida do colecionador.

O trabalho de Nordsletten & Mataix-Cols (2012), além de avaliar tais critérios, vai um pouco além e esboça uma terceira categoria – o colecionador extremo –, que seria uma espécie de amálgama de características tanto do colecionador comum quanto do acumulador, e poderia estar “perdido” nas estatísticas entre um e outro. Os autores ainda indicam em seu trabalho que a questão do TOC versus colecionismo deve ser pesquisada para evitar falsos positivos e a “patologização do normal”. Essa afirmação vai ao encontro dos escritos de Thomas Szasz (1961/1974) e González Rey (2002), quando se referem aos problemas de rotular pessoas e estas ficarem marcadas por um diagnóstico, designando aquilo que Goffman (1963/1982) chama de “estigma”. As características dos colecionadores não podem ser tomadas sempre ou isoladamente como fatores diagnósticos de algum tipo de transtorno. Binswanger (1956/1977), apesar de aproximar as excentricidades da esquizofrenia, nos diz que a excentricidade é mais uma forma de ser-no-mundo, e afirma que “a essência da excentricidade precisa ser procurada e encontrada além da separação da psicose, da psicopatia e da normalidade, a saber, no fundamento do ser humano em geral” (p. 93). O pensamento do psiquiatra americano Thomas Szasz (1961/1974) aponta na mesma direção, dizendo que doença mental não é algo que uma pessoa tenha, mas algo que alguém faz⁵.

5 Um exemplo do pensamento de Thomas Szasz pode ser visto numa palestra dada pelo psiquiatra, disponibilizada na internet a partir do endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=Y22iKujXr4g>.

3. Metodologia

O que representa o ato de colecionar “MATCHBOX”? Para responder a esta pergunta fez-se necessário ir até a fonte das informações, ou seja, os próprios colecionadores. São eles que têm o vivido concreto ao que nos reportamos enquanto objeto e enquanto ação. Para acessar esses dados, optou-se por uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico. É através da “lente” da Fenomenologia que tentaremos ver além do óbvio, que não se trata de qualificar os colecionadores, *a priori*, como “acumuladores” ou como “portadores” de algum transtorno do comportamento, mas de buscar os sentidos e significados envolvidos em suas ações de colecionar. A partir da Fenomenologia, procura-se suspender as posições estabelecidas ou constituídas para se compreender o que é colecionar. Para facilitar o processo, utilizamo-nos do método da entrevista guiada por um questionário com perguntas norteadoras. O questionário consiste de 11 perguntas abertas e um cabeçalho (Anexo 2). O roteiro foi criado tanto com o intuito de captar a vivência do colecionador de carrinhos “MATCHBOX”, quanto para verificar se os critérios diagnósticos apresentados no DSM-5 se aplicam a essas pessoas (Nordsletten & Mataix-Cols, 2012). Nesse trabalho, os pesquisadores indicam a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto, para validar os critérios diagnósticos apresentados no DSM-5.

O roteiro de entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR (CEP/SD), e a presente pesquisa foi aprovada, segundo o Protocolo Nr. 235.477 (Anexo 3). Os colecionadores foram primeiramente contatados através de correio eletrônico, baseando-se na lista de amigos e clientes cultivada durante os cinco anos nos quais o pesquisador trabalhou com o comércio de miniaturas. A natureza da pesquisa foi explicada de forma breve, e aos que se interessassem em participar, foi requisitado que respondessem ao *email*. Assim que respondido o convite, o TCLE foi enviado. Aos colecionadores que não pudessem comparecer pessoalmente à entrevista, foi oferecida a possibilidade de realizar a entrevista via internet. Falar de algo pessoal sempre pode trazer à tona emoções não tão evidentes, e participar desta pesquisa poderia fazer com que os colecionadores passassem a olhar para suas coleções com outros olhos, positiva ou negativamente, o que eventualmente poderia trazer desconforto. Aos entrevistados que

se desestabilizassem emocionalmente foi oferecido acompanhamento psicológico gratuito pelo pesquisador, mas não houve nenhuma requisição nesta direção.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram os seguintes: expressar o desejo de participar da pesquisa, possuir miniaturas “MATCHBOX” na coleção, ser maior de idade e aceitar o TCLE; e os critérios de exclusão foram ser menor de idade, não devolver o TCLE assinado, e não possuir miniaturas “MATCHBOX” na coleção. De cerca de 30 mensagens enviadas, 28 colecionadores responderam de forma favorável à pesquisa. Considerando-se as limitações de tempo, foram selecionados 15 colecionadores, de acordo com a ordem em que responderam ao *email*, com idades entre 20 e 64 anos – dos quais, onze foram entrevistados pessoalmente e quatro através da internet –, número este por nós considerado suficiente para a pesquisa, como descrito por Binswanger (1956/1977):

(...) Pois na apreensão fenomenológica da essência, o que importa – ao contrário do que ocorre na ciência natural – não é o acúmulo tão grande quanto possível de exemplos ou fatos, mas a apresentação ou rememoração “exemplar” de fatos humanos singulares e a apreensão e fixação das “essências puras” sobre semelhante “base”, ou ponto de partida, exemplar” (p.80)

O método fenomenológico mostra-se adequado para esta pesquisa tendo em vista que se constitui numa abordagem descritiva (Holanda, 2003, 2006), e a intenção é compreender a experiência de ser colecionador, tentando descrevê-la em seus traços fundamentais (Binswanger, 1956/1977) e que são as próprias pessoas colecionadoras que tem a experiência em questão, e podem assim, dar uma descrição compreensiva desta. Sendo uma pesquisa qualitativa, para a análise das entrevistas optou-se pelo modelo de Giorgi (1985), por ser um método que conta com literatura já qualificada na área e acessível ao leitor (Gomes, 1997; Holanda, 2006; Andrade & Holanda, 2010). A pesquisa qualitativa permite a busca da subjetividade, ideal para este trabalho onde buscamos a compreensão da vivência dos colecionadores. O método de Giorgi se divide em quatro passos:

1- O sentido do todo: É feita uma leitura de toda a entrevista, numa tentativa de

tentar alcançar o sentido geral do todo.

2- Discriminação de unidades significativas com base em uma perspectiva psicológica e focada no fenômeno pesquisado: Depois de captar o sentido do todo, o pesquisador relê o texto (tanto quanto necessário) até conseguir discriminar unidades significativas na perspectiva psicológica, com foco no fenômeno pesquisado. A linguagem do sujeito quase não é mudada.

3- Transformação de expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica, dando ênfase ao fenômeno pesquisado: Separadas as unidades de significado, o pesquisador passa por todas elas focando-se no insight psicológico contido nelas. Aqui, a linguagem do sujeito é transformada em linguagem psicológica, com ênfase no fenômeno pesquisado.

4- Síntese das unidades significativas transformadas numa declaração consistente da estrutura do aprendizado. O pesquisador propõe que se sintetize as unidades significativas transformadas no passo 3 numa declaração consistente do significado dos fenômenos observados, denominando essa síntese “Estrutura da Experiência”.

As informações coletadas na pesquisa ficarão sob os cuidados do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) da UFPR, garantindo o sigilo de todo material, e os arquivos digitais contendo gravações das entrevistas realizadas serão destruídos passados cinco anos.

4. Verificando os Critérios Diagnósticos do DSM-5

Para efeitos de referência – e de modo a garantir o anonimato dos colaboradores – nomearemos os colecionadores de acordo com a ordem em que responderam ao questionário (C1, C2, C3, e assim sucessivamente). Os colecionadores entrevistados têm entre 20 e 64 anos, todos residentes no Brasil. Quatorze homens e uma mulher, de variados estados civis e com diversas ocupações. Entre eles, há quem colecione “MATCHBOX” há quase 50 anos, e quem tenha iniciado a atividade há apenas 4 anos, conforme pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 2 – Apresentação dos colecionadores

Colecionador	Idade (anos)	Profissão	Tempo colecionando	Tema da Coleção
C1	50	Confecção de brindes	38 anos	Dos anos 1970 até os 1980
C2	36	Contador e comerciante	8 anos	Preferência pela linha Dodge
C3	50	Comerciante	+40 anos	Só peças que mais gosta
C4	51	Químico	46 anos	Preferência por “MATCHBOX” Superfast “série A”
C5	34	Designer	33 anos	Carros americanos até a década de 70
C6	37	Inspetor de Dutos Terrestres	+35 anos	Preferência por Ferrari
C7	44	Administrador e Professor	+30 anos	Carros do cotidiano da cidade
C8	40	Analista de vendas	13 anos	Foco nos Superfast 1969-1982
C9	34	Motorista	+20 anos	Vários temas
C10	20	Barista	4 anos	Carros clássicos
C11	48	Empresário	+30 anos	Volkswagen, preferência pela Kombi
C12	53	Comerciante	20 anos	“MATCHBOX” em geral
C13	53	Funcionário Público Federal	+30 anos	Preferência por modelos fabricados até década de 80
C14	64	Designer	56 anos	Sem tema específico
C15	35	Jornalista	+30 anos	Vários temas

Apresentados os sujeitos, passaremos à análise dos critérios propostos pelo DSM-5, lembrando que para que o diagnóstico do Transtorno de Acumulação se institua, é necessário que todos os critérios sejam preenchidos. A comparação com os relatos decorrentes das entrevistas, servirá de perspectiva para a discussão sobre a questão do que é “normal” ou “patológico”, podendo auxiliar na compreensão de comportamentos socialmente estabelecidos. Apresentaremos os critérios e especificadores, de acordo com o DSM-5, na forma de perguntas e respostas, ilustrando com o que apontaram os relatos.

Critério A:

“Colecionadores experienciam dificuldade para descartar suas posses, independentemente do valor que outros possam atribuir a essas posses?”. A esse critério podemos responder afirmativamente. Quatorze dos quinze entrevistados confirmaram que têm dificuldade para se desfazer de itens da coleção, como podemos observar nos relatos:

“A dificuldade de desapego é inerente a todo colecionador de verdade. Não penso em me desfazer, considero um patrimônio pessoal que deve passar por gerações para preservar a história” (C12).

“Eu não tenho dificuldade, mas com certeza existem os xodós da coleção que acredito que qualquer colecionador que se preze não troca, não vende, não financia. Mas me considero bem desapegado, consigo ponderar às vezes de trocar um item que me falta mais para completar determinada série com alguém que tenha um que me falta um somente. Consigo pensar nesse sentido” (C8).

O relato do colecionador C7 ilustra bem o afeto investido numa coleção:

“Minha noiva e futura esposa adora todas as coleções. Quando a conheci, brinquei que já tinha quatro filhos e mesmo antes de saber, ela disse que os aceitava. Então eu os nomeei: carrinhos, DVDs, Cds e livros. Como vamos para um novo apartamento, as “crianças” vão junto. Naturalmente penso em me desfazer dos carrinhos mais simples do início da coleção. (...) Já falei do valor dos carrinhos para minha noiva, e disse que por ela e por nossas metas sou capaz de vendê-los, mas a reação dela foi surpreendente: Disse que não iríamos nos desfazer de nenhum filho!”.

Para muitos dos entrevistados, se desfazer da coleção é algo que só seria cogitado numa eventual emergência financeira, como mostra a fala de C6:

“Eu quase nunca me desfiz de nada, por incrível que pareça (aliás, bem que eu preciso fazer isso). (...) Mas eu acho que no fundo, só me desfaço se eu precisar

de dinheiro para alguma emergência e não tiver de onde tirar, caso contrário, acho difícil.”

Mesmo existindo a dificuldade, alguns entrevistados declararam que já se desfizeram de itens da coleção em situações de emergência financeira, como declararam C13 e C14. No geral, a maioria dos colecionadores entrevistados consegue vislumbrar a hipótese de se desfazer de parte de sua coleção, exceção feita a C2:

“Me desapeguei de tudo, curto o momento. Hoje estou curtindo carro 1:1 “de verdade”, então estou me desfazendo da coleção para investir na reforma dos carros antigos. Penso em me desfazer, se aparecer quem pague, que eu ache que vale a pena, vai embora.”⁶

Critério B:

“As dificuldades dos colecionadores para descartar seus itens são devidas à necessidade de guardar seus itens?”. Sim. Os entrevistados apresentam dificuldade para se desfazer dos itens da coleção porque os mesmos estão investidos de afeto, por diversas razões. C15 afirma que guarda os seus porque a coleção tem uma história:

“Os carrinhos que meu pai me deu, que minha vó me deu, que eu comprei, (...), lembro de entrar na loja, escolhendo o brinquedo. Aquilo tá brincadíssimo, ralado, mas o valor que ele tem pra mim é muito maior do que, sabe, pra mim eu não troco, não me interessa, eu tenho às vezes outro igual, mas aquele ali é o meu, e não sou afim de me desfazer dele. Agora, se é uma coisa que eu comprei depois e tal, aí não, mas esses pra mim têm um valor afetivo muito grande. Muito, muito grande, e não me desfaço.”

A maioria dos entrevistados concorda em dizer que só se desfaria da coleção em caso de extrema necessidade financeira, como destacado no item anterior. A exceção, mais uma vez, foi o colecionador C2, que já se desfez de parte da coleção de miniatura,

⁶ Na linguagem dos colecionadores de carrinhos, costuma-se dizer “em escala 1:1” quando se passa a colecionar os carros originais ou trabalhar com eles, ao invés de miniaturas e réplicas.

modificando seu perfil de coleção e que agora declara estar mais interessado em carros antigos.

Critério C:

“Colecionadores acumulam um grande número de posses, ao ponto em que elas preenchem e obstruem áreas da casa, impedindo seu uso normal?”. Em parte. Os colecionadores C4, C5, C6 e C11 declararam abertamente que a coleção obstrui espaços em suas casas.

Perguntando a C4 se a coleção atrapalhava em casa, ele respondeu: *“Sim, com certeza. Ocupa espaço exclusivo e um pouco mais ainda”*. O colecionador C6, por sua vez, disse que sua coleção ocupa o que seria o quarto da empregada doméstica. Porém, a coleção não está mais organizada, e segundo o entrevistado: *“Está meio intransitável por lá”*. Por conta disso, sua esposa pede que não compre mais miniaturas, ou se desfça de algumas para liberar espaço. Situação semelhante à do colecionador C8, hoje divorciado:

“Eu cheguei a ter um cômodo da casa somente destinado para isso, e posso dizer que causou certo desentendimento. Atualmente estou separado e de volta à casa dos meus pais, então está tudo encaixotado. Porém, tudo organizado e catalogado para eu saber onde encontrar as coisas”.

Muitos disseram ter espaços próprios e específicos para suas coleções em suas casas: O colecionador C13 declarou que construiu sua garagem um pouco mais larga para colocar as cristaleiras que abrigam a coleção. Já C3 afirma que a coleção, toda exposta em vitrines, hoje faz parte da decoração de sua casa. E o colecionador C14 chegou a ter o segundo andar inteiro de sua casa dedicado ao seu hobby:

“Era uma casa de dois pavimentos, ela me permitiu que o pavimento superior fosse transformado num “Salão do Hobby”, era um espaço que tinha um quarto grande, mais dois quartos (...). Então tudo aquilo foi ocupado por miniatura”.

Para C10, única mulher a participar da pesquisa, sua coleção fica num espaço

que “não interfere em nada”, e ainda complementa: “*A minha meta é criar uma parede inteira em casa, só de carrinho, de ponta a ponta*”. Observa-se que os colecionadores costumam “adaptar” espaços físicos para acolher suas coleções, mantendo suficiente organização para estas.

Critério D:

“Colecionar é causa clinicamente significativa de algum tipo de prejuízo?”.

Em parte. Dois colecionadores, C4 e C6, afirmaram abertamente que suas coleções atrapalham. C6 reconhece prejuízo na convivência familiar: alega que a coleção ocupa espaço em sua casa, que a esposa se incomoda com isso e não o auxilia mais em tarefas relacionadas às miniaturas (como limpeza e organização, por exemplo). O colecionador C4 esclarece:

“Atrapalha sim. Atrapalha como qualquer hobby, a coleção tende a tomar tempo de relacionamentos, tempo de família, tempo que você teria pra estudar, pra ler, tenho que me policiar muito para não perder o foco de trabalho, da família, o foco das coisas que dão valor à vida”.

Quatro colecionadores afirmaram que a coleção lhes atrapalha em alguns momentos, como por exemplo na hora da limpeza das peças, ou em questões financeiras (o dinheiro gasto na aquisição de novas peças poderia ser empregado em outras atividades e/ou investimentos), como pode ser notado na fala de C5:

“Seria um gasto a menos. (...) O transtorno de espaço dá pra relevar, o transtorno de tempo que se dedica a ela, é um tempo que eu dedico a um hobby, como qualquer pessoa tem que ter um hobby, um passatempo. Algum filósofo que eu não me lembro o nome disse que “tempo que se gosta de perder não é tempo perdido”⁷”.

A maioria (nove entrevistados), porém, declara que a coleção não lhes atrapalha em nada, e ainda os ajuda. Para C9, o relacionamento com sua esposa melhorou depois

7 O filósofo a que se refere o colaborador é Bertrand Russell.

que ela também passou a colecionar; e para C14, sua coleção (não só as miniaturas, mas também livros e revistas) é uma “cultura do automóvel”, um repositório de conhecimento ao qual ele recorrer quando necessário ou por puro prazer. O entrevistado faz ainda uma distinção entre o verdadeiro colecionador e o acumulador:

“Quando meu filho nasceu, me disseram “diga adeus à tua coleção!”. Mas esses talvez fossem juntadores. Acumuladores. Tinham o vermelho, o azul, o branco. Não tinham a história. Meu filho, quando passou a entender alguma coisa, ele via uma miniatura e podia conversar comigo sobre essa miniatura, por exemplo, ele podia vir na biblioteca do pai (ou na dele, ele já tinha alguma coisa). Eu queria dar uma ideia, um conhecimento pro meu filho sobre as miniaturas que o pai dele tinha”.

Crítérios E e F:

“Colecionar se deve a alguma condição médica ou restrita a algum sintoma de outra desordem mental?”. Não. A maior parcela dos colecionadores entrevistados declarou que o início da coleção se deu simplesmente guardando presentes (de pais, avós, irmãos, amigos, etc), sem relatos de traumas ou síndromes, como fica sintetizado no depoimento do colecionador C7:

“Comecei a coleção original conservando os carrinhos que ganhava de brinquedo de meu avô quando ele e minha avó viajavam ao exterior. Nesta época tinha menos de dez anos de idade e era final dos anos 80. Dos 10 aos 15 anos, os carrinhos “MATCHBOX” passaram a ser vendidos no Brasil, e eu juntava dinheiro da mesada para aumentar a coleção, que na época era usada como carrinhos de brinquedo, compondo as cidades e aeroportos que montava para me divertir. Certa vez meu avô viajou a serviço para Manaus, e tive a oportunidade de lhe encomendar quase três dezenas de carrinhos. Claro que ganhei muitos deles, mas as economias de mesada também foram a fonte dos recursos para adquirí-los”.

E também no depoimento de C11:

“O 'start' foi uma Kombi que ganhei quando era pequeno, de um tio meu. Mas o 'start' mesmo foi depois, essa Kombinha eu guardo até hoje, é uma Roly Toys... Mas estava toda detonada, aí o S. pintou ela pra mim igual à minha. Então essa é um carrinho que eu guardo com certo carinho”.

Já para C13, a coleção é um resgate de sua história pessoal: *“Quando adquiri minha independência financeira, resolvi resgatar alguns valores da infância e foquei nas miniaturas ‘MATCHBOX’.* Para o colecionador C6, sua coleção começou antes mesmo que ele nascesse: *“Para falar a verdade, meu pai quem deu um empurrãozinho para eu começar a colecionar. Ele me falava que antes de eu nascer ele já havia comprado uns modelos para me dar. Deste jeito não teria como não virar colecionador”.* Interessante também o relato do colecionador C8: *“Foi achando uma caixa com soldadinhos e carrinhos de ferro em um rancho na casa dos meus pais. Aquela nostalgia toda me fez querer começar uma coleção”.*

As exceções foram o colecionador C3, que respondeu que coleciona há tanto tempo que não se lembra mais como tudo começou, e C2: *“Comecei a colecionar por influência do meu compadre A. Ia na casa dele, via a coleção dele, comecei a comprar um ou outro e de repente já tava colecionando”.* E ainda C10: *“Quando meu irmão começou a se desfazer dos carrinhos dele, aí eu comecei a juntá-los”.*

Especificadores:

1. “Colecionadores compram excessivamente?”. Inconclusivo. Relativo à quantia gasta, C6 colocou uma meta de não gastar mais do que R\$500 por mês, tanto nas próprias miniaturas quanto em caixas organizadoras, valor este considerado como “adequado à realidade” pelo colecionador. O entrevistado também não expressou qualquer desaprovação por parte da esposa referente aos gastos (apenas ao espaço ocupado por elas). Por outro lado, as miniaturas não estão mais organizadas, ficando num quarto na casa, descrito pelo entrevistado como “meio que intransitável”. E por conta desta desorganização, eventualmente C6 adquire uma miniatura que já tinha. Como não consegue organizar sua coleção, isso poderia ser interpretado como “compra excessiva”. Em sua entrevista, o colecionador ainda usa o termo “loucura total” para

descrever seu comportamento de sair buscando todas as variações possíveis:

“(...) Como hoje em dia, sai variação a todo o momento ou mesmo modelos novos, eu acredito que fica complicado. Eu posso falar por mim, que as vezes procuro sarna para me coçar... Fico procurando variação de um determinado modelo ou mesmo passo a gostar de um modelo e vou atrás de todas as variações, loucura total...”

O limite para o colecionador C3 tem o espaço físico como parâmetro: só compra o que pode expor, se não há espaço para expor as miniaturas, não as compra. Os colecionadores C3, C5, C9, C13, por outro lado mostraram que, embora infrequente, já chegaram a gastar entre 30% e 40% do salário com as miniaturas. O colecionador C4 declara que tem uma poupança específica para os gastos com a coleção, enquanto os colecionadores C8 e C12 adquirem miniaturas para suas coleções pessoais com o lucro que obtém comercializando miniaturas, transformando o hobby em negócio, de uma forma similar à apresentada também por C15. É uma forma criativa de alimentar o hobby sem interferir com o orçamento doméstico:

“(...) tenho como meta adquirir mais coisas para mim com a venda de brinquedos antigos e outras minaturas que possuo, sendo assim não mexendo no orçamento (salário) propriamente dito. Eu me considero como auto-suficiente na minha coleção” (C8).

O colecionador C15 demonstra ter consciência do que gasta com sua atividade, estabelecendo um limite de gastos, mesmo admitindo desrespeitar esse limite eventualmente:

“Olha, eu gostaria muito de dizer que sim, mas não é verdade. Esses 300 reais é um limite que eu me coloquei porque acho que é um limite aceitável pro meu orçamento, pra coleção que eu tenho, também, porque quando a gente tem menos coisas, no começo, ou não é questão de quanto você tem, mas a vontade que você tem daquilo, se você tá cheio de vontade, você vai dar um jeito naquilo,

e às vezes extrapola o próprio “jeito” que você deu, né?! (...) Como você sabe eu freqüento, nós frequentávamos feiras, esse tipo de coisa onde há um comércio ali, tanto de escambo, troca e até venda, e isso acho que é um passo que te ajuda a financiar, a alimentar a coleção, porque eu vou, eu troco com as pessoas, eu compro algumas coisinhas a mais pra vender, isso dá um “lucrinho” que é reinvestido na própria coleção, e essas são maneiras de burlar os 300 reais que te falei que estipulei, né?! (Risos)” (C15).

2. “Colecionadores são cientes dos problemas que sua atividade proporciona?”. Em parte. Para o colecionador C6, a coleção lhe traz alguns problemas:

“Minha esposa já passou da fase de gostar ou mesmo me ajudar em alguma coisa relacionada às minhas minis. E como a minha coleção ocupa um espaço grande aqui de casa, ela me enche muito, mas muito o saco para eu parar de comprar, para eu me desfazer daquilo que eu não gosto (até concordo com ela neste ponto) ou mesmo vender tudo”.

O colecionador C4, como já citado, aponta que a coleção toma tempo que poderia ser dispendido em estudos, leitura e na convivência com a família, as “coisas que dão valor à vida”. E o colecionador C8 afirma que a coleção pode trazer prejuízo para os outros, mas não para ele próprio. C6, por exemplo, admite que tem problemas para se desfazer de itens de sua coleção. Alega que talvez até devesse se desfazer de alguns, mas sempre cria empecilhos para não fazê-lo. O critério especificador, porém, fala em “reconhecimento da crença ou comportamento de acúmulo”, e nenhum dos entrevistados vê a coleção, por si só, como um problema. Os demais colecionadores afirmaram que a coleção não lhes traz qualquer tipo de prejuízo, ou apenas problemas simples como “tomar tempo” ou “dar trabalho na hora da limpeza”. A maior parte dos colecionadores, todavia, consegue reconhecer prós e contras no que se refere à coleção, compreendendo que a logística de espaço tem que ser bem organizada, e todos parecem ter uma boa percepção de como viabilizar seu hobby, controlando os gastos com a atividade de forma satisfatória.

Confrontando as entrevistas com os critérios, podemos resumir os dados obtidos

mostrando quais colecionadores preencheram quais critérios do DSM-5 na tabela que se segue:

Tabela 3: Preenchimento dos critérios do DSM-5

	Crit.A	Crit.B	Crit.C	Crit.D	Crit.E	Crit.F	Esp. 1	Esp. 2	Total
C1	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	4/8
C2	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	1/8
C3	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C4	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	4/8
C5	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	5/8
C6	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	8/8
C7	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C8	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	4/8
C9	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C10	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C11	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C12	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C13	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C14	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	3/8
C15	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	4/8

Ou seja, tecnicamente apenas um dos colecionadores entrevistados preenche os critérios necessários para ser enquadrado no Transtorno de Acumulação. Vale destacar a entrevista do colecionador C2, que preencheu apenas um dos critérios. C2 é um colecionador relativamente recente de “MATCHBOX” (colecciona há oito anos), e afirma estar se desfazendo aos poucos de sua coleção para investir em seu novo hobby, que são os carros antigos. Trata-se então, de um “coleccionador em transição”, mudando seu foco de interesse. Como destacado anteriormente, C2 diz “curtir o momento”, o que indica uma forma de poder apreciar vários assuntos, cada um a seu tempo, sem que as peças da coleção sejam investidas de muito afeto e sem promover um acúmulo de objetos. Isto, porém, faz com que ele não se encaixe na definição de colecionador que alguns colecionadores aceitam como verdadeira (em suas próprias concepções), a de que os verdadeiros colecionadores não vendem suas coleções, a não ser em caso de extrema emergência financeira.

Isto poderia, igualmente, mostrar que o conceito de “colecionador”, mesmo dentro do grupo tradicionalmente compreendido como tal, possa acolher uma diversidade de objetos, modos de experiência, etc.

5. Discussão

*“... Um grãozinho de sandice,
longe de fazer mal, dava certo pingo à vida”
(Memórias Póstumas de Brás Cubas)
Machado de Assis*

Os critérios diagnósticos apresentados no DSM-5 não se mostram suficientes, por si só, de modo a permitir classificar o comportamento dos colecionadores entrevistados como patológico, mas suscita algumas questões: Como lidar com a questão da “aquisição excessiva”? Qual critério pode ser utilizado para designar o que é “excessivo”? Para alguém que não tenha interesse na área, ter dez miniaturas – principalmente se forem variações de um mesmo veículo – pode parecer exagero, mas para um colecionador, ter uma centena delas pode parecer normal ou até pouco. Além da questão dos números absolutos, e se mesmo assim o colecionador não reconhecer sua coleção como exagerada? De fato, não podemos “confiar” na percepção do colecionador que supostamente seja doente, mas como definir melhor o que é aquisição excessiva? Qual é o limite para que um profissional tenha parâmetros para diagnosticar a aquisição como “excessiva”? Os entrevistados usaram parâmetros como o espaço ocupado pelas miniaturas e o valor gasto mensalmente com as mesmas, mas nenhum delimitou uma quantidade específica de miniaturas compradas. Há enorme variação de preço entre as peças, iniciando em R\$1 e chegando aos milhares de reais. Se o critério adotado for o valor gasto, tomando-se um valor de referência de mil reais, por exemplo, um colecionador pode optar por adquirir duas ou três peças mais raras (e caras) para sua coleção, ou então um iniciante pode optar por comprar 500, 600 peças de valor mais baixo. Como definir o que é excesso nesse contexto? A título de exemplo, o DSM-5 poderia se valer de conceitos mais claros, como *“Aquisição excessiva a ponto de inviabilizar o orçamento previsto ou necessário para despesas essenciais”*.

O DSM-5 aponta a “dificuldade em se desfazer dos itens” como um critério diagnóstico (critério A), e 14 dos 15 entrevistados responderam afirmativamente que experienciam dificuldade para se desfazer dos itens da coleção. Mas sendo o colecionismo uma atividade permeada de afeto, não é apenas lógico que haja dificuldade em se desfazer dos itens? Afinal, não é apenas um amontoado de carrinhos; são memórias, lembranças, que apenas tomam forma sob a aparência de um veículo em miniatura, e é evidente que haverá dificuldade para abrir mão de um ou mais itens da coleção. Nas declarações dos entrevistados, surgiu por várias vezes o comentário “*Colecionador não vende*”.

O colecionador C6 preencheu todos os critérios, mas analisando seu comportamento de modo global é possível tomá-lo como um falso positivo, dado que um dos critérios foi preenchido apenas circunstancialmente: o colaborador ressalta que a desorganização de sua coleção provém do fato dele não ter residência fixa por conta das suas condições de trabalho, situação que pretende corrigir tão cedo quanto as condições de seu emprego lhe permitam. Deste modo, C6 teria apenas sete dos oito critérios, ou apenas seis, se considerarmos que o critério A (dificuldade para descartar os itens) é falho, como foi colocado anteriormente. Além disso, nenhum dos entrevistados sofre com a atividade (Oliveira e Wielenska, 2008), ao contrário, definem como uma atividade prazerosa.

O trabalho de Nordsletten & Mataix-Cols (2012) vai um pouco além e esboça que poderia haver, além do colecionador e do acumulador, uma terceira categoria – o colecionador extremo –, que seria uma espécie de amálgama de características tanto do colecionador comum quanto do acumulador, e poderia estar “perdido” nas estatísticas entre um e outro. Mais uma vez, a questão numérica: o colecionador extremo teria quantidades imensas de objetos, mas ainda organizados e sistematizados o suficiente para serem definidos como “coleções”. Os autores ainda indicam em seu trabalho que a questão do TOC *versus* colecionismo deve ser pesquisada em maior profundidade para evitar falsos positivos (como no caso de C6) e a “patologização do normal”. Essa afirmação vai ao encontro dos escritos de Thomas Szasz (1961/1974), González Rey (2002) e Goffman (1963/1982), quando se referem aos problemas de rotular pessoas e estas ficarem marcadas por um diagnóstico.

As características dos colecionadores não podem ser tomadas isoladamente

como fatores diagnósticos de algum tipo de transtorno. Binswanger (1956/1977), apesar de aproximar as excentricidades da esquizofrenia, nos diz que a excentricidade é mais uma forma de ser-no-mundo, e afirma que “a essência da excentricidade precisa ser procurada e encontrada além da separação da psicose, da psicopatia e da normalidade, a saber, no fundamento do ser humano em geral” (p. 93). O pensamento do psiquiatra americano Thomas Szasz (1961/1974) aponta na mesma direção, dizendo que doença mental não é algo que uma pessoa tenha, mas algo que alguém faz⁸.

Considerando que certos comportamentos tidos como “excêntricos”, são coletiva e culturalmente aceitos ou acolhidos; bem como certas manifestações de colecionismos – como numismática, filatelia, bibliofilia – não apenas aceitos, mas até mesmo estimulados, poderíamos supor a necessidade de uma reflexão mais aberta sobre a questão. Para os entrevistados, o ato de colecionar constitui-se num resgate, num canal de ligação com memórias agradáveis. Esse ato fala ainda de modos diversos de conexão ou relação com o mundo de sua experiência, perpassado por sua história, seus projetos, seus valores, etc.

Embora possa ter traços de compulsão em alguns casos, como a busca desenfreada por determinado tipo ou variação, os colecionadores parecem ver suas coleções como uma parte agradável de suas vidas, e não um fardo (como o é no caso do transtorno). Além disso, o fato dos colecionadores desenvolverem certo tipo de controle em relação a suas coleções, pode ser considerado um aspecto “saudável” da parte deles, embora não conste nenhuma menção a esse respeito nos documentos técnicos ou mesmo nas pesquisas consultadas.

5. Análise das Entrevistas: Ser Colecionador de “MATCHBOX”

“Sou um colecionador. Como poderia resistir a isso? Sou apenas humano”⁹

Por que uma pessoa resolve que a partir de determinado ponto em sua vida, se dedicará a reunir um tipo de objeto? Certa vez me deparei com um colecionador de relógios, cuja coleção era formada (até então) por 426 peças. Em outras palavras,

⁸ Um exemplo do pensamento de Thomas Szasz pode ser visto numa palestra dada pelo psiquiatra, disponibilizada na internet e acessível a partir do endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=Y22iKujXr4g>.

⁹ Mr. Julius Grayle para Professora River Song. *Doctor Who*, BBC, Londres, 2012.

mesmo que ele usasse um relógio por dia, no decorrer de um ano não teria usado todos os relógios de sua coleção. Um dos problemas que vemos nos critérios diagnósticos apresentados pelo DSM-5 é a “aquisição excessiva” de objetos. Mas o excesso não é determinado, e se torna difícil avaliar o que seria “comprar demais” se não entendermos o que faz de um colecionador, efetivamente, um colecionador e não um acumulador. Considerando os relatos dos entrevistados, dividimos as respostas dessa seção do trabalho em três categorias: a) Como o hábito de colecionar é visto por outras pessoas b) A coleção como resgate histórico; e, c) Coleção como válvula de escape.

6.1 Como o hábito de colecionar é visto por outras pessoas

Thomas Szasz (1961/1974) já apontava os problemas da rotulação das pessoas: a partir do momento em que recebe o “diagnóstico”, o paciente se torna a doença, carregando consigo um estigma (Goffman, 1963/1982). Muitos dos colecionadores trouxeram a queixa de que por vezes não são bem vistos ou compreendidos, e até rotulados como alguém com problemas mentais, como fica evidente na fala de C14:

“Eu já tive desde perguntas que pareciam até uma entrevista pertinente a um assunto de ordem psicológica (com lógica as perguntas), como já tive uma vez, voltando do Paraguai, uma senhora falou: 'Nossa! Você tem tanto filho assim?' E eu disse: 'Não, isso aqui não é pra criança, são miniaturas de coleção, eu tenho mais de seis mil miniaturas na coleção.' E ela: 'Já foi no médico? Já procurou um psiquiatra?' Bem assim”.

O que a maioria das pessoas parece não entender é que para o colecionador (para o entendido, o iniciado, etc) a coleção não é um mero amontoado de objetos iguais, mas cada um conta uma história e possui um significado próprio por si e também dentro de um entrelaçamento com seu mundo, mas não apenas dentro do que já esperava o fabricante (como reproduzir determinado modelo, de determinado fabricante, em determinada escala), mas a partir do momento em que integra uma coleção, um objeto passa a ter outras significações, de acordo com o colecionador (Bianchi, 1997; Ribeiro,

2005; Lopes, 2010). Dos quinze colecionadores participantes, apenas dois disseram que as pessoas acham que colecionar é algo positivo (C5 e C12). Para C3, as pessoas parecem não se importar:

“Maioria nem liga. Olha pra mim com aquela cara de paisagem e diz “Ah tá, então tá.” Não é todo mundo que se importa não.”

Para os colecionadores C6, C8 e C13, as opiniões são mistas:

“As reações são diversas. Algumas pessoas são apáticas, outras acham interessante e outras acham absurda a quantidade e o valor gasto para uma coisa “inútil”. (C13).

“Alguns mais aculturados gostam da ideia e elogiam, prestigiam, etc. Os menos aculturados acham uma perda de dinheiro e tempo, mas de modo geral acho que todo mundo tem um pouco de colecionador, seja com selos, moedas, tampinhas de garrafa, Kinder Ovo, etc. (...)” (C8).

Pode-se perceber um teor de discriminação nos relatos desses colecionadores: C13 refere-se a uma desvalorização de sua coleção, por quem não conhece (“uma coisa “inútil”), enquanto C8 aponta que os *menos aculturados* acham ser uma perda de tempo. Porém, para grande parte dos entrevistados (seis pessoas), o colecionismo não é compreendido pela maioria das pessoas fora do meio:

“Muita gente ri. 'Tiram sarro', “Ah, coleção de carrinho! Fica brincando!”. E brinco mesmo, falo que brinco. Tenho uma das únicas (conhecidas, pelo menos), pistas de arrancada do Brasil, quando vai algum amigo em casa eu monto pra eles verem. Tenho orgulho de ser colecionador, de ter, de mostrar pro pessoal.” (C9).

“Não é bem visto. Dizem que tenho mania. Mania é o quê? Uma obsessão? Dizem que tenho mania. É interessante isso, o pessoal rotula isso como mania,

mas o cara que compra uma carteira de cigarro, uma garrafa de cerveja, esse tá socialmente correto. Pode ver, o cara que compra livro: “Orra, por que esse cara compra tanto livro?” (C11).

“Elas não entendem. A maioria, de modo geral, pergunta: “Mas o que que você faz com isso?” Eu brinco, eu me divirto... Eu falo “eu brinco” pra sacanear mesmo: “Mas você brinca de carrinho?” Brinco. Mas de um modo geral elas não vêem isso assim como um, digamos assim, uma coisa comum. Se eu falasse, por exemplo, que eu jogo tênis, que eu sou atleta, teria menos reação. Que eu corro de carro, sei lá, que eu mergulho... Mas o colecionador elas não entendem, mas aí elas começam as perguntas: “Onde que você guarda? Que que você faz com isso? Quanto você gasta? Tua mulher não reclama?”(C15).

As declarações espelham um certo descaso, talvez até desprezo, pelo ato de colecionar ou pelo próprio colecionador. Como C4 e C11 colocaram anteriormente, é um hobby incompreendido, muitos desqualificam o comportamento apenas por não entendê-lo. Os colecionadores C11 e C15 levantam uma questão interessante: Por que algumas atividades são aceitas mais facilmente pela sociedade? De fato, se um homem sai para comprar uma carteira de cigarro, ninguém achará isso estranho, muito menos absurdo (pouco saudável, não recomendável, sim, mas poucos chamariam de “absurdo”). Mas se o mesmo homem disser que está saindo para comprar uma miniatura, um “carrinho”, certamente se seguirão perguntas. Todo tipo de hobby exigirá algum tipo de investimento (tempo, dinheiro, estudo, preparo físico, etc), mas aparentemente apenas alguns são questionados pela população “não praticante”. Ademais, isso levanta questões sobre critérios e limites para o reconhecimento (ou não) de algo como sendo “patológico” ou inadequado; afinal de contas, um museu é a composição de uma ou mais coleções de objetos, e há inúmeros outros exemplos na sociedade que tratam do mesmo assunto, incluindo a coleção do próprio Charlie Mack (2001, 2013), transformada em museu e aberta a visitantes.

A colecionadora C10 trouxe ainda um problema de gênero. Questionada sobre qual era a reação mais comum das pessoas quando dizia que colecionava carrinhos, ela respondeu:

“Ah, mas você é menina, por que você coleciona carrinhos? É a mesma coisa quando digo que gosto de futebol, que meu irmão coleciona revista de carro e agora a coleção passou pra mim. O povo é preconceituoso. Meu irmão coleciona revista Playboy também, que passou pra mim agora.”

Em outro momento da entrevista, ela ainda complementou sua resposta dizendo que (ao contrário da maioria dos aqui entrevistados) não gosta de mostrar sua coleção para as pessoas em geral, demonstrando o apego e cuidado aos itens colecionados:

“Normalmente eu não gosto de mostrar. Principalmente porque as pessoas têm preconceito, porque eu sou mulher, e porque as pessoas querem pegar e não vão ter o mesmo cuidado que eu tenho.”

Já os colecionadores C4 e C14 trouxeram pontos de vista similares sobre o assunto, afirmando que o colecionismo em geral não é bem difundido no Brasil, o que traz prejuízo aos verdadeiros colecionadores (fazendo a distinção entre o colecionismo e o modismo), e que é uma atividade desenvolvida ao longo do tempo, não apenas algo passageiro:

“Não compreendem. Incompreensão. A maior parte do colecionismo é novo, no Brasil é uma coisa nova. A maior parte é “comprador” de determinado item, comprador de “MATCHBOX”, comprador de carrinho. Colecionismo é uma coisa, é um conceito novo para o brasileiro, então boa parte não entende. O colecionador, não só de “MATCHBOX”, o colecionador é aquele que tem um tema, um gosto, e desenvolve esse gosto ao longo do tempo, não só um período curto.” (C4).

O colecionador C6 também fez uma distinção entre o colecionador e o comprador de carrinhos, que estaria imerso na atividade por lucro ou modismo:

“(…)Como coleciono há muito tempo, o colecionismo está no meu sangue. Não

como esses caras que compram um monte de Hotwheels e dizem que são colecionadores. Hoje aqui no nosso país, em alguns lugares do mundo, virou um negócio. Infelizmente o verdadeiro sentido de colecionismo quase não existe. São raras as pessoas que tem isso. Hoje a grande maioria são “juntadores de carrinhos”, ou pessoas que querem ganhar um dinheiro fácil, ou mesmo dizer para outras pessoas, que tem uma mini que ele não tem, só para aparecer.”

Como colocado anteriormente, como não há importação oficial da marca para o Brasil, o fluxo de produtos “MATCHBOX” no país depende muito de importação, e algumas pessoas acabaram entrando nesse mercado numa tentativa de produzir uma renda extra. Porém, é fácil separar os vendedores sérios dos oportunistas, pois falta aos últimos o conhecimento, a teoria que fundamenta as tabelas de preços e aí surgem as disparidades (modelos comuns sendo vendidos como “raros”, normalmente com preço acima da média, entre outras situações). E prossegue, criticando a decisão da *Mattel* em retirar os “MATCHBOX” do mercado brasileiro, o que dificulta a manutenção da coleção:

“(…) A “MATCHBOX” lança modelos que existem em nossas ruas, mas eles não são vendidos aqui. Modelos simples da Hotwheels são um “parto” para comprar, tá ficando ridículo. Uma coisa que era para ser prazerosa passa a virar um saco.”

Deste modo, além da frustração com os caminhos atuais da empresa no Brasil, C6 mostra interesse não apenas em carros superesportivos, como as Ferrari que se referiu logo no início de sua entrevista, mas também em carros comuns do dia a dia. Esse interesse é perceptível mesmo em não-colecionadores: Durante o tempo em que o pesquisador trabalhou na área, era comum surgirem pessoas que levavam pra casa uma miniatura não por serem colecionadores, mas porque achavam interessante e/ou divertido possuir uma versão em miniatura do carro que dirigiam.

As vendas de “MATCHBOX”, nos seus primórdios (Anexo 1), começaram a crescer a partir do momento em que a empresa passou a oferecer ao público versões miniaturizadas de veículos que podiam ser vistos diariamente, em qualquer via da

cidade. É no mínimo curioso que a *Mattel* decida retirar o produto do nosso mercado justamente no momento em que passa a produzir uma miniatura de um carro brasileiro, sendo que há carência de fabricantes puramente nacionais de miniaturas, e que as políticas de impostos para produtos importados praticadas em nosso país não facilitam a atividade de colecionar.

6.2 A coleção como resgate histórico

Outra faceta do hábito de colecionar ficou evidente nas entrevistas: A coleção como resgate histórico, como um “fio condutor” (C14) que liga memórias da vida do colecionador. Segundo os relatos, podemos dividir o resgate histórico em três categorias: a) história do próprio sujeito; b) a história do automóvel; e c) a coleção como válvula de escape.

6.2.1 História do próprio sujeito

O colecionador fala de si, de sua história de vida, usando a coleção como recurso. A coleção não é um mero agrupamento de objetos, mas é parte da vida do indivíduo. Isso pode ser visto na fala de C15:

“(...) Os carrinhos eu não usei no meu trabalho, mas se eu quiser, a partir dali eu consigo contar a história da minha vida, se eu quiser. Porque eu me lembro de quando que eu comprei esse carrinho, de quem que eu comprei, em que lugar que eu fui, o quanto foi difícil achar esse aqui, ou esse aqui “pô, era supercaro e eu consegui numa barbada”, e a história pra conseguir ele é superlegal, e isso eu acho bacana assim, sabe?! Pra mim é, eu consigo contar não a história da minha vida, mas uma parte dela, e eu me divirto muito com isso. (...) Uma coisa que é parte de quem eu sou mesmo, dá pra a partir da coleção eu contar um pouco da minha vida, se a pessoa estiver interessada e quiser ouvir ali né?! Tanto que tem uma parte que eu organizo, você perguntou se tem subtemas na coleção, tem, tem vários (voltando à pergunta). Mas tem um subtema que eu

criei, até pra tentar por um pouco de ordem naquele caos, assim, aí as pessoas perguntam: “Como é que você organizou isso aqui? É por marca, é por ano? Por cores? A série 1-75?” Aí eu digo: “Não. Minha coleção é organizada autobiograficamente, de acordo com coisas que só estão na minha cabeça, assim, sabe?!”

Ou seja, deste modo C15 demonstra como a coleção se relaciona com sua vida, principalmente quando diz que os carrinhos estão organizados “autobiograficamente”. Fora da ordem prevista quando de seu lançamento na série 1-75, sem seguir qualquer tipo de ordem pensada pelo fabricante, mas seguindo uma ordem que só faz sentido dentro do mundo desse colecionador em específico, de uma forma que ele (e só ele) possa contar sua própria história e de como aqueles carrinhos são importantes dentro da coleção.

A entrevista de C14 também mostra claramente outro exemplo desse aspecto, pois o colecionador conseguiu relatar grande parte de sua história falando de sua coleção, começando na infância quando recebia presentes do avô:

“Meu avô, um relojoeiro, importava brinquedos para a época do Natal. Alguma coisa vinha da Alemanha. Às vezes da marca Schuco, às vezes da marca Marklin... Às vezes... uma outra marca... Lehmann... Eram brinquedos de lata, litografados, me lembro disso... Nem todos eram automóveis, mas a maioria eram brinquedos de automóvel. Sendo alemães, eles eram notáveis pelos seus mecanismos de corda, essa coisa, eram atraentes para as crianças, nossa, aquilo era uma maravilha. (...) Eu não podia ter tudo aquilo, mas eu sempre, debaixo da árvore de natal, encontrava alguma coisa dada pelo meu avô, alguma coisa comprada pelo meu pai, alguma coisa de um padrinho e tal.”

Segue descrevendo sua adolescência, quando os carrinhos ficaram em segundo plano, quando outros aspectos começam a fazer parte da vida de um jovem:

“(...) E aos 18 você quer ser um “hominho”, você dirige automóvel, alguns fumam, outros bebem, falamos das meninas... Então você não pode ter carrinho

na prateleira, assim você se diminui na frente dos teus pais. Então aí eles foram pra dentro de armários... E aí entre comprar um volante esportivo pro automóvel (mesmo que o automóvel fosse da mãe!) e comprar uma miniatura de automóvel, o volante ganhava. Um par de luvas de pilotagem, aquelas com os dedos de fora, ganhava de uma miniatura.”

Finalmente, seu relato atinge a idade adulta, quando os filhos chegaram:

“Aos 27 eu casei, e com 30 anos nasceu meu filho. (...) E eu tinha todos aqueles carrinhos e nasceu um menino. E todos os meus amigos disseram: “Diga adeus à sua coleção!”. Eu não tirei um carrinho de uma prateleira, do que eu tinha exposto em casa, não tirei nada do que eu tinha nas minhas prateleiras no escritório. Desde que o G. nasceu, nós estabelecemos um trato: Eu não brincava com os dele, e ele não colecionava os meus! E nunca me lembro de ter sentado com meu filho e ter que dizer “Isso aqui não, isso aqui é de coleção!”. Meu filho teve todos os carrinhos que o pai dele pôde comprar e que ele poderia ter, este foi um período que a minha coleção não cresceu, porque existia uma prioridade que era o brinqueado do meu filho. (...) A prioridade era ele.”

Aqui, C14 demonstra como a coleção pode ser mantida (embora com a suspensão temporária das aquisições), mesmo quando as vicissitudes da vida dificultam sua manutenção. A declaração de seus amigos (“diga adeus à sua coleção!”) é claramente a declaração de não-colecionadores: Não se “dá adeus”, simplesmente, a um grupo de objetos com tanto afeto investido, só porque naquele momento não se pode dedicar a atenção exigida para sua manutenção. Não é porque um filho nasceu que agora o colecionador terá “o que fazer” com seu tempo livre e não terá tempo para se dedicar ao hobby. O tempo livre pode sim, ter diminuído, mas a ligação com os objetos permanece. A coleção continua, apenas sua manutenção é que foi colocada em suspenso e é algo que depois poderá ser compartilhado com os filhos, como surge mais tarde na entrevista de C14 e também na de C7.

6.2.2 História do automóvel

A coleção funciona como um repositório de conhecimento dedicado a uma área, no caso, o automobilismo. A dedicação aos automóveis, o interesse¹⁰ toma a forma de uma coleção de carrinhos, que representam suas contrapartes em tamanho natural para contar a história do automóvel, da evolução da técnica, de um modelo em específico, das competições ou até suas aparições em filmes e seriados. Isso se mostra na fala de C7, C11 e de forma mais explícita na declaração de C14:

“Eu tinha um Aston Martin DB 2/4, o que que é isso aí? Aí você vai estudar a história do Aston Martin, a carroceriazinha dele era interessantinha, é um carro de 1952, produzido pela Matchbox em 1958, acredito¹¹... Bacana. Aí nos anos 60 essa marca ficou famosa porque o “007” utilizou o carro, “Aston Martin” era o “carro do 007”. Mas eu tinha lá um Aston Martin mais antigo, DB 2/4, o Aston Martin do 007 é um DB5S. Muito bem, o que é “DB”? Ainda não existia essa informação, pra você conseguir um livro, alguma coisa, no Brasil era muito difícil. (...) A Matchbox acabou me ensinando, porque uma vez lendo alguma informação numa caixinha de Matchbox eu li o nome “David Brown”, e aí fui me informar sobre o David Brown. David Brown era um fabricante de tratores na Inglaterra, implementos agrícolas e tal, que comprou essa empresa chamada Aston Martin, e a partir do dia que ele comprou, ele acrescentou no nome Aston Martin a sigla “DB” e pra sorte dele, até hoje os produtos são maravilhosos. Sorte e competência, né?! Só a título de referência, “DB2” porque era o segundo modelo lançado, e “4” porque era um motor de 4 litros. Essa informação eu descobri através de miniaturas. Aí também, deixa eu fazer uma referência aqui, que outras indústrias faziam isso com grande competência: Corgi, Dinky, Tekno, a dinamarquesa Tekno. Muitas delas vinham com um prospectinho dentro da embalagem original se referindo ao carro que eles estavam reproduzindo. Informações como distância entre-eixos, volume do motor, caixa, sistema de suspensão, diversas coisas assim. Então esse conhecimento sobre o automóvel também me foi proporcionado pelas

10 Retomando a etimologia da palavra latina, *inter esse*, “estar em meio”.

11 Referência ao modelo 53A, que foi produzido pela Matchbox, de fato, no ano de 1958.

embalagens das miniaturas, daquela coisa que eu li lá nos meus oito anos, as embalagens das miniaturas.” (...) Eu compro, eu me interesso pela história(...). Você vai buscar uma miniatura daquilo que te emociona.”

Na entrevista de C14, fica claro sua paixão pelos automóveis, materializada num acervo contendo suas miniaturas, livros, fotos e pinturas, que lhe permite dar descrições detalhadas dos mesmos, como se vê no trecho de sua entrevista acima. Um pouco disso também surge na fala de C15, quando explica a delimitação de sua coleção:

“Eu gosto muito da linha Ford, digamos assim, automóveis Ford dos anos 30 e 40, customizados pra Hot Rod... Eu faço ambulâncias, faço carros de polícia, faço ônibus... Eu gosto muito de carros comerciais, carros que tem pintado coisas de entrega, de empresas, de “firmas”, gosto de carros de competição... (...) Como você disse, são subdivisões dentro da coleção geral. Mas se fosse pra resumir assim, eu me interesso mais por carros até a década de 80, e mais máquinas, carros comerciais, carros de competição...”

A visualização dos veículos que aparecem em filmes e outros programas aparece com C7: *“De acordo com a ocasião posso colocar shows ou filmes e depois mostrar os carros que apareceram na tela”*. Nos encontros de colecionadores é comum encontrar colecionadores cujo tema seja justamente os carros temáticos de filmes e seriados, não necessariamente produzidos pela “MATCHBOX”, o que conjuga não só o interesse pelo automóvel, mas também pelo cinema. No discurso do colecionador C11, cuja coleção tem a temática dos veículos Volkswagen, sua preferência pela Kombi se manifestou depois de uma viagem com o veículo:

“O 'start' foi uma Kombi que ganhei quando era pequeno, de um tio meu. Mas o 'start' mesmo foi depois, essa Kombinha eu guardo até hoje, é uma Roly Toys.... Mas estava toda detonada, aí o S. pintou ela pra mim igual à minha. Então essa é um carrinho que eu guardo com certo carinho. Mas o que me chamou depois a gostar da Kombi é que eu gostei do carro. Eu fiz uma viagem em 1997 com uma Kombi antiga, daí eu me apaixonei pelo carro. Daí então eu comprei uma 1:1 e

comecei a comprar as miniaturas de Kombi também. A fixação pela Kombi começou depois dessa viagem, gostei da história da Kombi, da serventia dela, aí fui comprando Kombis em miniatura.”

A coleção de miniaturas de automóvel torna-se, dessa forma, um “mini museu particular”, um acervo onde o colecionador pode reunir os veículos que julga importantes, independente do critério utilizado para montar a coleção. Enquanto C11 focou sua coleção nos veículos Volkswagen (particularmente na Kombi), por sua importância histórica -e até social-, outros colecionadores podem focar suas coleções em outros modelos e marcas, um período histórico, etc. Há também a possibilidade do colecionador de carrinhos passar a ser um colecionador de automóveis (e vice-versa), situação testemunhada pelo pesquisador no caso de alguns clientes nos tempos em que trabalhava com importação de miniaturas, como no caso do colaborador C2 nesta pesquisa.

6.2.3 A coleção como válvula de escape

Para sete dos quinze entrevistados, a coleção funciona também como válvula de escape. Um refúgio com caráter salutogênico para onde o colecionador se dirige para se afastar dos problemas cotidianos. É um mundo particular, contendo apenas o que ele gosta, onde é fácil esquecer das obrigações e cobranças da sociedade e se dedicar a algo apenas por prazer, pela satisfação pessoal, como pode ser percebido na declaração de C3:

“Hoje é mais um relax, à noite, quando tô sozinho em casa, todo mundo foi dormir, vou lá, curto, olho uma peça, vou atrás de uma que não vejo há mais tempo pra relembra-la, mas é mais uma terapia de descanso mesmo.”

O colecionador C6 lamenta o fato de sua coleção não estar em exposição no momento da entrevista, dadas suas condições de trabalho:

“Devido a minha coleção não ser exposta, me sinto envergonhado por não poder mostrar a quase ninguém. Mas na verdade a minha coleção me satisfaz do jeito que ela está. Para mim, basta saber que eu tenho determinada mini e pronto. Não tenho o desejo ou a vontade de ficar me mostrando, preciso apenas “acalmar” o meu “eu”.

Muitas pessoas, porém, acham a atividade interessante, pois na opinião de C6 muitos gostariam de ter um hobby e não o fazem. Talvez esse desejo de ter um hobby se deva ao papel de “válvula de escape” que a atividade promove. Para ilustrar a importância que a coleção tem em sua vida, C6 chega a brincar com a ideia de que seria capaz de passar fome se fosse necessário para manter a coleção. Segundo o entrevistado, ser colecionador é algo que está no sangue, não é para qualquer um, confirmando o que dissemos no item 1.1.1 deste trabalho (p.10). Outros exemplos que surgiram apresentando a coleção como refúgio

“Para mim, representa meu altar; minhas conquistas, um santuário. É onde consigo esquecer dos problemas do dia a dia e libero meu estresse. Olhar, admirar, catalogar, fotografar, comentar para os amigos, tudo é parte de um contexto geral para minha satisfação pessoal. Um alívio para minha alma” (C8).

“É o meu refúgio. É um hobby, uma distração, uma coisa fora dessa loucura que eu vivo, que é só trabalho” (C10).

Além do aspecto contemplativo da coleção, o hobby também pode ser um “facilitador social”, quando o colecionador exhibe sua coleção para amigos e visitantes, seja em casa ou num evento de colecionadores. O colecionador C3 transformou a coleção em parte integrante da decoração de sua casa, e portanto, as peças estão expostas constantemente em *displays* nas paredes e em cristaleiras. Nas palavras de C2, “o pessoal tem que ver né? De que adianta ter as coisas guardadas?”. O colecionador C8 elabora:

“(...) acredito que coleções são para ser mostradas. Não adianta ter coisas lindas e ficar admirando sozinho. Eu penso que mostrar para outros inclusive ajuda a divulgar o colecionismo. Além disso, não é só o fato de mostrar a coleção, quantidades, eu me preocupo em contar a história dos itens que tenho. No caso da “MATCHBOX”, eu costumo comentar sobre a história da “MATCHBOX” além do que mostrar minha coleção me dá grande satisfação pessoal”.

Satisfação pessoal também apareceu no discurso de C8 e C13. Já C4 se mostrou mais reservado: Indagado se mostrava sua coleção para outras pessoas, o colecionador respondeu: *“Com reservas. Só mostro para pessoas que não comentam o que viram. Não permito fotos. Não mostro para jornais, revistas, eu não mostro”.* Os entrevistados C5, C7 e C15 reavaliaram os critérios usados para determinar a quem mostrar a coleção:

“Quando comecei eu mostrava pra qualquer pessoa que eu falasse. Aí percebi que a maioria das pessoas que não coleciona não tem interesse em saber, então só falo sobre isso com quem coleciona” (C5).

“Gosto de mostrar aos familiares e amigos que frequentam minha casa. Mas percebo que poucos se interessam pelas coleções, sejam elas de livros, carrinhos, etc. Respeitam, mas não se entusiasmam. Acho que cultura e arte não é para todo mundo. Na verdade gostaria até de expor o que colecionei, pois atrairia quem dá valor. Imaginava que a história por trás dos veículos, marcas, curiosidades, iria me aproximar ainda mais das pessoas, mas hoje reconheço que é um pensamento carregado de utopia.” (C7).

“Eu gosto e não gosto. Às vezes eu gosto e às vezes não. Pras pessoas em geral, não, Eu gosto de mostrar pra quem é meu amigo, pra quem é colecionador. Às vezes eu não gosto de mostrar pra minha família, por exemplo, porque muita gente o cara olha a tua coleção, e ele não vê aquilo como uma coisa bacana ou uma coisa curiosa, ele olha aquilo e na cabeça já tá fazendo uma conta de quanto aquilo vale e que você deixou de comprar um outro negócio pra ter

aquilo, e eu acho isso “um saco”, não acho isso legal, acho isso chato, cara. Ou então tem gente que “pô, o que que você faz com tudo isso?” (...) eu digo “Eu brinco, pomba!” (...) Mas se vamos a um evento, aí eu acho legal levar. Acho legal e tenho orgulho de mostrar pra quem entende aquilo, pra quem gosta daquilo... Com crianças também tenho uma certa reserva. Só tipo o filho do meu amigo e tal, o cara já viu minha coleção algumas vezes, falou um monte pro filho, e daí o filho quer ver, aí eu deixo, mas tem um limite, né?!”

Vale ressaltar o papel que a internet desempenha para a troca de dados e contato entre os colecionadores: redes sociais e sites de hospedagem e compartilhamento de imagens, bem como os fóruns de discussão dedicados ao assunto, permitem rápido fluxo de informação e facilita a organização de eventos e divulgação de novidades. O colecionador C11 exemplifica: *“Hoje eu tiro uma foto e ponho no Instagram. Se alguém vai lá em casa e quer ver eu mostro, não está à sete chaves. No Instagram dá pra trocar comentários e informação”*. O colecionador C14 vai um pouco além na questão da exibição de suas peças, e afirma que gostaria de ter um museu onde pudesse expor suas peças e a partir delas contar a história do automóvel. No momento da entrevista, o colecionador já se preparava para lançar um site com esse objetivo.

6.3 O que é um “MATCHBOX”, afinal?

Sintetizando grande parte do que foi dito neste trabalho, C14 definiu os “MATCHBOX” como um “fio condutor”: para uma marca com mais de 50 anos, a “MATCHBOX” continua a ser uma parte ativa na vida de muitas pessoas. Definido como “o brinquedo de sua vida” pelo colecionador C3, os “MATCHBOX” são importantes para C10 por sua fidedignidade: *“Eu acho que o design da “MATCHBOX” é muito melhor, a qualidade dos carrinhos é muito melhor, é a réplica mesmo. É diferente da Hotwheels, parecem que eles “fazem por fazer”, eu acho.”*

Para dez dos entrevistados, o “MATCHBOX” representa uma ligação com a infância, o resgate de um período agradável de suas vidas. O colecionador C4 complementa, dizendo que não é apenas o brinquedo preferido, mas uma forma de ter os carros que admira: *“Primeiramente um sonho de infância, um gosto de infância. Não só*

aquele brinquedo que você gostava mais, mas uma realização de uma coisa que você gostaria de ter, que você quer ter, e que você pode ter em forma de miniatura.”

Além da recordação de infância, a escala de aproximadamente 1:64, popularizada pela marca, tornou-se o padrão na coleção de C5: *“A escolha do tamanho dos carrinhos da minha coleção vem dos “MATCHBOX” que tive quando criança, e me remete a uma fase muito boa da vida.”*

O colecionador C6 trouxe um relato muito interessante, contando-nos um episódio de sua infância que nos mostra a riqueza imaginativa das brincadeiras envolvendo os carrinhos ingleses:

“Lembro na minha infância, eu brincava demais com os meus carrinhos, brincava mesmo. Uma vez eu arrumei minhas minis na minha cama de um jeito, que à noite não quis dormir nela pra não desmanchar ou estragar a brincadeira. Dormi no chão. E nesta mesma época (eu tinha uns 5 a 7 anos), tinha uma colcha na minha cama que os desenhos pareciam ruas, e alguns quadrados pareciam quadras. Nem preciso dizer que sempre pedia para minha mãe colocar esta colcha na cama, pois era brincadeira na certa.”

Mesmo no Brasil, onde não era comum encontrar os *play-sets* da “MATCHBOX” (com lojas, estradas, postos de combustível), C6 mostra a capacidade imaginativa das crianças, podendo improvisar ruas em estampas de roupa de cama atingindo tamanha importância que o colaborador não quis desmanchar seu “trabalho” para poder dormir com conforto. Os colecionadores C8 e C11 preferiram definir os carrinhos como ícones de uma época, uma caixinha charmosa que fazia crianças felizes. C15 também opta por definir os carrinhos numa base histórica e autobiográfica, amarrando o significado das miniaturas em sua vida à época de sua infância, rememorando acontecimentos e toda a “mística” envolvida nos pequenos carrinhos que vinham do outro lado do oceano:

“Matchbox” me vem uma época dourada da minha vida à cabeça. Uma coisa muito afetiva a relação que eu tenho com ele, com o “MATCHBOX” em si. (...) E aquela mítica de “putz, vem lá da Inglaterra”, umas coisas diferentes assim, e

eu me lembro daquela época, dos meus pais, dos meus avós, dos lugares, então eu penso, pra mim, ele vem como uma época de ouro da minha vida mesmo, aquela década de 70, até meados dos anos 80, ali quando era bem moleque. É isso que eu me lembro, a primeira coisa que me vem à cabeça com a história do “MATCHBOX”, da caixinha, o cheirinho da caixinha, o papelãozinho, sabe?! (...) E é isso aí, eu me lembro de uma parte boa da minha vida, que eu acho que de alguma maneira, eu tento preservar ou até resgatar às vezes esses sentimentos assim com a minha coleção de “Matchbox”, acho que é isso.”

As memórias relativas aos carrinhos ingleses se espalham pelo campo sensorial: São memórias táteis, visuais, olfativas. Eram brinquedos que exigiam interação para “funcionar”. Embora a maioria tenha ligado o “MATCHBOX” às suas lembranças de infância, C7 transmite uma ideia cíclica, onde as memórias embutidas nos carrinhos não são estáticas e podem ser atualizadas: *“MATCHBOX” é um sinal de boas lembranças de infância, que hoje se transformaram em boas lembranças do momento atual que vivo, e podem ainda se tornar boas lembranças quando vierem os filhos.”*

Outro dado interessante que se mostrou nesta pesquisa, foi o fato de que apenas um dos quinze colecionadores disse ter apenas uma coleção, no caso, a de “MATCHBOX”. Os demais entrevistados declararam ter pelo menos mais uma coleção, que aí pode continuar na linha das miniaturas de automóveis (coleccionar outro fabricante, ou modelos mais específicos), englobar livros e filmes referentes à temática do automóvel (caso de C14), ou não relacionados (C4 e C7, por exemplo), ou ser totalmente diferente, como C3, que declarou coleccionar tênis *Converse All Star* americanos. O único colecionador que se declarou como “coleccionador de um tema só” foi C13, que disse ter *“algumas peças de vidros de Murano”*, mas que não considera como coleção, por não haver “urgência na compra” de mais peças nem afeto investido. São peças que ele vê apenas como decoração de sua casa (e aqui, talvez, o colecionador veja essas peças com o sentido de “coleção” encontrado pelo pesquisador quando da revisão bibliográfica para este trabalho, nos artigos que tratavam de coleções de arte, por exemplo). Curioso também o depoimento de C15, que alegou ter coleções organizadas e não-organizadas, num belo exemplo de como a organização é fator chave para uma coleção:

“Tenho coleções organizadas e não organizadas. Organizadas: Bonecos de Star Wars, já colecionei G.I. Joe. Videogames antigos, principalmente linha Atari. Há outras coisas que não considero coleção, sou jornalista e encaro como um acervo. Temos Cds, DVDs, livros, discos de vinil. Mas isso eu considero como um acervo cultural meu, me apóio nelas para argumentar. E aí tem coleções que eu não alimentei mais, mas não me desfiz, como as de cédulas monetárias.”

7. Considerações Finais

“Depois de um tempo, você pode perceber que ter alguma coisa pode não ser tão agradável quanto, afinal, querê-la. Não é lógico, mas costuma ser verdade¹².”

Segundo as entrevistas, a coleção é um hobby, algo que muitos desejam ter e não fazem, por falta de tempo, conhecimento ou nenhum interesse em particular. Num mundo onde estresse e depressão são termos cada vez mais comuns, ter um hobby pode ser, de fato, uma eficiente válvula de escape para as tensões cotidianas. O DSM-5 se refere a “aquisições em excesso”, porém sem traçar maiores definições a respeito. Como definir “consumo em excesso” na sociedade atual, onde como define Sudjic (2010, p.6), vivemos “como gansos alimentados à força com grãos até seus fígados explodirem para virar foie-gras, somos uma geração nascida para consumir”?

No que se refere à compra de mais itens para a coleção, relativo aos colecionadores que adquirem muitas peças (talvez de forma excessiva) e aos que não organizam suas coleções, estaria o foco do prazer não na coleção em si, não no prazer da compra da miniatura que completará ou adicionará valor à coleção, mas sim na excitação da busca, da conquista, do desejo de ter: seria isso maior que a própria realização de possuir a miniatura no acervo? Na sociedade atual, onde o consumismo parece ser a norma, e vivemos num mundo de objetos descartáveis, é possível ver o *desejo de comprar* como sendo algo maior que o desejo de, efetivamente, *possuir* o objeto? A miniatura mais desejada não é uma em específico, mas sempre “a próxima”, num ciclo de compra sem fim (Fromm, 1976/2008). Se o colecionador tradicional é um

12 Comandante Spock. Jornada nas Estrelas. NBC, Estados Unidos, 1967.

connoisseur, que escolhe com cuidado as peças que farão parte de sua coleção, garimpando modelos há muito fora de linha e reintroduzindo-os na economia, em leilões e bazares (Sudjic, 2010), um colecionador menos tradicional poderia ser apenas um “alvo fácil” para as grandes empresas, comprando tudo o que estas (ou aproveitadores) despejam no mercado pelo preço que for, simplesmente para (por um breve momento) ter o prazer de dizer que tem a “coleção completa”. Ou mesmo declarar seu número de posses, bradando “tenho 20.000 modelos em minha coleção”. Esse é o “juntador de carrinhos”, como um dos entrevistados declarou. Não há história por detrás, não há grandes vínculos, os carrinhos foram comprados simplesmente porque eram “novidade”. Logicamente, a novidade de hoje é o comum de amanhã, o que joga o “juntador” num ciclo interminável de busca-compra-euforia-desânimo, que ajuda somente o fabricante e não o comprador (seja ele colecionador ou “juntador”).

Importante salientar a falta de pesquisas na área, exceto pelos trabalhos cuja temática era o TOC, o que pode ser indicativo de uma “psicologia da patologia”, que tal qual o Alienista de Machado de Assis, se preocupa em estudar e classificar apenas os problemas do ser humano, em vez de uma “psicologia do humano”, que se preocupe também em estudar as atividades que nos beneficiam e nos tornam únicos. O modelo vigente não é o de *Saúde* Mental, mas sim o de *Doença* Mental. Claro que é importante estudar os males que afligem o ser humano, mas o estudo do que faz bem, do que pode tornar as pessoas mais felizes e mais fortes também é importante, e vem complementar o que se conhece sobre sofrimento, fraqueza e desordens humanas (Passareli & Silva, 2007). Entender o que faz bem para uns pode ajudar a entender melhor o que faz mal a outros, quiçá ajudar a desenvolver tratamentos para os que sofrem. Isso vai de encontro à Psicologia Positiva de Seligman & Csikszentmihalyi (2000), que nos diz que a Psicologia deve se preocupar em fazer as pessoas mais felizes, não apenas “livres de problemas”. A Psicologia não deve se ocupar apenas de saúde *versus* doença, mas reconhecer e desenvolver aquilo que temos de melhor, valendo-se do método científico. Segundo os autores, a felicidade está no desenvolvimento (cultural, pessoal, afetivo, social, etc) e é isso que o colecionismo proporciona, como pôde ser visto nas entrevistas contidas neste trabalho.

Algo nos ocorreu durante a execução deste trabalho. Assistindo aos programas que atualmente tratam de “coleccionadores”, mas exibem pessoas rodeadas por objetos

que não preenchem os quesitos que formariam uma coleção, uma questão surgiu: em inglês, usa-se o mesmo verbo (*to collect*) para se referir a “coleccionar” e para “coletar”, o que faria das pessoas mostradas nos programas “coletores”, e não colecionadores propriamente ditos, o que, num erro de tradução (algo comum, se prestarmos atenção aos programas em geral), provocaria uma associação equivocada entre as duas atividades.

O uso do questionário como ferramenta facilitadora nas entrevistas, se em alguns momentos se mostrou limitado – gerando respostas demasiadamente curtas –, em outros atingiu exatamente seu objetivo de provocar uma reflexão, permitindo que os colecionadores realmente parassem para pensar a respeito de suas coleções, discorressem sobre sua ação de colecionar e expressassem seus sentidos. Depois de entrevistados, alguns dos participantes expressaram seus sentimentos de saudosismo e felicidade, retornando às suas coleções e revisitando peças que foram marcantes em suas vidas. A quantidade de dados levantada nas entrevistas foi muito maior do que a esperada, e impossível de ser analisada em sua total profundidade dentro do exíguo espaço de tempo de um programa de mestrado. Esperamos retornar ao assunto e aprofundar o tema em trabalhos futuros, originados desta dissertação.

Referências

- Almeida, R. & Ribeiro, O. (2012). Síndrome de Diógenes: Revisão sistemática da literatura. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 30(1), 89-99.
- Andrade, C.C. & Holanda, A.F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27 (2), 259-268.
- Bianchi, M. (1997). Collecting as a paradigm of consumption. *Journal of Cultural Economics*, 21, 275-289.
- Binswanger, L. (1977). *Três Formas de Existência Malograda: Extravagância, Excentricidade, Amaneiramento*. Zahar: Rio de Janeiro (Original publicado em 1956).
- Bock, M. (2007). *Câmeras Clássicas: As máquinas fotográficas que marcaram época*. Europa: São Paulo.
- Cavedon, N.R.; Castilhos, R.B.; Biasotto, L.D.; Caballero, I.N. & Stefanowski, F. L. (2007). Consumo, Colecionismo e identidade dos bibliófilos: Uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, 13 (28), 345-371.
- Colecenso (2013). Levantamento sobre os colecionadores do Brasil. California Toys, Semaan brinquedos e Blog T-Hunted [online]. [Www.colecenso.com.br](http://www.colecenso.com.br) , <https://www.facebook.com/colecenso>
- Falkensteiner, C. (2006). Christian Falkensteiner's Matchbox Information Page [online]. <http://www.mboxcommunity.com/cfalkens/ChFHomepageIndex.htm>
- Farina, M.C.; Toledo, G.L. & Corrêa, G.B.F. (2006). Colecionismo: Uma perspectiva abrangente sobre o comportamento do consumidor. In: IX SEMEAD Administração no Contexto Internacional, São Paulo.
- Fromm, E. (2008). *To have or to be?* Continuum: New York. (Original publicado em 1976)
- Frost, R.O.; Steketee, G.; Williams, L.F.; Warren, R. (2000). Mood, personality disorder symptoms and disability obsessive-compulsive hoarders: a comparison with clinical and nonclinical controls. *Behavior Research and Therapy*, 38 (11), 1071-1081.

- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (org.). *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Goffman, E. (1963/1982). *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gomes, W.B. (1997). A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. *Psicologia USP*, 8 (2), 305-336.
- González Rey, F.L. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia. Caminhos e desafios*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning.
- Holanda, A. F. (2003). Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: Elementos para um entendimento metodológico. Em Adriano F. Holanda (Org.). *Psicologia e Fenomenologia. Reflexões e Perspectivas* (pp. 41-63). Campinas: Editora Alínea.
- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24 (3), 363-372.
- Houaiss, A. E. & Villar, M.S. (2007). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Objetiva.
- Johnson, D. (2008). *“MATCHBOX” Toys 1947-2007: Identification & Value Guide*. Padukah, KY: Collector Books.
- Leitão, M. & Castelo-Branco, R. (2010). Bebês: o irresistível poder da graciosidade. Um estudo sobre o significado evolutivo dos traços infantis. *Estudos de Psicologia*, 15 (1), 71-78.
- Lopes, J. R. (2010). Colecionismo e ciclos da vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. *Horizonte Antropológico* [online], 16 (34), 377-404.
- Mack, C. (2001). *Collecting “MATCHBOX” Regular Wheels, 1953-1969*. Pennsylvania: Schiffer Publishing Ltd.
- Mack, C. (2013). *Encyclopedia of “MATCHBOX” Toys 1947-2001. Revised 4th Edition*. Pennsylvania: Schiffer Publishing Ltd.

- McGimpsey, K & Orr, S. (1989). *Collecting "MATCHBOX" Diecast Toys: The First Forty Years*. Chester, UK: Major Productions.
- Mercadante, M. T.; Rosario-Campos, M. C.; Quarantini, L. C. & Sato, F. P. (2004). As Bases Neurobiológicas do Transtorno Obsessivo-Compulsivo e da Síndrome de Tourette. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), 80 (2), 35-44.
- Modenese, F. (2011). Quando colecionar se torna obsessão. *Jornal da FMB* (Botucatu). 3 (31), 12.
- Murphy, H. (2000). They've gotta have it. *Forbes Global Life*. Dezembro.
- Nordsletten, A. E. & Mataix-Cols, D. (2012). Hoarding versus collecting: Where does pathology diverge from play? *Clinical Psychology Review*, 32 (3), 165-176.
- Oliveira, M.F.G.A. & Wielenska, R.C. (2008). Colecionismo: fronteiras entre o normal e o patológico. *Psicolog* (Instituto de Estudos do Comportamento), 1 (1), 27-41.
- Passarelli, P.M. & Silva, J.A. (2007). Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*. 24(4), 513-517. Campinas.
- Ribeiro, F.V. (2005). *Entre os extremos do consumo: Fãs, colecionadores e aficionados*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Seligman, M.E.P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*. Vol.55, Nº1. 1-5.
- Storch, E.A., Rahman, J.M., Park, J.R., Murphy, T.K. e Lewin, A.B. (2011). *Compulsive Hoarding in Children*. *Journal of Clinical Psychology In Session* 67: 507-516.
- Sudjic, D. (2010). *A linguagem das coisas*. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro.
- Szasz, T.S. (1974). *O Mito da Doença Mental*. São Paulo: Círculo do Livro (Original publicado em 1961).

ANEXO 1: APÊNDICE

“MATCHBOX”: O surgimento de um ícone

1.1 O nascimento da empresa

O ano era 1940. Leslie Smith e Rodney Smith (que apesar do mesmo sobrenome não eram parentes) se encontram servindo a Marinha Britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Os dois eram colegas nos tempos de escola, e decidem montar um negócio próprio, quando a guerra terminasse (Figura 1). Sete anos depois, estabeleceram uma parceria fundando a *Lesney Products*, nome decorrente da união de seus nomes, Leslie e Rodney. O “*Products*” era adequado, pois até então nenhum dos dois sabia exatamente o que iriam realizar. Leslie Smith era empregado da *J.Raymond Wilson Company*, que confirmava compras do exterior, e Rodney trabalhava na *Diecast and Machine Tools* (DCMT). Os dois mantiveram seus empregos por tempo suficiente até que a *Lesney* estivesse funcionando perfeitamente e lhes permitisse extrair o sustento. Com cerca de 600 libras esterlinas, compraram uma taverna em Londres e algumas máquinas de fundição, planejando fundir peças em ZAMAC para uso industrial. ZAMAC é uma liga metálica composta majoritariamente de zinco, e seu nome provém das iniciais dos metais utilizados em sua composição (Zinco, Alúminio, Magnésio e Cobre).



(Fig.1) Os sócios Leslie Smith e John W. Odell, em frente à fábrica da “MATCHBOX” na década de 1970. (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989)

Outro funcionário da DCMT era John W. Odell, mais conhecido por seu apelido, Jack. Odell juntou-se aos Smith, cedendo sua experiência em fundição. Os três, então, passaram a fabricar peças para outras fábricas, uma entre muitas micro-empresas desse tipo, ajudando a reconstruir a Londres marcada pela guerra.

A demanda pelas peças, porém, não era constante, e a *Lesney* começou a considerar fabricar outros produtos. Algumas fábricas estavam produzindo brinquedos, e eles decidiram seguir o mesmo caminho. O primeiro brinquedo da empresa foi o *Road Roller*, um rolo-compressor, cópia de um modelo da *Dinky Toys*, mas custando 1/3 do preço (Figura 2). A *Dinky* era uma empresa já estabelecida, fabricando brinquedos desde 1931. Os brinquedos, porém, eram destinados às crianças das classes sociais mais altas, em razão de seu custo alto. A versão *Lesney* do rolo-compressor foi vendida em lojas locais, e mesmo que os lojistas o considerassem “lixo”, as crianças gostaram (McGimpsey & Orr, 1989). Foi então que a *Lesney* percebeu que havia um mercado para brinquedos, mas eles não tinham condições (ou vontade) de criar uma estrutura de vendas, armazenagem e publicidade. Nessa época havia empresas especializadas nisso, e foi assim que contataram a *MOKO*.



(Fig.2) Road Roller da Dinky Toys (Fonte: Carlos M. L. Antunes)

Moses Kohnstam fundou uma companhia atacadista em 1875 na Alemanha que embalava, armazenava e distribuía brinquedos perto de Nuremberg. Também dava auxílio financeiro para pequenos produtores de brinquedos. Em 1890, Kohnstam já tinha filiais em Milão, Bruxelas e Londres. Vendia os brinquedos sob a marca *MOKO* (de Moses Kohnstam). Moses morreu em 1912, deixando a empresa sob comando de seu filho, Julius. Após a morte de Julius em 1940, a empresa ficou sob comando de seu neto, Richard Kohnstam.

A *MOKO* agia como agente publicitário para a *Lesney*, divulgando e distribuindo os brinquedos, cobrando uma comissão. Vários produtos *Lesney* foram vendidos sob o nome *MOKO* ou *MOKO by Lesney*, o que era prática comum na época. Nesta época os brinquedos eram rotulados apenas como “*Lesney Toys*”, ou “*Lesney MOKO*”, e eram identificados apenas pelo nome. Além do rolo-compressor, havia 16 modelos, entre eles o *Coronation Coach*, representação da Carruagem de Coroação, o veículo usado pelos monarcas britânicos quando de sua coroação.

No dia 6 de fevereiro de 1952, morre o rei George VI. A nação se prepara para a coroação de sua filha, a Princesa Elizabeth, então com 27 anos. A coroação da princesa, que viria a se tornar a Rainha Elizabeth II, foi a primeira coroação transmitida pela televisão em 2 de Junho de 1953, e Jack Odell viu nisso uma oportunidade: Lançou um modelo do *Coronation Coach*, tendo por base uma molde feito para uma feira de 1951. Depois de 33.000 modelos fabricados, Odell acreditava que uma versão menor da carruagem venderia ainda mais: criou então um molde menor do *Coronation Coach*, e os direitos de produção foram dados exclusivamente a Richard Kohnstam. Foram vendidos mais de 1 milhão de cópias desse brinquedo (Figura 3).



(Fig. 3) O “Coronation Coach”, no tamanho menor em que foi fabricado. (Fonte: Steve Beckett)

Em 1952, surgiu a ideia que daria origem à marca “MATCHBOX”: A filha mais velha de Jack Odell estudava num colégio que só permitia às crianças levarem “brinquedos” que coubessem numa caixa de fósforos (em inglês, *matchbox*):

“Minha filha mais velha tinha apenas começado a ir para a escola e as crianças tinham restrições sobre o que poderiam levar para brincar. A escola permitia apenas que elas levassem embalagens do tamanho de uma caixa de fósforos. Elas colocavam coisas terríveis dentro delas, como besouros e crisálidas. Eu disse, “Veja, você não pode fazer isso”. Ela tentou colocar o Coronation Coach dentro da caixa, ele não coube e isso me deu uma ideia... Se eu pudesse fazer um modelo ou brinquedo que coubesse dentro da caixa, ela poderia levá-lo à escola” (McGimpsey e Orr, 1989, p. 18).

Odell criou então uma versão menor do *Road-Roller*, de latão. A menina levou-o para a escola, e seus colegas perguntaram aonde ela havia conseguido o brinquedo, pois queriam comprar um igual. Odell não tinha como fazer um para cada criança, mas prometeu criar uma versão mais simples, que pudesse ser fundida em escala. Ele fez o molde e levou a ideia para Leslie Smith e Richard Kohnstam, que apoiaram-no. Era uma oportunidade de mercado única: Os *Dinky Toys* eram muito grandes e pesados para serem manuseados por uma garotinha, mas o pequeno rolo compressor era perfeito (McGimpsey & Orr, 1989). Kohnstam gostou da ideia de manter os brinquedos em caixas de fósforo, e durante a discussão Odell tinha no bolso uma caixa da *Norvic Match Co*, uma companhia de fósforos da então Tchecoslováquia, e os Smiths aprovaram a proposta de seguir o formato e as cores da caixa tchecoslovaca (Fig.4).



(Fig.4) Primeiros modelos “MATCHBOX”: Na parte inferior esquerda da foto, pode-se ver a caixa de fósforos “Norvic” que inspirou o desenho das caixas “MATCHBOX”. (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989)

1.2 A série 1-75

Foi a partir desse rolo-compressor, o *Aveling Barford Diesel Road Roller*¹³ (Mack, 2001), lançado em 1953 (Anexo 5), que nasceu oficialmente a "MATCHBOX" (grafado dessa forma, entre aspas e em caixa alta). Ao rolo-compressor, juntaram-se

13 Modelo número 1A, *The Encyclopedia of "MATCHBOX" Toys*, Charlie Mack, 2001.

mais três modelos até o final de 1953, todos versões menores de brinquedos já produzidos pela *Lesney*. Produzidos entre os meses de setembro e outubro, e colocadas no mercado em novembro, os brinquedos eram vistos pelos lojistas como o retrato do fracasso iminente. Depois do Natal de 1953, as crianças perceberam que o únicos brinquedos que podiam comprar com o pouco dinheiro que tinham eram ou um único soldadinho de chumbo, ou um “MATCHBOX”. Segundo Odell: “Você não pode brincar com um soldadinho. Você precisa de alguns... Mas com um brinquedo com rodas, você pode acabar com isso e esquecer essa ideia. Você tem um brinquedo completo.” (McGimpsey & Orr, 1989, p. 60).

Em março de 1954, a demanda pelos brinquedos cresceu, e surgiram encomendas da África do Sul e dos Estados Unidos. Foi só em 1954, entretanto, que os pedidos cresceram substancialmente, com o lançamento do modelo 5A, o tradicional ônibus londrino de dois andares. Até aqui, os brinquedos “MATCHBOX” não eram veículos facilmente reconhecíveis por uma criança da cidade (rolo-compressor, misturador de cimento, trator), mas o ônibus era algo familiar, da paisagem urbana do dia a dia. Esse ônibus era o menor brinquedo *Lesney* já produzido, medindo apenas 52mm de comprimento (Fig.5).



(Fig. 5) O London Bus, modelo 5A. (Fonte: Charlie Mack, 2001)

Até o final de 1954, o catálogo da “MATCHBOX” seria constituído por oito modelos, todos embalados numa caixa que seguia o desenho de uma caixa de fósforos,

especificamente a da empresa tchecoslovaca já citada (Figura 5). Os brinquedos não tinham escala definida: a ideia era fazer, simplesmente, com que coubessem dentro de uma caixa de fósforos. Assim, enquanto o usual seria usar uma escala numérica do tipo 1:64 ou 1:43, dizia-se que os “MATCHBOX” usavam a escala 1:Box. O ano de 1954 também foi o momento em que Odell convenceu Leslie Smith a deixar ser empregado e dedicar-se exclusivamente à *Lesney*, e o empresário Fred Bronner tornou-se o representante oficial da *Lesney* nos Estados Unidos. Os pedidos continuaram aumentando, principalmente em 1955, com o lançamento do modelo 9A, um caminhão de bombeiros baseado no modelo *Dennis F2* de 1948.

Os caminhões e veículos de serviço tinham preferência na linha *Lesney* por opção de Odell, que acreditava que carros de passeio não seriam tão interessantes nessa escala. Foi só em 1955 que algo mais próximo de um veículo de passeio foi produzido: era um jipe *Land Rover* (modelo 12A). Não havia um critério muito rígido na seleção dos modelos que seriam reproduzidos: O *Vauxhall Cresta* 1958¹⁴ (Mack, 2001), por exemplo, foi escolhido porque Jack Odell dirigia um, e foi o primeiro carro realmente familiar produzido pela “MATCHBOX” (Figura 6).

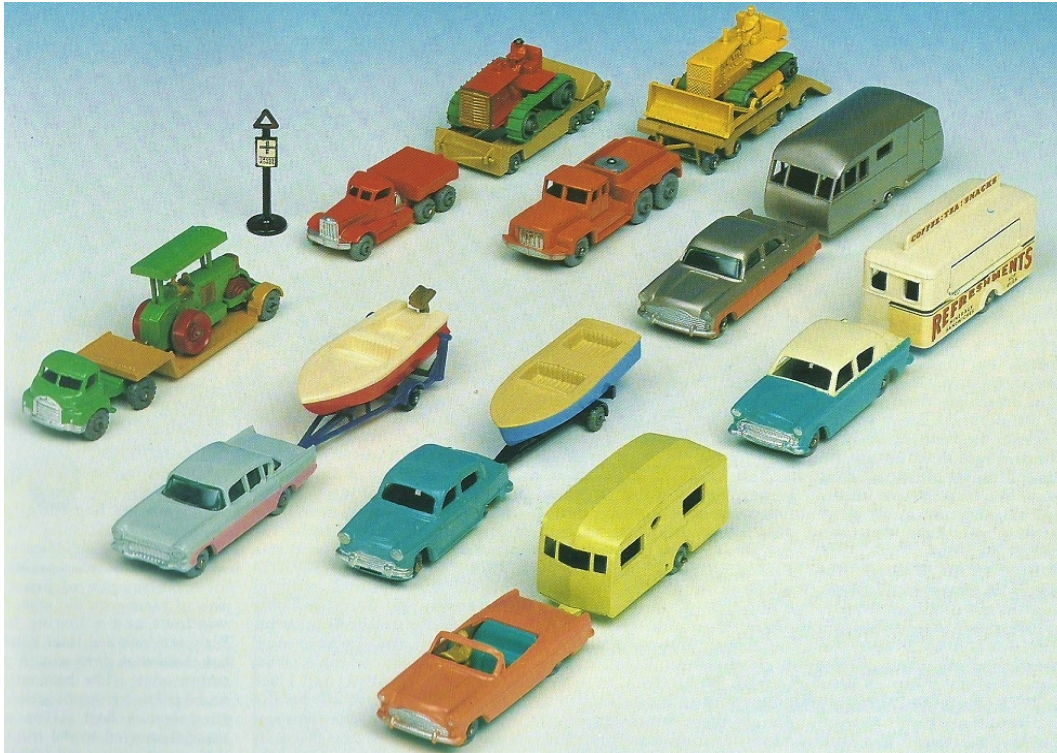


(Fig. 6) O modelo 22B, Vauxhall Cresta de 1958. (Fonte: Charlie Mack, 2001)

O *Cresta* tinha um gancho para reboque, e logo depois foi lançado um *trailer* que podia ser acoplado ao carrinho. Depois do *Cresta*, vários outros modelos

¹⁴ Vauxhall Cresta: Modelo de porte médio-grande produzido na Inglaterra. Modelo 22A, *The Encyclopedia of "MATCHBOX" Toys*.

“MATCHBOX” foram lançados com reboques, para que as crianças pudessem fazer suas combinações (Figura 7). O principal critério era que os carrinhos fossem cópias de carros facilmente reconhecíveis nas ruas, que as crianças pudessem identificar, e não modelos exóticos que apenas aficionados por automóveis conheceriam. O modelo 24C (*Rolls-Royce Silver Shadow*), por exemplo, foi lançado praticamente ao mesmo tempo em que o carro real, no início de 1967.



(Fig. 7A) Modelos dos anos 50 (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989) com várias combinações de *trailers* e reboques, que reproduziam o que as crianças poderiam ver na ruas:



(Fig. 7B) (Fonte: Internet Movie Car Database)

Em 1956 surgiram os primeiros *Models of Yesteryear*, uma série em tamanho maior que representava carros clássicos produzidos até a década de 30. Odell pretendia com isso entrar no mercado internacional, abrindo novos mercados, mas Kohnstam não aprovava a ideia. Nesse mesmo ano, a *Mettoy* apresenta sua série *Corgi*, destinada a concorrer com os produtos mais caros da *Dinky* (Figuras 8, 9, 10 e 11).



(Fig. 8) Os “MATCHBOX” Models of Yesteryear, em escala maior. (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989)



(Fig. 9) Exemplo de modelo da Dinky Toys (Fonte: Wikipedia)



(Fig. 10) Modelo da Corgi Toys. Essas marcas fabricavam veículos em escala maior que os “MATCHBOX”, geralmente com alguma função mecânica, para as crianças de famílias mais abastadas. O modelo da Corgi apresentado possuía limpadores de pára-brisa que se moviam quando o carrinho era empurrado para a frente. (Fonte: Acervo pessoal).



(Fig 11) Comparação que evidencia a diferença de escala entre um modelo Corgi (em vermelho) e um “MATCHBOX” (em azul). (Fonte: Acervo pessoal).

No ano seguinte, surgiram os *Major Packs*, veículos na mesma proporção dos “MATCHBOX” tradicionais, mas eram brinquedos maiores (caminhões, em maioria). Era uma maneira de retomar o passado da *Lesney*. O modelo 34A (*Volkswagen Van*, ou simplesmente *Kombi*¹⁵ para os brasileiros) foi lançado no mesmo ano, tendo em vista as exportações crescentes para o mercado alemão, e outros modelos juntaram-se à linha de produção, num total de 75, criando a linha 1-75. Numerados, os carrinhos se assemelhavam às coleções de figurinhas, e logo as crianças tiveram vontade de ter a coleção completa. Kohnstam não era favorável às exportações, e como os *Yesteryears* estavam vendendo bem, Odell questionava se a *Lesney* ainda precisaria da MOKO: os brinquedos custavam cerca de 17,5% a mais, considerando a margem de lucro de Kohnstam (McGimpsey & Orr, 1989, p. 20), e decide comprar os 50% do capital que Kohnstam detinha. Rodney Smith vende sua parte para Leslie e emigra para a Austrália em 1958. Com o dinheiro das boas vendas e agora com todo o capital da empresa nas mãos de apenas dois sócios, Odell compra também a empresa de Fred Bronner nos

15 A nossa “kombi” era Volkswagen Van ou “Typ 2” em quase todo o mundo. O nome brasileiro é, na verdade, um apelido vindo do termo alemão *Kombinationskraftwagen*, “veículo de uso combinado”.

Estados Unidos, fazendo dela uma subsidiária. Para evitar impostos, os sócios decidem tornar a *Lesney* uma empresa de capital aberto em 1960.

É nesta época que alguns modelos passam a adotar um tipo de suspensão: os eixos não são mais simplesmente fixados à base dos carrinhos, mas ficam apoiados sobre uma lâmina de plástico, dando aos “MATCHBOX” seu “molejo” característico. Outra novidade da época foi o sistema “*auto-steer*”, que equipava alguns modelos e fazia com que as rodas dos carrinhos virassem para os lados apenas com pressão. Os *Major Packs* dão lugar aos “MATCHBOX” *King Size* (que agora também incluem carros, não apenas caminhões), que de certa forma faziam concorrência aos *Dinky Toys* e *Corgi Toys*.

A política de vender seus produtos em diversos locais, e não apenas em uma determinada rede de lojas – como era a prática da *Dinky* e *Corgi* –, além do preço acessível, permitia aos “MATCHBOX” serem uma compra impulsiva, e não apenas fruto de uma ida específica à loja de brinquedos. Em 1966, Fred Bronner cria nos Estados Unidos o primeiro “MATCHBOX” *Collectors' Club*, que em 1972 já tinha mais de 50.000 membros (McGimpsey & Orr, 1989), e surgem as primeiras “*Carry Cases*”, malas com divisórias internas para que as crianças pudessem transportar suas coleções em segurança (Figura 12).



(Fig. 12) Carry Case, maleta para transportar e guardar os carrinhos, década de 1960.

(Fonte: Catálogo MATCHBOX, 1969).

Em 1968, a Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo visitaram a fábrica da Lesney, como reconhecimento de seu desempenho no mercado mundial: a Lesney era, então, a empresa mais lucrativa do Reino Unido (Figura 13). Uma curiosidade é que no mesmo ano, em Amarillo (Texas, EUA), quatro “cápsulas do tempo” foram feitas para a comemoração dos cem anos da descoberta do hélio na atmosfera solar. Essas cápsulas foram preenchidas com hélio e contêm livros, documentos e artefatos e foram seladas para só serem abertas 25, 50, 100 e 1000 anos depois (ou seja, nos anos de 1993, 2018, 2068 e 2968). Entre os artefatos estão 21 modelos “MATCHBOX”, escolhidos pelo presidente do Museu Smithsonian, por representarem com fidelidade os carros da época (McGimpsey & Orr, 1989).



(Fig. 13) A Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo visitam a fábrica da Lesney em 1968. (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989).

Aos poucos, a *Lesney* foi criando acessórios para que as crianças criassem uma verdadeira “Cidade “MATCHBOX””, com postos de gasolina, lojas de conveniência, estacionamentos e estradas. Os kits de pistas (“MATCHBOX” *Motorways*) eram “simuladores de trânsito”, onde os carrinhos eram amarrados por baixo com uma mola, que então era movimentada (ruidosamente) por uma manivela montada na lateral do brinquedo, que pode ser considerado o pai dos autoramas que apareceriam alguns anos mais tarde (versões elétricas dessa “rodovia” também surgiram mais tarde). Havia

também um “jogo do trânsito”, que tinha o intuito de ensinar noções básicas de trânsito para as crianças (Figura 14).



(Fig 14) Motorway. Uma mola por baixo da pista tracionava os carrinhos pela pista. (Fonte: Catálogo MATCHBOX, 1969)

1.3 Concorrência

Com o sucesso dos “MATCHBOX”, não demorou muito para que outras fábricas surgissem. Havia as já estabelecidas *Dinky Toys* e *Mettoy*, que focavam num segmento superior de mercado, com brinquedos maiores e mais elaborados, quase sempre com várias partes móveis. Por toda a Europa surgiram “fábricas de carrinho”: a *Majorette* na França, a *Polistil* na Itália, a *Tomica* no Japão, a *Guisval* na Espanha e a *Siku* na Alemanha, só para citar alguns exemplos. Nos Estados Unidos, surgiram a *Johnny Lightning* e a *Aurora* (esta última lançou uma série de carrinhos “*CIGARBOX*”, que vinham numa caixa que imitava o desenho das caixas de charuto). Nenhuma dessas, porém, conseguiu fazer sombra ao sucesso da “MATCHBOX”. Isso só foi acontecer em 1968, quando a *Mattel* americana lançou a marca que viria a ser a grande concorrente dos carrinhos ingleses: a *Hotwheels* (Figuras 15 e 16).



(Fig. 15) A concorrência nos Estados Unidos: Modelos da Johnny Lightning, Hotwheels e Aurora (Cigarbox). (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989)



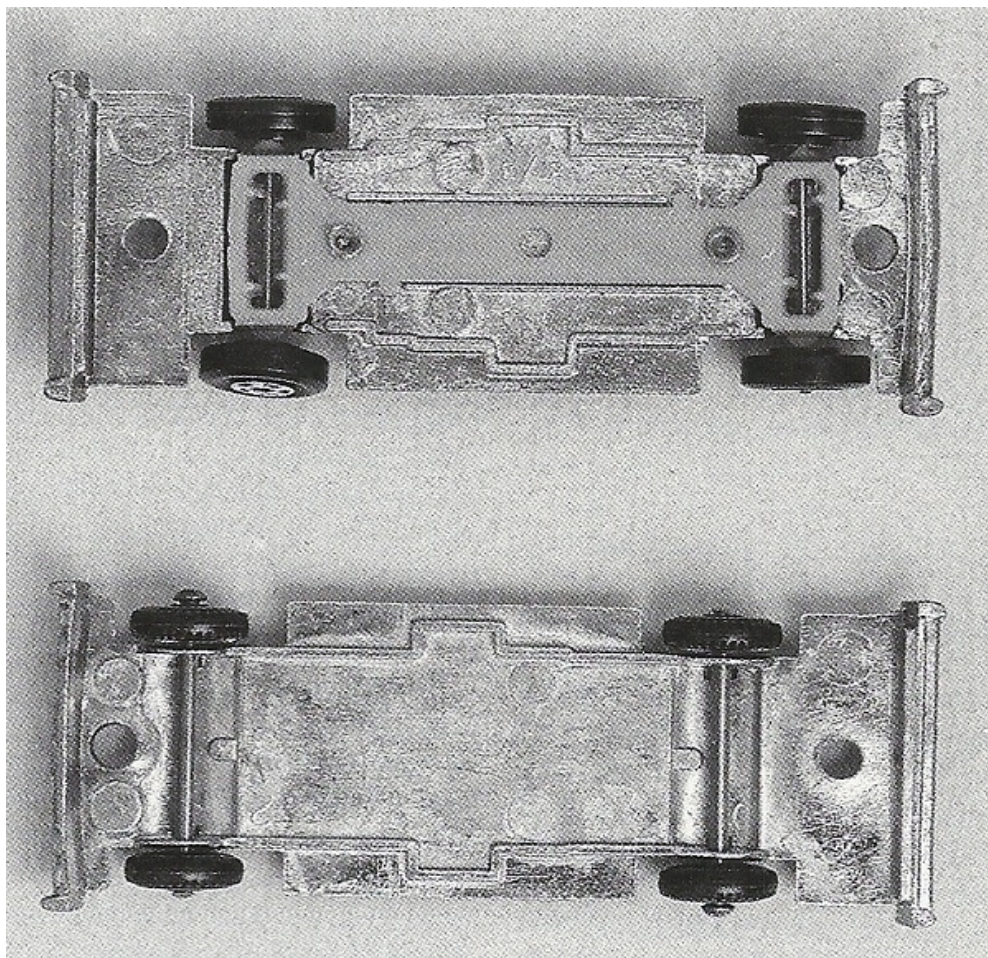
(Fig 16) A Tomica era a concorrente da “MATCHBOX” no Japão a partir de 1970. Da mesma forma que a “MATCHBOX” dava preferência a veículos ingleses (pelo menos no princípio), a TOMICA se concentrou em veículos nipônicos. Só começou a exportar para os EUA e Europa a partir de 2010. (Fonte: Wikipedia)

Fred Bronner havia sido comunicado das intenções da *Mattel*, de fazer algo totalmente inovador, mas Odell e Smith não deram muita importância: “*O que eles podem fazer de tão especial? – quatro rodas e um eixo – nós ficaremos bem*”. Partindo de outro ponto de vista, os *Hotwheels* eram carros-fantasia, inspirados total ou parcialmente em veículos americanos, na maioria. Pintados em cores berrantes, eram mais chamativos aos olhos das crianças. A principal diferença, entretanto, era mecânica: enquanto os “MATCHBOX” usavam rodas muito pequenas com “cravos” e eixos grossos (que freqüentemente oxidavam), os *Hotwheels* usavam eixos de pequena espessura e rodas de baixo atrito, o que permitia que os carrinhos deslizassem com grande facilidade, daí o nome *Hotwheels* (“rodas quentes”, em inglês). Além dos carrinhos, a *Mattel* disponibilizava pistas de corrida, para que as crianças fizessem apostas entre seus modelos: Montadas em declive para aproveitar a força da gravidade, as pistas lançavam os carrinhos em velocidade, muitas vezes com *loopings* e cruzamentos, muito mais movimentadas que as “simulações” da “MATCHBOX”, com pistas representando autoestradas e cidades. Antes da *Hotwheels*, 60% da produção da “MATCHBOX” era destinada aos Estados Unidos. Depois, apenas 10%. O lucro despencou de US\$28 milhões para apenas US\$6 milhões no ano seguinte. Os *Hotwheels* eram produzidos em Hong-Kong, com mão-de-obra barata, e a *Lesney* não tinha como brigar com os americanos em questão de preço, logo, só sobrava brigar por qualidade. Odell não era favorável à ideia de copiar os eixos da *Hotwheels*, mas como os americanos não patentearam sua invenção, ele pôde procurar uma solução (McGimpsey & Orr, 1989).

1.4 A série *Superfast*

A resposta dos ingleses surgiu em 1969, com o lançamento da série *Superfast* (super rápidos). Os “MATCHBOX” *Superfast* mantinham o padrão de qualidade dos modelos anteriores (talvez até superior), mas com uma importante modificação: até então os eixos onde as rodinhas dos “MATCHBOX” se fixavam eram pinos de aço com 1.6mm de diâmetro, duráveis mas que dificultavam o deslizamento dos carrinhos devido ao atrito das rodas com o eixo. Os eixos dos *Superfast* tinham apenas 0.6mm de diâmetro, e as rodas perfeitamente lisas permitiam que os carrinhos deslizassem com

maior facilidade. Os eixos continuavam presos à base dos carrinhos sob uma lâmina plástica (Figura 17). No entanto, como foram produzidos às pressas, os primeiros modelos *Superfast* eram apenas adaptações dos modelos da série 1-75, o que os obrigava a ter rodas mais estreitas do que as utilizadas nos *Hotwheels* americanos.



(Fig. 17) A figura mostra duas bases “MATCHBOX”: Acima, modelo com eixos mais finos (*Superfast*) e a lâmina de plástico que além de prender as rodas no lugar, fazia as vezes de suspensão. Abaixo, a mesma base “regular wheels”, com eixos grossos. (Fonte: McGimpsey & Orr, 1989).

Como a partir do lançamento dos *Superfast* havia dois modelos/sistemas de rodas completamente diferentes, convencionou-se chamar os modelos da série 1-75, os “não-*Superfast*” de “regular wheels” (rodas normais, numa tradução livre). Nem toda a

linha 1-75 foi convertida para *Superfast*: algumas formas não suportariam a troca de roda/eixo. Dez modelos não foram convertidos e foram tirados de linha, e nos catálogos de 1969 podemos ver modelos *Superfast* convivendo com modelos *regular wheels*. Cinco modelos foram convertidos para *Superfast* ainda em 1969: Os modelos 11D, 14D, 15D, 33C e 41C¹⁶, que foram os mais vendidos do período. A partir de 1970, porém, as adaptações foram mais simples e novos modelos foram lançados, permitindo que os “MATCHBOX” *Superfast* tivessem rodas mais largas. Assim, os modelos dessa fase de transição de *regular wheels* para *Superfast* são conhecidos entre os colecionadores como “*Transitionals*” (transicionais).

Aparentemente, a solução do time de Odell foi adequada: Os “MATCHBOX” voltaram a vender mais que os *Hotwheels* e, graças à velocidade que os novos eixos proporcionavam, os *Superfast* ganharam uma série de acessórios que poderiam ser comprados à parte: seguindo o exemplo da *Hotwheels*, a “MATCHBOX” lançou uma série de pistas de velocidade (Figura 18) que estimulavam a “competição” entre os carrinhos. Crianças brincavam só pelo prazer de competir, “apostando corrida” entre seus modelos favoritos, ou até mesmo apostando os próprios carrinhos com amigos (aquele carrinho que perdia a corrida, voltava para casa com outro dono). Até mesmo os modelos em escala maior (King-Size) adotaram os eixos de menor espessura e passaram a ostentar o nome “Superkings” (Figura 19).



(Fig 18) Seguindo a trilha da Hotwheels, a “MATCHBOX” também lança suas pistas de alta velocidade. (Fonte: Catálogo MATCHBOX, 1969)

16 Segundo a “*The Encyclopedia of “MATCHBOX” Toys*”: 11D: Mercedes-Benz Scaffolding Truck, 14D: Iso Grifo, 15D: Volkswagen 1500, 33C: Lamborghini Miura, 41C: Ford GT.



(Figura 19) O Porsche 911 “Polizei” da série Superkings, em comparação a um Porsche 911 da linha “Superfast”: Modelos maiores para brigar com os modelos da Corgi. Essa versão do 911 “Superking” tinha portas que só se abriam após a maçaneta ser acionada. (Fonte: Acervo pessoal).

1.5 “MATCHBOX” no Brasil

No final da década de 70, depois de extensa negociação com o governo, a empresa *Roly Toys* de São Paulo conseguiu autorização para montar as miniaturas no país. Apesar de já existir modelos (importados não-oficialmente) “MATCHBOX” com etiquetas da *Roly Toys* desde a metade da década de 60 (Figura 20), foi só em 1977 que os “MATCHBOX” começaram a ser produzidos no Brasil, na Zona Franca de Manaus. Nesta época, o governo não permitia importações, e então a *Lesney* optou por enviar para o Brasil os componentes dos carrinhos, que então eram pintados e montados (McGimpsey & Orr, 1989). Os carrinhos eram reedições de modelos ingleses, com cores diferentes. Enquanto a produção britânica primava pela fidelidade das cores em

relação aos carros originais, as versões brasileiras eram pintadas com tinta de baixa qualidade, com vários modelos da mesma cor, sem nenhum respeito pelas cores que foram usadas pelo veículo real. Não raro, os carrinhos saíam com peças de cores trocadas (carro vermelho com portas pretas, por exemplo). A qualidade de montagem também deixava a desejar, com rebites mal colocados e rodas desalinhadas. Os primeiros modelos usavam exatamente os mesmos moldes da Inglaterra, incluindo até mesmo o “*Made in England*” estampado no fundo. Mais tarde, os modelos ainda usavam esse molde, mas a origem inglesa era raspada, sem deixar inscrição alguma. Depois, o “*Made in England*” foi substituído por uma placa de plástico com os dizeres “FAB ZF MANAUS” rebitada sobre a inscrição original. Em outro momento, os carrinhos tinham a base raspada e um adesivo de papel indicando a origem brasileira: *INBRIMA* (Indústria de Brinquedos de Manaus). Nos últimos anos dos modelos brasileiros (meados da década de 80), os carrinhos já saíam com moldes próprios, com o “Produzido na Zona Franca de Manaus” estampado no fundo (Figura 21).



(Fig 20) O Rolls-Royce Silver Shadow (1967). Notar a caixa com o selo Roly Toys, na época distribuidora dos “MATCHBOX” no Brasil. (Fonte: Acervo pessoal)

Como foram feitos sem maiores cuidados, não se tem notícia de números exatos da produção da *INBRIMA*. Também não se sabe com certeza quais modelos foram

produzidos, nem em quais cores (McGimpsey & Orr, 1989), e a única referência de que se tem notícia é o site do austríaco Christian Falkensteiner (2006), que lista algumas variações. Sendo assim, os modelos brasileiros nunca foram catalogados oficialmente, e frequentemente se vê no mercado contrafações desses brinquedos. A dificuldade não é apenas encontrá-los, mas fazer a inspeção visual para assegurar de que se trata de um modelo legítimo, e não um modelo comum que foi simplesmente pintado numa cor diferente ou restaurado (Mack, 2002).



(Fig 21) Exemplo de “MATCHBOX” fabricados no Brasil. O modelo em azul (MG 1100), de uma fase anterior, quando apenas a etiqueta era afixada na base do carrinho, e o modelo em preto (Mazda RX7), já da última fase, com a origem da fabricação (Pode-se ler “Prod. Z.F. MANAUS – INBRIMA S.A.”) fundida no próprio molde do carrinho. O MG1100 inglês nunca foi fabricado nessa cor. (Fonte: Acervo pessoal).

1.6 Falência e Incorporação

O ano de 1973 foi complicado para a Lesney: Jack Odell se aposenta, ficando apenas com um cargo honorário. No mesmo ano, uma greve de oito semanas em todo o Reino Unido atrofiou a produção da fábrica, que ainda sofreria um incêndio e um alagamento no departamento de plásticos, obrigando a empresa a tirar de linha os “Models of Yesteryear”, que só voltariam ao mercado em 1975 (Mack, 2002). Para tentar alavancar as vendas, nesse ano também são apresentados os modelos da série “Rolamatics”, que possuíam partes que se moviam através de um sistema de engrenagens nas rodas (McGimpsey & Orr, 1989). Em 1977, apesar dos problemas financeiros, a Lesney adquire a americana AMT, que fabricava kits de plastimodelismo, e a Vogue Doll, que fabricava bonecas. No final da década de 70, a *Lesney* começa a fabricar “MATCHBOX” fora da Inglaterra. Surgiram então modelos japoneses, brasileiros, búlgaros e húngaros que, embora apreciados pelos colecionadores por sua raridade (os modelos japoneses, por exemplo, foram fabricados por apenas um ano), perdem em qualidade para os modelos ingleses. Foi também nesta época que a “MATCHBOX” começou a produzir edições especiais com venda exclusiva para alguns países, como por exemplo os *Range Rovers Rolamatics* comemorativos ao *rally Paris-Dakar* (exclusivos para o mercado francês) e o caminhão *Deutsche Bundespost* (caminhão do correio alemão, exclusivo para a Alemanha). Em comemoração ao Jubileu de Prata da Rainha Elizabeth II, lançam uma edição especial do tradicional ônibus londrino de dois andares, pintada em prata e com adesivos “*Silver Jubilee*”.

A década de 1980 foi palco de mudanças importantes: a palavra *Superfast* deixou de ser estampada no fundo dos carrinhos (já que todos os modelos já usavam eixos finos), e os modelos militares foram aos poucos tirados de linha devido ao baixo desempenho nas vendas. O modelo 8H¹⁷, tinha um teto-solar corrediço e base plástica – o que o tornava muito leve – e muitos viram isso como sinal de queda no padrão de qualidade *Lesney*, por outro lado, o carrinho ainda exibia em sua base detalhes do motor, transmissão, nome do modelo e escala, itens que fazem parte dos “MATCHBOX” até hoje. Em 1981, pela primeira vez a *Lesney* lançou duas linhas de produtos, uma

17 8H: Rover 3500. *The Encyclopedia of "MATCHBOX" Toys.*

exclusiva para os Estados Unidos e outra *R.O.W.* (*Rest of the World*, resto do mundo), além de modelos “*core*”, lançados nos dois mercados. Novas normas de segurança para brinquedos exigiram a modificação das dobradiças das portas dos carrinhos, num sistema copiado por outras fábricas, apesar de patenteado (McGimpsey & Orr, 1989). O ano de 1982 marca a despedida da “*Picture Box*” (caixa com a figura do carrinho) e a introdução da “*Window Box*” (caixa azul, com uma janela coberta por plástico), para tristeza dos colecionadores e alegria dos revendedores, que agora podiam exibir os carrinhos sem auxílio de uma vitrine, pois os carrinhos ficavam perfeitamente visíveis já em suas embalagens (Figura 22).



(Fig 22) Dois exemplos da “window box”, lançada em 1982: À esquerda, o modelo inglês, e à direita, a versão produzida no Brasil pela INBRIMA. (Fonte: Acervo pessoal).

Nesse ano, a empresa contabilizou um prejuízo de quinze milhões de dólares e foi à falência. Outras empresas de brinquedos com a *Fisher-Price* e a *Mattel* almejavam adquirir a fábrica inglesa, mas no dia 24 de setembro foi o empresário David Yeh da *Universal Toys* quem ficou com ela (Mack, 2002). Devido aos altos custos de produção, cerca de três meses após a compra, a maior parte do ferramental da Lesney foi transferido para Macau, (hoje, região administrativa especial da China), embora os carrinhos continuassem a exibir as marcações “*Lesney*” (os *Models of Yesteryear* continuaram com a produção no Reino Unido). Jack Odell adquiriu parte do ferramental da Lesney e fundou sua própria fábrica de brinquedos, a Lledo (“Odell” escrito ao

contrário). Esse ano também viu surgir o modelo 38G¹⁸, que se mostrou popular entre os colecionadores e teve centenas de variações produzidas. Na metade da década de 80, a “MATCHBOX” se associou a fabricantes como *Ford e Chrysler*, lançando os carrinhos simultaneamente com os automóveis, (Ford Sierra e Dodge Caravan e Dodge Daytona Turbo). Uma edição especial da "MATCHBOX" foi entregue aos funcionários e aos primeiros compradores dos carros nas concessionárias (McGimpsey & Orr, 1989).

No ano de 1987, os *Models of Yesteryear* deixaram de ser produzidos na Inglaterra e juntam-se à linha de produção em Macau, e a “MATCHBOX” decide comprar sua outrora concorrente, a *Dinky Toys*. Com a virada da década, porém, a “MATCHBOX” volta a ter dificuldades financeiras, e assim David Yeh tenta vender a companhia à *Tyco Toys*. A operação se concretiza em 1992 (Mack, 2002). Já nesta época, a Tyco Toys englobava diversas fábricas de brinquedo, onde a “MATCHBOX” era apenas mais uma estrela no panteão de empresas do grupo, fazendo concorrência à gigante *Mattel*. Os modelos das divisões *Dinky*, os *Models of Yesteryear* e os *Kingsize* foram tirados de linha ou absorvidos pela recém-criada divisão "*MATCHBOX*" *Collectibles* (Figura 23), que produzia carrinhos com acabamento mais detalhado, algumas vezes com pneus de borracha (ao invés do tradicional conjunto roda/pneu fundido numa só peça de plástico) e geralmente em edições especiais (Johnson, 2008). Os *Collectibles* nem sempre eram encontrados em lojas, mas vendidos apenas sob encomenda, por correio. A série também assegurou as licenças para produzir miniaturas com marcas famosas como *Coca-Cola*, *McDonald's*, *Budweiser* e *Kellogg's*.

18 38G: Ford Model 'A' Van. Em se tratando de um veículo comercial, a Ford Van teve vários logotipos estampados em sua lateral, como Kellogg's, Brasso, Pepsi e a própria “MATCHBOX”.



(Fig 23) “MATCHBOX” Collectibles, com acabamento diferenciado e pneus de borracha. Acima, em sentido horário, modelos “MATCHBOX” Collectibles das séries Barrett Jackson e “MATCHBOX” Ultra e dois modelos comemorativos aos 50 anos da marca. (Fonte: Acervo pessoal).

A concorrência, entretanto, não duraria muito tempo, pois em 1997 a *Mattel* compraria a *Tyco Toys* por 755 milhões de dólares, e com ela, a “MATCHBOX”. A decisão foi seguida por uma completa reforma na linha, com 63 modelos com pinturas novas, 12 modelos completamente novos, e uma série de modelos baseada na franquia de filmes *Jurassic Park*, de Steven Spielberg (Figura 24), que fazia muito sucesso na época com o lançamento do segundo filme. Dois anos depois, a *Mattel* resolve inovar e

abandona a linha de 75 modelos, oferecendo 100 modelos (mas apenas nos EUA). Por alguma razão, a série de 100 modelos não fez muito sucesso e a Mattel volta com a série 1-75 no ano de 2001 (Mack, 2002). Os fãs das duas marcas temiam o destino de ambas, mas a *Mattel* adotou uma estratégia que se mostrou adequada: a “MATCHBOX” se encarregaria de produzir modelos mais realistas, enquanto a Hotwheels teria seu foco em modelos mais fantasiosos (Johnson, 2008). A atitude da *Mattel* se confirmou quando modelos de tratores Caterpillar muito realistas que faziam parte da linha Hotwheels foram remarcados como “MATCHBOX”. No ano de 2003, a *Mattel* tentou inovar e lançou uma série “*Ultra Heroes*”, com carros-fantasia. A série não foi bem recebida pelos colecionadores e logo foi retirada do mercado. Neste ano, também lançaram uma série de modelos comemorativos ao centenário da Ford Motor Company, com miniaturas pintadas em azul, acabamento caprichado e os dizeres “Ford 100” em algum lugar da carroceria, de acordo com o modelo.



(Fig 24) A própria “MATCHBOX” fez séries dedicadas a filmes e seriados (na foto: “Jurassic Park”). (Fonte: Acervo pessoal).

Em 2005 falecem dois fundadores: no dia 30 de maio, falece Leslie Smith, e no dia 7 de julho, Jack Odell, ambos com 87 anos. Neste ano, o nome “*Superfast*” é retomado, e os carrinhos vinham acompanhados de uma caixinha, como nos modelos da década de 70. Os Superfast desta época eram versões limitadas e com acabamento melhor do que os modelos da linha normal.

Alegando insuficiência nas vendas, a *Mattel* suspende a venda de “MATCHBOX” no Brasil em 2007, ignorando abaixo-assinados e pedidos de colecionadores. Interessante notar que a “insuficiência nas vendas” pode ser atribuída à própria política de distribuição da *Mattel*: enquanto os Hotwheels eram facilmente encontrados em qualquer loja de brinquedos, de departamentos ou supermercados do Brasil, os “MATCHBOX” eram restritos a apenas algumas cadeias de lojas. Dados recentes indicam que mesmo sem importações oficiais, os “MATCHBOX” ainda despertam o interesse de colecionadores das mais diversas idades: Pesquisa do COLECENSO (2013), mostra que de 1389 colecionadores entrevistados, 1300 afirmaram colecionar “MATCHBOX”.

O ano de 2008 trouxe a decisão da *Mattel* de focar sua linha de produtos no Brasil nos Hotwheels, retirando a “MATCHBOX” definitivamente do nosso mercado (no resto do mundo, continuou). Colecionadores só conseguiam atualizar suas coleções através de sites como o *Ebay*, importando as miniaturas para revenda ou consumo próprio, o que reduziu drasticamente a oferta e elevou os custos: um carrinho que poderia ser encontrado por R\$5 nas lojas de brinquedos, no ano seguinte não saía a menos de R\$10. Em 2009, a *Mattel* proporcionou uma boa surpresa para os colecionadores: o lançamento da série “*Superfast 40th anniversary*”, que homenageava a série original. Os “40th” eram séries especiais dos já especiais Superfast, e foram produzidos apenas nesse ano. A surpresa maior, porém, viria no ano seguinte: Em 2010, a *Mattel* apresentou os “MATCHBOX” *Lesney Edition*, uma série especial de 20 modelos produzidos como os “MATCHBOX” até 1970: riqueza de detalhes e pouco plástico (apenas rodas, “vidros” e o interior, a base dos carrinhos voltava a ser de metal), além de embalagens que reproduziam os gráficos das caixas que os “MATCHBOX” usavam nos anos 70 (Figuras 25 e 26).



(Fig 25) “MATCHBOX” Lesney Edition, modelos atuais que tentam resgatar o apelo visual que os MATCHBOX Superfast tiveram nos anos 70.(Fonte: Acervo pessoal).



(Fig 26) Embalagens dos “MATCHBOX” Superfast das décadas de 60, 70 e início de 80, respectivamente. (Fonte: Acervo pessoal).

O ano de 2010 trouxe também uma atitude um tanto incoerente por parte da Mattel: Apesar de indisponíveis no mercado do país, foi a primeira vez que a “MATCHBOX” reproduziu em sua linha um veículo brasileiro, no caso, a Volkswagen Saveiro. Ironicamente, a Mattel continuou não vendendo os “MATCHBOX” no Brasil,

fazendo com que os colecionadores tivessem que importar as miniaturas de um carro que podem ver todos os dias nas ruas, enquanto os consumidores americanos tinham o carrinho à disposição, mesmo sem conhecer o carro da Volkswagen. A linha da “MATCHBOX” hoje oferece 120 modelos, e nenhum deles é vendido (oficialmente) no Brasil.

1.7 Catalogação e Classificação

Com o passar dos anos, o número de modelos lançados aumentou a ponto dos colecionadores não conseguirem memorizar todas as variações de cor e o número-código dos modelos. A própria “MATCHBOX” lançava catálogos de bolso, anualmente, mas estes eram publicações simples e de cunho publicitário, não se estendendo muito sobre os detalhes, muito menos sobre o grau de raridade de algumas variações (até porque muitas delas eram apenas erros da linha de montagem). Havia a necessidade de centralização da informação, e catálogos foram surgindo. Um dos primeiros exemplos foi o “*MATCHBOX 1-75 Regular Wheels*”, publicado pela primeira vez em 1976 pela AIM (*American International MATCHBOX*), distribuído a preço de custo e que não dava preço aos carrinhos, mas apenas “valores de troca”: um modelo marcado como “20” poderia ser trocado por dois modelos marcados como “10”, por exemplo. Esse catálogo, propositalmente, não trazia informações sobre as pequenas variações (tons de tinta, detalhes pintados ou não, etc.). O mais importante dos catálogos, porém, é o “*The Encyclopedia of MATCHBOX Toys*”, lançado pela primeira vez em 1997 pelo americano Charlie Mack. Nascido em 1956 em Connecticut, Mack é uma das autoridades mundiais em “MATCHBOX”. Cresceu brincando com os carrinhos ingleses, e aos 11 anos de idade resolveu levar o hobby a sério. Uma década depois, já tinha cerca de 1000 unidades, e por volta de 2001, já tinha cerca de 27.000 modelos “MATCHBOX”. Em 1992 inaugurou o “MATCHBOX Museum”, onde expõe seus modelos e dá explicações aos visitantes sem custo algum (Mack, 2002).

Esse tipo de catálogo permite que os “MATCHBOX” sejam uma coleção reconhecida internacionalmente, pois os carrinhos são listados de acordo com o modelo, cor, tipo de roda e grafismos na pintura (as chamadas “variações”), cada um com seu valor correspondente. Alguns carrinhos chegam a ser vendidos com preço

pouco abaixo ou pouco acima do preço do catálogo, mas é o catálogo que dá a base dos preços. Isso não ocorre para as outras marcas. Com o advento da *Internet*, a compra e a venda das miniaturas ficou incrivelmente mais fácil, já que para procurar determinado modelo basta uma busca nos *sites* certos. Casas de leilão (eletrônicas ou presenciais) se especializaram em colecionadores de brinquedos, como o *VECTIS* (Inglaterra), que frequentemente leiloa coleções inteiras ou subdivisões dessas. Algumas vezes, os preços de alguns "MATCHBOX" muito raros chegam à casa dos dez mil dólares.

Os valores apresentados no livro servem apenas como base, já que com o passar dos anos os modelos tendem a valorizar ainda mais. Além disso, os valores referem-se apenas a modelos em perfeito estado de conservação, depreciando-se de acordo com seu desgaste. Para facilitar a comunicação (descrição do grau de conservação de uma miniatura num leilão, por exemplo), os colecionadores se valem de uma escala, que aqui adaptamos de Johnson (2008):

Tipo	Descrição
Mint	A miniatura está em perfeito estado de conservação, como se tivesse saído da fábrica. Há ainda o "Mint in Box", que além de estar perfeito ainda conta com a embalagem original.
Excellent	Apenas danos mínimos de desgaste podem ser vistos.
Very Good	Danos superficiais visíveis, mas com todas as peças intactas.
Good	Uso excessivo, tinta "lascada".
Fair	Peças quebradas ou faltando.
Poor	Tinta totalmente desgastada, partes faltando ou quebradas.
Salvage	Sucata. Só serve para retirada de peças.

Em seu catálogo, o próprio Charlie Mack adverte que há muitas variações não-listadas, já que o maquinário utilizado para fabricar os carrinhos sofria desgaste ou peças para determinado modelo iam se acabando, além de variações sutis na tinta que fosse comprada do fornecedor "A" ao invés do fornecedor "B". Parte da dedicação dos colecionadores deve-se a isso, pois é preciso conhecer os modelos para se ter certeza de que se está comprando uma peça legítima, e não uma restauração ou contrafacção. Tal qual objetos de arte, o valor de um "MATCHBOX" se dá por sua condição original, não havendo interesse por modelos repintados, restaurados ou reformados. Um modelo raro com a tinta original surrada, vale mais que o mesmo modelo restaurado, mas ainda

apenas uma fração do preço do modelo com a tinta original e em perfeitas condições. A exceção à regra seriam os modelos customizados. Por “customização”, entende-se a pintura ou modificação de modelos com um propósito específico, por exemplo: podemos tomar um modelo “MATCHBOX” como o Opel Vectra¹⁹, originalmente pintado em vermelho-metálico, e pintá-lo com as cores, digamos, o laranja e preto padrão dos táxis da cidade de Curitiba. Uma VW Kombi pode ganhar as cores e dizeres de um veículo dos Correios, ou então reproduzir veículos que aparecem em filmes, seriados e desenhos animados (Figura 27).



(Figura 27) Vectra “Táxi de Curitiba” e Kombi “Correios/SEDEX” customizados. (Fonte: Acervo pessoal).

Mesmo não sendo modelos originais, as miniaturas customizadas chamam a atenção até mesmo de pessoas leigas no assunto (e podem até eliciar nessas pessoas o desejo de entrar no mundo do colecionismo). Modelos restaurados tendem a perder grande parte de seu valor de mercado (geralmente todo ele), mas alguns colecionadores podem pedir que um customizador repinte um modelo antigo, já com pintura desgastada, apenas pelo apego emocional que tem por aquela peça. Customizadores/restauradores sérios costumam usar técnicas diferentes de pintura, para deixar evidente que se trata de uma restauração, no intuito de dificultar a ação de pessoas que queiram passar um modelo restaurado por um que ainda conserve sua pintura original (falsificação).

¹⁹ Referência MB41, *The Encyclopedia of "MATCHBOX" Toys*, Charlie Mack.

ANEXO 2

Roteiro de entrevista

Nome:

Idade:

Profissão:

Estado Civil:

Filhos?

Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”?

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)?

Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

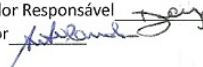
10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

11- O que é um “MATCHBOX” para você?

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- a) Nós, Adriano Furtado Holanda e Douglas Fernando Henrique de Oliveira, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você a participar de um estudo intitulado “Caixinhas de Histórias: Como o colecionador de carrinhos “Matchbox” vivencia sua coleção”. Colecionar é uma atividade comum em nossa sociedade, atividade esta que pode ser considerada patológica
- b) O objetivo desta pesquisa é compreender a relação do colecionador com sua coleção, investigando o que representa o ato de colecionar.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário realizar uma entrevista. Para tanto, você deverá comparecer no Laboratório de Fenomenologia da UFPR (LABFENO-UFPR), localizado no prédio histórico da UFPR (Praça Santos Andrade, número 50, 1º andar, sala 102, Curitiba-PR) para a realização da entrevista, que tem duração aproximada de uma hora. Essa entrevista poderá também ser realizada por meios virtuais (através do programa “Skype”, pela internet), se o entrevistado assim desejar.
- d) Falar de algo pessoal sempre pode trazer à tona emoções não tão evidentes. Participar desta pesquisa pode fazer com que os colecionadores passem a olhar para suas coleções com outros olhos, positiva ou negativamente, o que eventualmente poderá trazer algum desconforto. O entrevistado estará livre para não responder quaisquer questões que julgar invasivas e/ou que venha a gerar desconforto. Aos entrevistados que se desestabilizarem emocionalmente será oferecido acompanhamento psicológico gratuito por parte do pesquisador Douglas Fernando Henrique de Oliveira (Psicólogo, CRP 08/14896).
- e) Espera-se com esse pesquisa elucidar o tema “coleccionismo”, colaborando com a distinção entre comportamentos saudáveis e não-saudáveis.

Rubricas:	
Sujeito da Pesquisa	_____
Pesquisador Responsável	_____
Orientador	

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
 Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
 em Pesquisa do Setor de Ciências
 da Saúde/UFPR.

Em, 03/04/2013

- g) O pesquisador Douglas Fernando Henrique de Oliveira (psicólogo, mestrando em psicologia) responsável por este estudo poderá ser contatado no telefone (041) 8804-7353 , no e-mail doug.psico@yahoo.com.br ou ainda no Laboratório de Fenomenologia da UFPR (Prédio Histórico da UFPR, Praça Santos Andrade, número 50, 1º andar, sala 102, Curitiba-PR) para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- h) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- i) As informações relacionadas ao estudo poderão conhecidas por pessoas autorizadas (orientador de pesquisa). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, **para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade**. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. Tão logo transcrita a entrevista e encerrada a pesquisa o conteúdo será desgravado ou destruído.
- j) As eventuais despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você terá a garantia de que problemas relativos à desestabilização emocional decorrentes da entrevista serão tratados pelo pesquisador.
- k) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa _____

Pesquisador Responsável Douglas

Orientador Douglas

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR. jm


Em, 03/04/2013

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu entendi o que não posso fazer durante a pesquisa e fui informado que serei atendido sem custos para mim se eu apresentar algum problema dos relacionados no item "d".

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.


(Assinatura do sujeito de pesquisa)

Curitiba, ____ de _____ de 2013.



Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Setor de Ciências
da Saúde/UFPR. 

Em, 03/04/2013

ANEXO 4

Transcrições das Entrevistas

Colecionador 1

Idade: 50

Profissão: atualmente desempregado, confeccionava brindes

Estado Civil: Casado

Filhos? 2

Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”? desde os 12 anos de idade

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? dos anos 1970 aos 1980. foi a época em que comecei a colecionar, foi a época que mais me marcou.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual? De selos e de plastimodelismo.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

Boa pergunta. Meu pai começou a me trazer de SP alguns modelos, aí eu comecei a juntar aquilo, brincava com alguns e deixava o resto guardado. Aí começou a coleção.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

Não tenho ideia. Isso vem ao passar do tempo, não sei quanto já gastei. É um “troço” que não dá pra calcular muito não.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a

sua cota, como age?

Varia. Como eu compro de fora a maioria das coisas, quando aparece algum que esteja no meu orçamento, eu acabo comprando, se não, deixa pra lá. Que nem agora, esse mês passado eu comprei muito, então nesse mês agora e no que vem não vou comprar nada não.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Gosto, porque é bonito!

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

“Você é louco!”

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Olha, é um troço que eu sinto prazer em olhar aquilo, é gostoso ver aquilo. É difícil explicar, mas é um prazer ver a minha coleçãozinha principalmente quando se está expondo, mostrando pros amigos... Eu gosto disso.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Para trocar por um modelo melhor, não tenho problema nenhum. Pra liberar espaço, dá-se um jeito de conseguir o espaço em outro canto. Vender pra alguém que queira, hoje estou vendendo coisas que eu tenho para conseguir outras, depois eu compro com o passar do tempo, não é um troço desesperador. Antigamente era desesperador, hoje não é mais. A Internet facilitou muito o trabalho de busca. Não penso em me desfazer da coleção.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Todas elas. Todas no Excel, no computador, sempre venho programando, vendo fotos

novas, montando catálogos...

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Meu prazer. Se parar de dar prazer, eu paro com a coleção.

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

De vez em quando atrapalha. saio do foco do q estou fazendo, se passar na televisão algo sobre coleção, ou procurar no computador, alguma coisa.

11- O que é um “MATCHBOX” para você?

"MATCHBOX" é uma idade que passou (minha). Não pude ter tudo aquilo na época, hoje eu consigo ter. É algo que me dá prazer, como dava antigamente quando brincava com eles, hoje ainda dá.

Colecionador 2**Idade:** 36**Profissão:** contador e comerciante**Estado Civil:** legalmente solteiro, na prática, casado há 15 anos**Filhos?** 1**Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”?** 8 anos**Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?** Hoje não, está variada, matchbox em geral, mas já foi pela linha Dodge**Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?** Brinquedos antigos e uns 2 ou 3 fuscas**1- Você se lembra de como começou a colecionar?**

Comecei a colecionar por influencia do meu compadre Alessandro. Ia na casa dele, via a coleção dele, comecei a comprar um ou outro e de repente já tava colecionando.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

Hoje não gasto mais nada. Mas já gastei até 500 reais mensais.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Hoje é bem pouco, se for te falar, a ultima que comprei faz 2 ou 3 meses. Mas já chegou a ser diário. Cota? Desde que não interfira no orçamento de casa. Só o “extra” mesmo. O que consigo comercializar pra girar minha coleção.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Sim. O pessoal tem q ver né! De q adianta ter as coisas guardadas?

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

A maioria diz que acha legal. Mas tem muita gente que fica surpresa, por causa da idade, “coleccionar carrinho”, chega a ser um absurdo.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Uma válvula de escape.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Hoje já não. Me desapeguei de tudo, curto o momento. Hoje estou curtindo carro 1:1 “de verdade”, então estou me desfazendo da coleção para investir na reforma dos carros antigos. Penso em me desfazer, se aparecer quem pague, que eu ache que vale a pena, vai embora.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Não é organizada. Ela ocupa uma sala só dela.

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Não.

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Nenhum, pelo contrario, só me distrai.

11- O que é um “matchbox” para você?

Recordação da infância.

Colecionador 3**Idade:** 50**Profissão:** Comerciante**Estado Civil:** legalmente solteiro, na prática, casado**Filhos? 2**

Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”? A vida inteira, comecei com 7 anos.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? Não, comecei pela marca, depois afinei só com as peças que mais gosto.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual? Sim. Skates antigos dos anos 60 e 70 e All Star Converse fabricados nos EUA.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

Ah não... tanto tempo já...

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

Hoje nada. Mas já cheguei a gastar 30, 40% do meu rendimento com isso.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Toda semana tem uma pelo menos. Minha cota é o espaço. Só compro o q posso expor, se não posso expor, não compro mais.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Não ligo pra mostrar, quem vai em casa vê, eu gosto de mostrar pra mim mesmo.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

Maioria nem liga. Olha pra mim com aquela cara de paisagem e diz “ah tá, então tá”. Não é todo mundo que se importa não.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Na minha vida? Hoje tá mais tranquilo, mas já fui bem viciado. Hoje é mais um *relax*, à noite, quando “tô” sozinho em casa, todo mundo foi dormir, vou lá, curto, olho uma peça, vou atrás de uma que não vejo há mais tempo pra relembrar ela, mas é mais uma terapia de descanso mesmo.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Já tive. Hoje não sou tão apegado assim, mas tem alguns carrinhos que não tenho vontade de trocar ou vender. Se um dia eu vender é porque vai precisar muito, mas não tenho vontade de me desfazer, não. Mas são poucos assim. Já me desfiz da maioria da minha coleção, por isso hoje é mais leve me desfazer. Eu geralmente escolho temas que são muito difíceis de vender. Então é um tema que eu coleciono porque eu sei que aquilo vai casar comigo o resto da vida mesmo, que ninguém vai querer comprar, entendeu? Então hoje eu foco mais nesses temas, que é uma coisa muito específica, então é muito difícil achar outro “C.” que goste daquilo. Pedal cars, por exemplo, miniaturas de carrinho de pedal, eu adoro miniatura de carrinho de pedal, é uma coisa muito específica, é muito pouca gente que gosta.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Está tudo organizado em vitrines, organizado de acordo com o meu gosto. Não tem nada catalogado, numerado, registrado, isso não tem não. A minha coleção hoje faz parte da decoração da minha casa. A minha sala toda é decorada com a coleção de skate, de carrinhos, de tudo que eu tenho. Então, hoje até minha esposa gosta, minha coleção virou parte da decoração.

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Não.

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Já atrapalhou muito. Dediquei muito tempo, tempo que eu exagerei, mas hoje não atrapalha mais não.

11- O que é um “MATCHBOX

” para você?

É o brinquedo da minha vida.

Colecionador 4**Idade:** 51**Profissão:** Químico**Estado Civil:** Casado**Filhos?** 2**Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”?** Desde os 5 anos de idade.**Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?** Tem preferências. "MATCHBOX", principalmente a série “A” Superfast, mas todos os carrinhos que eu gosto eu compro.**Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?** Livros, carros, alguma coisa de pintura e antiguidades.**1- Você se lembra de como começou a colecionar?** Guardando os presentes que eu recebia, desde o primeiro.**2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?**

Olha eu não faço conta, mas é algo em torno de 10%.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Varia, varia... Depende da oportunidade e circunstância. Não, eu tenho uma poupança exclusiva para isso.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Com reservas. Só mostro para pessoas que não comentam o que viram. Não permito fotos, não mostro para jornais, revistas, eu não mostro.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

Não compreendem. Incompreensão. A maior parte do colecionismo é novo, no Brasil é uma coisa nova. A maior parte é “comprador” de determinado item, comprador de "MATCHBOX", comprador de carrinho. Colecionismo é uma coisa, é um conceito novo para o brasileiro, então boa parte não entende. (Como você definiria o colecionador de Mbx, então?): O colecionador, não só de "MATCHBOX", o colecionador é aquele que tem um tema, um gosto e desenvolve esse gosto ao longo do tempo, não só um período curto.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Hobby. Investimento também.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Não me desfaço. Item de coleção eu não me desfaço. Tenho dificuldade em vender os repetidos.

Pensa em se desfazer um dia? Penso. Penso porque a minha coleção é toda vista como um investimento para complemento de aposentadoria.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Estou começando a fazer isso. Começando a separar por anos, por séries, pra então definir isso. Na casa, atrapalha? Sim, com certeza. Ocupa espaço exclusivo e um pouco mais ainda.

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Tenho e estou com praticamente 95% alcançado. O objetivo são os carrinhos nacionais.

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Atrapalha sim. Atrapalha como qualquer hobby, a coleção tende a tomar tempo de relacionamentos, tempo de família, tempo que você teria pra estudar, pra ler, tenho que me policiar muito pra não perder o foco de trabalho, da família, o foco das coisas que dão valor a vida.

11- O que é um “matchbox” para você?

"MATCHBOX", primeiramente um sonho de infância, um gosto de infância. Não só aquele brinquedo que você gostava mais, mas uma realização de... como vou explicar... uma realização de uma coisa que você gostaria de ter, que você quer ter, e que você pode ter na forma de miniatura.

Colecionador 5**Idade:** 34**Profissão:** Designer**Estado Civil:** Casado informalmente**Filhos?** 2

Há quanto tempo você coleciona "MATCHBOX"? "MATCHBOX", desde que eu tinha 1 ano, quando meu pai fez minha primeira coleção, que era de "MATCHBOX".

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? Ela é feita basicamente de carros americanos até a década de 70, porque eu coleciono miniaturas porque gosto de carros antigos e brinquedos, e a miniatura é as duas coisas numa só.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual? Tive várias e estou me desfazendo da maioria. Só sobrou a de discos de vinil

1- Você se lembra de como começou a colecionar? Pensando assim "vou colecionar", em 2005, conversando com outro amigo meu que também coleciona, na faculdade, a gente achou legal, daí um terceiro amigo me deu de aniversário um "Fordinho" 1932 da Hotwheels, resolvi comprar outro, quando vi tinha quatro e passei a colecionar.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

Hoje, 5%, no máximo, mas já gastei muito mais. Hoje é bem mais controlado. Já cheguei a gastar 1/3 do meu salário em determinado mês.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Mensalmente. Limite existe, mas não tem uma formatação. Se for uma oportunidade

única não importa, aí fico sem comprar no outro mês.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Gosto, mas quando comecei a colecionar mesmo, quando tava bem empolgado, em 2006 eu gostava de mostrar pra qualquer pessoa com quem eu falasse. Aí percebi que a maioria das pessoas que não coleciona, não tem interesse em saber. Então, eu só falo sobre isso com quem coleciona.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

A maioria diz “ah q legal”.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Cara, ela é só um passatempo. É um passatempo que envolve... Tudo começou em 2005 quando resgatei os 3 matchbox que sobraram daquela coleção que meu pai tinha feito pra mim. E daí junto isso com o fato de ter conhecido a marca Hotwheels...

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Já tive problema pra me desfazer, agora não tenho mais.

Já pensei em vender tudo e comprar um carro. Já pensei em me desfazer da coleção de miniaturas também. Mas mesmo que as outras marcas sejam mais representativas pra mim, pro meu gosto que são carros americanos, quando eu penso em me desfazer, os matchbox que eu tinha quando criança, não penso em me desfazer.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Separo por marcas, depois por séries que a empresa lança. Ela ocupa espaços da casa sim.

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Não. Comprar, vender, mudar os carrinhos, achar um mais legal. Essa rotatividade talvez seja a parte mais divertida de colecionar.

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Financeiro, né? Seria um gasto a menos. Esse é o primeiro ponto. Em vários momentos eu penso em vender tudo isso aí e por o dinheiro na poupança. O transtorno de espaço dá pra relevar, o transtorno de tempo que se dedica a ela, é um tempo que eu dedico a um hobby, como qualquer pessoa tem que ter um hobby, um passatempo. Algum filósofo que eu não me lembro o nome disse que “tempo que se gosta de perder não é tempo perdido”.

11- O que é um “matchbox” para você?

"MATCHBOX" é tudo isso que eu te falei. (A escolha do) tamanho dos carrinhos da minha coleção vem dos matchbox que eu tive quando criança. E me remete a uma fase muito boa da vida, não sei se é errado ou não, a pessoa ter esse apego com uma fase que passou da vida, mas foi uma fase muito boa a minha infância e o começo da adolescência.

—

Colecionador 6**Idade:** 37**Profissão:** Inspetor de Dutos Terrestres**Estado Civil:** Casado**Filhos?** 2**Há quanto tempo você coleciona "MATCHBOX"?**

Para falar a verdade, meu pai foi quem deu um empurrãozinho para eu começar a colecionar. Ele me falava ele que antes de eu nascer ele já havia comprado uns modelos para me dar. Deste jeito não teria como não virar colecionador.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?

Eu particularmente sou maluco por Ferraris, mas não consigo ficar só neste tema, gosto muito de carros esportivos (Lamborghinis, Porsches e outras muitas...rsssss).

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

Vou primeiro contar uma história para responder esta pergunta. Quando eu era garoto (não me lembro ao certo da minha idade, acredito que eu tinha uns 9 ou 10 anos) "MATCHBOX" já não tinha mais no Brasil, inclusive o período em que foram fabricados por aqui também já havia passado. Eu me lembro que fiquei muito tempo sem comprar miniaturas, porque simplesmente não se achava em lugar nenhum, acho que a última marca que ainda existiu foi a Corgi, no caso Kiko. Só depois que as importações foram liberadas (Collor – 1990) foi que a "MATCHBOX" voltou ao Brasil e nisto a Hot Wheels também veio, até então não havia Hot Wheels no Brasil. Neste meio tempo, eu comecei a colecionar os Comandos em Ação (GI Joe), pois sempre achei alucinante coisas ligadas a exército e tal. Ainda tenho boa parte, pois eu era uma criança que brincava, mas cuidava dos brinquedos (outro ensinamento dos meus pais). Tenho vontade de me desfazer da minha coleção de Comandos em Ação, mas sempre fico com pena, pois sempre me lembro de quanto meu pai suou para comprar aquele boneco ou mesmo determinado veículo (mesmo porque era uma coleção bem cara)

quem sabe um dia.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

Como eu já comentei, meu pai antes mesmo de eu nascer já havia comprado algumas minis para mim, devo tudo isto a ele. Ele viajava muito e toda vez trazia pelo menos um "MATCHBOX" para mim. Cara, receber uma miniatura dentro de uma caixinha de papelão com o carro desenhado nela...era demais, infelizmente esta sensação não tenho mais. Me lembro também de algumas vezes que ele pedia para algum amigo trazer do Paraguai, pois parece que lá era bem barato e ainda se encontrava os "MATCHBOX" ingleses anos depois que desaparecem aqui no Brasil.

2 - Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas - limpeza, conservação, prateleiras, etc.

Infelizmente, como eu sou praticamente um nômade (devido ao meu trabalho não paro em cidade nenhuma), fica difícil ter alguma cristaleira ou algum móvel específico para poder armazenar as minis. Sendo assim, costumo “gastar” apenas na compra das mesmas e em caixas organizadoras. Geralmente gasto entre R\$ 300 a R\$ 500.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Eu compro todo mês, sempre dou um jeitinho, aperto um pouco aqui, aperto um pouco ali. Eu não considero uma cota, mas não gosto de ultrapassar R\$ 500, percebo que para a minha realidade é um valor justo. Já ultrapassei a cota sim, mas aí aperto no outro mês e por assim vai. Não pode ser uma obsessão, tem que ser prazeroso. Inclusive já paguei minis em parcelas, dependendo do vendedor, quando aparecia alguma coisa que eu queria muito.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Devido a minha coleção não ser exposta, me sinto envergonhado por não poder mostrar a quase ninguém. Mas na verdade a minha coleção me satisfaz do jeito que ela está.

Para mim basta saber que eu tenho determinada mini e pronto. Não tenho o desejo ou a vontade de ficar me mostrando, preciso apenas “acalmar” o meu “eu”.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

Olha, tem gente que se espanta, ouço frases do tipo: “Nossa, você coleciona carrinhos?” ou “Meu filho também compra Hot Wheels”...Mas muitas pessoas também acham maneiro e diferente, afinal percebo que muitos gostariam de ter um hobby e na verdade não tem.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Olha, sou capaz de passar fome se preciso for...auahauahauahau. Como eu coleciono há muito tempo, o colecionismo está no meu sangue. Não como estes caras que compram um monte de Hot Wheels e dizem que são colecionadores. Ou mesmo começam a comprar ontem e logo em seguida já perdem o “tesão” e desistem de comprar. Hoje aqui no nosso país e em alguns lugares do mundo virou um negócio. Infelizmente o verdadeiro sentido de colecionismo quase não existe, são raras as pessoas que tem isto. Hoje a grande maioria são “juntadores de carrinhos” ou pessoas que querem ganhar um dinheiro fácil ou mesmo dizer para outras pessoas que tem um mini que ele não tem, apenas para aparecer.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Eu quase nunca me desfiz de nada, por incrível que parece (aliás, bem que eu preciso fazer isto), fiz poucas trocas. Sempre dou a desculpa de que não tenho tempo nem saco para separar o que eu não quero mais e vender ou mesmo trocar. Eu já pensei em me desfazer de tudo, as vezes por alguma decepção ou mesmo por estas sacanagens que a gente vê no mundo do colecionismo. A "MATCHBOX" lança modelos que existem em nossas ruas, mas eles não são vendidos aqui. Modelos simples da Hot Wheels são um “parto” para comprar, tá ficando ridículo. Uma coisa que era para ser prazerosa passa a virar um saco. Mas acho que no fundo, só me desfaço mesmo se eu precisar de dinheiro

para alguma emergência e não tiver de onde tirar, caso contrário, acho difícil.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Ah esta pergunta... Até uma época atrás, eu tinha uma planilha atualizada. Quando eu ainda tinha poucas minis, cadastrei tudo com a ajuda da minha filha e da minha esposa e consegui deixar organizado por um bom tempo. Eu entrava em casa com uma mini e já atualizava a planilha. Hoje... tá virado numa zona, a planilha parou perto de 6.000, daí em diante sabe Deus...auhauhauhau. Minha coleção fica no quarto de empregada ou despensa, como preferir. Tá meio que intransitável por lá...rsssss e o pior, volta e meia acabo comprando alguma mini repetida...rsssss.

** Dias depois, o colecionador entrou em contato com o pesquisador e relatou que tinha mudado de emprego e estabelecendo residência fixa, e partir disso, estava organizando sua coleção, se desfazendo de modelos repetidos e/ou que ele não queria mais como parte da coleção.*

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Esta é uma pergunta muito interessante. Acredito que a meta de todo COLECIONADOR seja poder comprar todas as minis que lhe satisfaçam. Todas as variações, por exemplo. Como hoje em dia, sai variação a todo o momento ou mesmo modelos novos, eu acredito que fica complicado. Eu posso falar por mim, que as vezes procuro sarna para me coçar.... Fico procurando variação de um determinado modelo ou mesmo passo a gostar de um modelo e vou atrás de todas as variações, loucura total...

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Com certeza, minha esposa já passou da fase de gostar ou mesmo me ajudar em alguma coisa relacionada as minhas minis. E como a minha coleção ocupa um espaço grande aqui de casa, ela me enche muito, mas muito o saco para eu parar de comprar, para eu me desfazer daquilo que eu não gosto (até concordo com ela neste ponto) ou mesmo

vender tudo.

11- O que é um “matchbox” para você?

Olha, lembro na minha infância (e como foi boa minha infância). Eu brincava demais com “meus carrinhos”, brincava mesmo. Vou contar duas passagens que não posso deixar de falar. Uma vez eu arrumei minhas minis na minha cama de um jeito, que a noite eu não quis dormir nela para não desmanchar ou estragar a brincadeira, dormi no chão. E nesta mesma época (eu tinha uns 5 a 7 anos) tinha uma colcha na minha cama, que os desenhos pareciam ruas e alguns quadrados pareciam quadras. Nem preciso dizer que eu sempre pedia para a minha mãe colocar esta colcha na minha cama, pois era brincadeira na certa.

Colecionador 7**Idade:** 44 anos**Profissão:** Administrador e Professor**Estado Civil:** Noivo**Filhos:** Não**Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”?**

Comecei a coleção original, conservando os carrinhos que ganhava de brinquedo de meu avô, quando ele e minha avó viajavam ao exterior. Nesta época tinha menos de 10 anos de idade e era final dos anos 80. Dos 10 aos 15 anos, os carrinhos "MATCHBOX" passaram a ser vendidos no Brasil, e eu juntava dinheiro de mesada para aumentar a coleção, que na época era usada como carrinhos de brinquedo, compondo as cidades e aeroportos que montava para me divertir. Certa vez meu avô viajou a serviço para Manaus, e tive a oportunidade de lhe encomendar quase três dezenas de carrinhos. Claro que ganhei muitos deles, mas as economias de mesada foram também a fonte dos recursos para adquiri-los.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?

Coleciono principalmente carros de passeio na escala 1/64, atuais e antigos, mas neles estão incluídas todas as modalidades de veículos que fazem parte do cotidiano de uma cidade: ambulâncias, carros de bombeiro, caminhões e tratores para a construção civil, ônibus, etc. Na escala 1/87 coleciono carretas e caminhões fora de estrada, assim como tratores grandes. Também gosto muito dos carros que fazem referências a filmes, séries e desenhos.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

Coleciono livros (romances, administração, biografias, guias de cidades que já visitei, ...), DVD's de filmes, documentários e shows e CD's. Quando mais novo colecionei postais, selos e chaveiros, pois ganhava de presente e só precisava agrupar e conservar.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

Conservando os presentes que ganhava na infância.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas - limpeza, conservação, prateleiras, etc.

Perdi as contas nas miniaturas, mas acredito que já gastei algo em torno de R\$40.000,00. Livros, CD's e DVD's eu não faço a mínima idéia.

Pelo acervo, podemos calcular:

Quantidade	× Preço Médio	= Valor Estimado
1.500 carrinhos	× R\$20,00	= R\$ 30.000,00
100 carretas	× R\$50,00	= R\$ 5.000,00
500 DVD's	× R\$40,00	= R\$ 20.000,00
2.000 CD's	× R\$50,00	= R\$ 100.000,00
50 Blu Ray's	× R\$60,00	= R\$ 3.000,00
Estantes para Carrinhos, carretas, CD's e DVD's		= R\$ 7.000,00
Total		= R\$ 165.000,00 (UAU!!!???) fora os livros!

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Quando recomecei a colecionar, em 2010, muito aconteceu como válvula de escape por estar fazendo Mestrado. Era uma maneira lúdica de me distrair. Comprei muitas miniaturas mais baratas ("MATCHBOX", Hotwheels, Maisto – média de R\$5,00), assim como estantes para expô-los e maletas para guardar os menos valiosos/bonitos. Depois passei a adquirir marcas melhores e mais caras, como Johnny Lightning, Greenlight, AutoArt, Minichamps, Norev, Kyosho, com valores que variavam de R\$20,00 a R\$120,00.

Acrescento sempre que desejo. Na verdade quando vejo algum lançamento ou oportunidade que agregue à coleção, compro sem restrições. Atualmente os incrementos são pequenos, visto que consegui agrupar um conjunto que me agrada.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Gosto de mostrar aos familiares e amigos que frequentam minha casa, mas percebo que poucos realmente se interessam pelas coleções, seja ela de carrinhos, livros, etc.

Respeitam, mas não se entusiasma. Acho que Cultura e Arte não é para todo mundo. Na verdade, gostaria até de expor o que colecionei, pois atrairia quem dá valor. Imaginava que a história por trás dos veículos, marcas, curiosidades iria me aproximar ainda mais das pessoas, mas hoje reconheço que é um pensamento carregado de utopia.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

Na verdade não me considero um colecionador, mas quem visita minha casa percebe que agrupo e conservo aquilo que gosto. É o desejo de usufruir na hora que interessar. Mas para quem me considera um colecionador, percebo que a preocupação é com o custo, espaço, limpeza. Este comportamento reforça minha ideia de que poucos valorizam coleções. É como ir ao Louvre e se preocupar se limpam o piso, tiram pó das molduras, ao invés de curtir o que está exposto para aprender algo ou mesmo simplesmente passar momentos agradáveis. Minha concepção é que o colecionador é visto como um excêntrico.

Só para divertir: Excêntrico = rico, Louco = pobre! Prefiro ser excêntrico!

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Orgulho de poder expor as coisas que gosto e especialmente compartilhar com quem gosto. Isto se refere a todas as coleções, pois de acordo com a ocasião posso colocar shows ou filmes e depois mostrar os carros que apareceram na tela.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Com certeza existe um grande apego. Minha noiva e futura esposa adora todas as coleções. Quando a conheci, brinquei que já tinha 4 filhos e mesmo antes de saber ela disse que os aceitava. Então eu os nomeei: carrinhos, DVD's, CD's e Livros. Como vamos para um novo apartamento, as "crianças" vão junto. Naturalmente penso em me desfazer dos carrinhos mais simples do início da coleção. Falta tempo para fazer isto, mas creio que ocorrerá em breve. Já falei do valor dos carrinhos para minha noiva, e disse que por ela e por nossas metas sou capaz de vendê-los, mas a reação dela foi surpreendente: disse que não iríamos nos desfazer de nenhum filho!

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Sim, a coleção de carrinhos é selecionada por temas: marcas, fabricantes, carros novos, antigos, etc. A coleção substituiu alguns quadros da casa ou se integrou a eles, mas sem tomar espaços relevantes.

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Não existe meta. Hoje ela me atende, mas estou sempre pesquisando para saber as novidades, como faço também em todas as esferas de minha vida.

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Atualmente não, mas a racionalização do espaço sempre requer atenção. Ainda guardo as caixas de quase todos os modelos adquiridos. Quando mudar de residência terei de rever este conceito...

11- O que é um “"MATCHBOX"” para você?

"MATCHBOX" é sinal de boas lembranças de infância, que hoje se transformaram em boas lembranças do momento atual que vivo, e podem ainda se tornar boas lembranças quando vierem os filhos.

Colecionador 8

Idade: 40 anos

Profissão: Analista de vendas

Estado Civil: Divorciado

Filhos? 2

Há quanto tempo você coleciona "MATCHBOX"?

Colecionar propriamente dito, 13 anos, agora meu contato com "MATCHBOX" é desde criança nos anos 70, ou seja, posso dizer que desde lá fometei uma coleção.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?

Não tenho sub-tema, coleciono "MATCHBOX" porque gosto, me faz lembrar da infância, porém digamos que o meu foco atual se baseia na linha superfast final dos anos 60 até 1982.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

Sim. Forte Apache e super heróis Gulliver.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

Sim. Foi achando uma caixa com soldadinhos e carrinhos de ferro em um rancho na casa dos meus pais. Aquela nostalgia toda me fez querer começar uma coleção.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas - limpeza, conservação, prateleiras, etc.

Não faço nem idéia e prefiro assim, mas tenho como meta e sigo ela adquirir mais coisas para mim com a venda de brinquedos antigos e outras miniaturas que possuo, sendo assim não mexendo no orçamento (salário) propriamente dito. Eu me considero como auto-suficiente na minha coleção.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe

alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age?

Não existe cota. Por exemplo: tenho muitos Hotwheels e outras marcas também e me recordo que para HW eu ia ao BIG, Americanas e trazia de sacola. Agora estou muito mais pé no chão e compro conforme vou encontrando algum modelo que me falta e que quero muito. Ter outros tipos de itens na coleção também ajuda a regular uma cota, porque se não extrapola.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

Gosto. Porque eu acredito que coleções são para ser mostradas. Não adianta ter coisas lindas e ficar admirando sozinho. Eu penso que mostrar para outros inclusive ajuda a divulgar o colecionismo. Se todos colecionadores deixassem de mostrar seus itens como iríamos difundir nossos gostos, ou até mesmo difundir o gosto pelo colecionismo. Além disto não é só o fato de mostrar a coleção, quantidades, eu me preocupo em contar a história dos itens que tenho. No caso da "MATCHBOX" eu costumo comentar sobre a história da "MATCHBOX". Além do que mostrar minha coleção me dá grande satisfação pessoal.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

Alguns mais aculturados gostam da idéia e elogiam, prestigiam, etc. Os menos aculturados acham uma perda de dinheiro e tempo, mas de modo geral acho que no fundo todo mundo tem um pouco de colecionador, seja com selos, moedas, tampinhas de garrafa, kinder ovo, etc. Atualmente de modo geral a palavra colecionador está mais difundida e mais compreendida. Agora temos que cuidar para não confundir “coleccionador” como uma palavra para colecionador de carrinho, porque para muitas pessoas o fato de “adultos” colecionarem carrinhos não é realmente muito bem vista por ai, principalmente para nossos cônjuges. Eu acredito que a maioria das pessoas que critica, bem lá no fundo, querem colecionar também, mas são “travados” de alguma forma.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

Para mim representa meu altar, minhas conquistas, um santuário. É onde consigo esquecer dos problemas do dia-a-dia e libero meu estresse. Olhar, admirar, catalogar,

fotografar, comentar para os amigos, mostrar, tudo é parte de um contexto geral para minha satisfação pessoal. Um alívio para minha alma.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

Eu não tenho dificuldade, mas com certeza existem os xodós da coleção que acredito que qualquer colecionador que se preze não troca, não vende, não financia. Mas me considero bem desapegado, consigo ponderar as vezes de trocar um item que me falta mais para completar determinada série com alguém que tenha um que me falta somente. Consigo pensar nestes sentido. Não tenho intenção de me desfazer da coleção, mas nunca se sabe o dia de amanhã.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Eu cheguei a ter um cômodo da casa somente destinado para isso e posso dizer que causou certo desentendimento. Atualmente estou separado e de volta a casa dos meus pais, então tudo está encaixotado. Porém tudo organizado e catalogado para eu saber onde encontrar as coisas. No tempo do quarto de coleção tudo estava organizado também.

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta?

Falando de matchbox, minha meta é completar a era Superfast com todos os modelos lançados, sem contar variações. Digamos que eu não vejo como muitos

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

De jeito nenhum. Para os outros sim, para mim não!!

11- O que é um “matchbox” para você? (Falando “"MATCHBOX"”, no que você

pensa?)

Penso em um ícone, o melhor amigo de uma criança e de um adulto. O melhor carrinho do mundo. Penso no carrinho que cabe numa caixa de fósforo e me fez uma criança feliz.

—

Colecionador 9**Idade:** 34**Profissão:** motorista**Estado Civil:** casado**Filhos?** Não**Há quanto tempo você coleciona “matchbox”?** Desde criança.**Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?** Alguns temas tem. Polícia, Ferrari, caminhonetes, caminhões-guincho.**Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?** Sim. Miniaturas de outras marcas, Chaveiros, moedas, bonés, DVD's, tudo quase relacionado a carro.**1- Você se lembra de como começou a colecionar?****R:** Quando meu pai trabalhava numa empresa em São Paulo, e toda vez que ele vinha de lá ele trazia um carrinho pra mim de presente.**2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?** Chego a gastar 40%. Eu trabalho um pouquinho a mais pra conseguir esse extra.**3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua “cota”, como age?****R:** Toda semana. Estipulo um limite aí de uns 200 reais por mês. Mas ultimamente ando extrapolando. Se vejo algo muito raro e já cheguei na cota, parcelo no cartão.**4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?****R:** Adoro. Me faz sentir bem, ver que o cara algum dia pode chegar... Que nem meu tio,

foi lá em casa esses dias e disse “pô, eu tive essa miniatura quando era pequeno!”, ou chegar um outro colecionador e falar “A tua coleção é bonita!”

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

R: Muita gente ri. Tiram sarro “ah, coleção de carrinho! Fica brincando!” E brinco mesmo, falo que brinco. Tenho uma das únicas (conhecidas, pelo menos) pistas de arrancada do Brasil, quando vai algum amigo em casa eu monto pra eles verem. Tenho orgulho de ser colecionador, de ter, de mostrar pro pessoal.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

R: Um foco. Tive mais relação com a minha esposa quando ela entrou e começou a fazer a parte dela na coleção. Ela coleciona os “Cars” (desenho da Disney).

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

R: Se for pra trocar por um item melhor, que não seja dos prediletos, eu troco “de boa”. Agora mesmo, estou me desfazendo de algumas coisas pra colocar outras coisas no lugar. Já pensei em me desfazer, mas não penso mais. Só se for por necessidade financeira.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

R.: Organizo. Ferraris, polícia... Os que tem roda de borracha numa caixa, Ferrari em outra, Porsche em outra. Não ocupa espaços, na verdade acho que poderia ocupar mais espaços da casa para a coleção!

9 – Sua coleção tem alguma meta a ser atingida? Falta muito para atingir essa meta?

R: Não tenho meta.

10- A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

R: Só na hora da limpeza.

11- O que é um “matchbox” para você?

R: Minha infância. Ter o sonho de dirigir um carro, quando se é pequeno se pega dois ou três carrinhos e fica brincando de corrida, de não sei o quê. E a minha infância foi "MATCHBOX". Inclusive eu fiquei desde 2005 quando voltei a ter contato com outros colecionadores até 2010 pra conseguir um "MATCHBOX" que eu tive quando criança.

-

Colecionadora 10**Idade:** 20**Profissão:** Barista**Estado Civil:** solteira**Filhos?** Não

Há quanto tempo você coleciona “matchbox”? Desde que eu tinha uns 6 anos. "MATCHBOX", desde 2010.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? Carros clássicos, quanto mais antigo melhor, quanto mais quadrado melhor.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

Sim. Eu faço coleção de tampas de garrafa de cerveja, canetas.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

R: Sim. Quando meu irmão começou a se desfazer dos carrinhos dele, aí eu comecei a juntá-los.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

Pouco

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua “cota”, como age?

R: Agora é bem baixa a frequência, mas antigamente eu adquiria um por semana.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

R: Normalmente eu não gosto de mostrar. Principalmente porque as pessoas tem preconceito porque eu sou mulher, e porque as pessoas querem pegar e não vão ter o mesmo cuidado que eu tenho.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

R: “aaaah mas você é menina, por que você coleciona carrinhos?” É a mesma coisa quando eu digo que gosto de futebol, que meu irmão coleciona revista de carro e agora a coleção passou pra mim. O povo é preconceituoso. Meu irmão coleciona revista Playboy também, que passou pra mim agora.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

R: É o meu refúgio. É um hobby, uma distração, uma coisa fora dessa loucura que eu vivo, que é só trabalho.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

R: Tenho, até hoje não me desfiz de nenhum. Mesmo repetido, se eu der pra alguém, não vão cuidar como eu cuido. Se eu der um pra o filho da amiga da minha mãe, por exemplo, pra ele vai ser só um carrinho, pra mim é um item da minha coleção, entendeu? Só se for pra trocar com outro colecionador, aí eu troco sem problema nenhum. Não penso em me desfazer. A minha meta é criar uma parede inteira em casa, só de carrinho, de ponta a ponta.

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Sim. Eu tenho uma prateleira com os meus favoritos, e uma outra com os diversos. Ela fica num espaço que não interfere em nada.

9 – Sua coleção tem alguma meta a ser atingida? Falta muito para atingir essa meta?

R: Não tenho limite nem meta. O céu é o limite!

10 - A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Nenhum.

11- O que é um “matchbox” para você?

R: Como eu digo isso?! Eu acho que o design da "MATCHBOX" é muito melhor, a qualidade dos carrinhos é muito melhor. É a réplica mesmo, é diferente da Hotwheels, parece que eles fazem “por fazer”, eu acho... Essa é a grande diferença das duas.

-

Colecionador 11**Idade:** 48**Profissão:** Empresário**Estado Civil:** casado**Filhos?** 2 filhas

Há quanto tempo você coleciona “matchbox”? Teve o período de infância, depois parou, voltou. Então vamos lá: Na infância tinha minha coleçãozinha de "MATCHBOX". Mas aquela época era muito difícil comprar um "MATCHBOX", era muito caro, então você ganhava um por evento, era difícil. Aí na adolescência ganhei os últimos ali pelos meus 15, 16 anos, que estão até hoje na caixinha, guardados, estão bem conservados. Mas eu brinquei muito, é um brinquedo que marcou muito a minha infância. Aí depois nos 17 anos, acabaram com a importação, a "MATCHBOX" também parou de vir pro Brasil, parei de colecionar, parei de adquirir, mas guardei eles em casa. Aí depois, 96, 97 com a abertura da importação a "MATCHBOX" começou a voltar aqui no Brasil, aí eu voltei a comprar novamente.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? Sim. Veículos da marca Volkswagen, mais especificamente a Kombi. O foco principal é a Kombi. Preferencialmente a Kombi, aí alguma coisa de fusca, um ou outro VW e aí um ou outro carrinho que me interesse por ser ligado a filmes, mas o foco principal é no Volkswagen.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

Coleção... É leve, mas tenho coleção de moedas. Costumo guardar uma de cada todo ano... É uma coleção também né?

Pesquisador: E as Kombis?

Entrevistado: Tamanho 1:1? (risos). Pois olha... Eu estou atualmente com 3 Kombis. No começo do ano comprei uma mas vendi, pra abater no preço da outra. Fiz uma média, comprei duas, pra ficar com uma, pra baixar o preço médio, entendeu?

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

R: O 'start' foi uma Kombi que ganhei quando era pequeno, de um tio meu. Mas o 'start' mesmo foi depois, essa Kombinha eu guardo até hoje, é uma Roly Toys.... Mas estava toda detonada, aí o Sandro pintou ela pra mim igual à minha. Então essa é um carrinho que eu guardo com certo carinho. Mas o que me chamou depois a gostar da Kombi é que eu gostei do carro. Eu fiz uma viagem em 1997 com uma Kombi antiga, daí eu me apaixonei pelo carro. Daí então eu comprei uma 1:1 e comecei a comprar as miniaturas de Kombi também. A fixação pela Kombi começou depois dessa viagem, gostei da história da Kombi, da serventia dela, aí fui comprando Kombis em miniatura.

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

R: Pouca coisa, comparado aos meus outros gastos. Porque tem outras prioridades né? Escola das crianças, roupa das crianças... Essa minha parte é mínima, entre 1 e 2%, não vai mais que isso não.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua “cota”, como age?

R: Não é toda semana. Digamos que a cada 15 dias. Tenho limite sim, se passar desses 1 a 2%, eu deixo passar. Espero pra comprar depois.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

R: Hoje eu tiro uma foto e ponho no Instagram. Se alguém vai lá em casa e quer ver eu mostro, não está a sete chaves. No Instagram dá pra divulgar, trocar comentários, informação...

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

R: Não é bem visto. Dizem que tenho mania. Mania é o quê? Uma obsessão? Dizem que tenho mania. É interessante isso, o pessoal rotula isso como mania, mas o cara que compra uma carteira de cigarro, uma garrafa de cerveja, esse tá socialmente correto. Pode ver, o cara que compra livro “orra, por que esse cara compra tanto livro?”

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

R: Um momento de lazer. Você viaja, é um relax, traz recordações.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

R: Não tenho dificuldade, mas são poucas as ocasiões. Como aquela vez com o P., que eu quis aquelas Kombis da indústria nacional... Me desfiz de outras. Tem que ser algo que compense! Às vezes eu brinco lá em casa “um dia vou vender tudo isso e vocês vão todos viajar!”. Se tivesse alguém que se interessasse na família, mas não tem. Um dia vou colocar tudo no Ebay e vocês vão todos viajar...

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

R: Catalogada não, só estão organizadas no lugar onde guardo elas.

9 – Sua coleção tem alguma meta a ser atingida? Falta muito para atingir essa meta?

Não tenho meta.

10- A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Ocupa, ainda mais em apartamento. Não é muito, mas ocupa sim.

11- O que é um “matchbox” para você?

R: Foi um ícone. Marcou época, é um ícone, tem o seu charme. Pequeninho, fácil de guardar, não ocupa espaço. “Match Box”, caixa de fósforo

Colecionador 12Idade: **53**Profissão: **Comerciante Autônomo**Estado Civil: **Casado**Filhos? **Sim, 2**Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”? **20 anos**

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? **Não.**

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual? **Sim. Temáticos, Militares e clássicos.**

1- Você se lembra de como começou a colecionar? **Colecionador nato, sempre colecionei de tudo. A coleção começou pela paixão por automóveis e para resgatar brinquedos de infância.**

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)? **Aproximadamente 10%. O Hobby virou negócio.**

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Existe alguma cota, ou limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua cota, como age? **Mensalmente. Excedo o limite em caso de raridade.**

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê? **Sim. Para que mais pessoas se interessem em colecionar.**

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral? **A maioria acha legal.**

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente? **Representa uma paixão e válvula de escape para o cotidiano.**

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia? **Dificuldade foi muito grande, exceto os repetidos para troca. A dificuldade de desapego é inerente a todo colecionador de verdade. Não penso em me desfazer, considero um patrimônio pessoal que deve passar por gerações para preservar história.**

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções? **Sim, são catalogadas e precificadas para controle dos itens e valores. Não atrapalha porque tenho lugar próprio e dedicado a elas.**

9- Sua coleção tem alguma meta, algum objetivo a ser atingido? Falta muito para atingir essa meta? **Não necessariamente.**

10 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno? **Não, pelo contrário, me satisfaz e me ocupa de alguma forma.**

11- O que é um “matchbox” para você? **Me resgata um tempo muito prazeroso da minha vida.**

Colecionador 13**Idade:** 53 anos**Profissão:** Funcionário Público Federal**Estado Civil:** Solteiro**Filhos?** Não

Há quanto tempo você coleciona “matchbox”? Mais ou menos 30 anos, mas possuo algumas unidades presenteadas nas décadas de 60 e 70.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)? Não, mas tenho preferências para os modelos produzidos até meados da década de 80.

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual? Coleção, especificamente, não! Possuo algumas peças antigas de vidros de Murano, mas não posso dizer que é uma coleção, porque a quantidade é pequena e não existe compulsão para a compra. Se aparecer, se gostar, se tiver dinheiro, se tiver espaço, eu compro, caso contrário, não! Somente são peças bonitas para enfeitar a casa.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

R: Sim! Quando adquiri minha independência financeira, resolvi resgatar alguns valores da infância e foquei nas miniaturas "MATCHBOX".

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

Muito variável! Depende do que eu acho que vai abrilhantar minha coleção. Alguns meses não compro nada, outros posso gastar 30% da minha renda mensal.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua “cota”, como age?

R: Não possuo uma cota ou limite, mas se existisse, não pensaria duas vezes, se desejasse a miniatura, em ultrapassá-la.

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

R: Gosto de mostrar. Primeiro porque é uma grande curiosidade e segundo, quando a pessoa é admiradora, faz bem para o meu ego.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

R: as reações são diversas. Algumas pessoas são apáticas, outras acham interessante e outras acham absurda a quantidade e o valor gasto para uma coisa inútil.

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

R: em primeiro uma satisfação pessoal e segundo uma poupança para o futuro.

7- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

R: Sim, existe uma certa dificuldade para se desfazer de alguns itens, mas já ocorreu essa necessidade e, através destas vendas, voltei a me reestruturar financeiramente. Eu quero dizer em "poupança para o futuro" que o apego não é o suficiente para uma porventura necessidade de suprir questões financeiras, ou seja, caso necessite, posso vir a me desfazer da coleção. Por hora espero que não!....(risos).

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

A minha coleção é organizada e catalogada. A organização é feita dentro de cristaleiras que facilitam a visualização e a utilização. Quanto a utilização de espaços, construí minha garagem um pouco mais larga para adequação da minha coleção.

9 –Sua coleção tem alguma meta a ser atingida?

Minha meta é ter uma unidade de cada já lançada pelo fabricante. A meta ainda não foi atingida, mas está próxima, visto que faltam 4 unidades das aproximadamente 600

lançadas até 1983.

10- A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Não atrapalha e não causa nenhum transtorno.

11- O que é um “matchbox” para você?

R: Um resgate de uma infância com certas dificuldades financeiras.

Colecionador 14

Idade: 64 anos

Profissão: Designer, de profissão, mas tenho passagem na arquitetura, construção civil, indústria moveleira, automotiva, comunicação visual. Hoje reuni essa experiência e me auto-intitulo consultor e a atividade que desenvolvo é a consultoria para profissionais e empresas nas atividades que citei.

Estado Civil: Divorciado

Filhos?

R: Sim. 2. Um casal. 3 netos, com dois a caminho.

Há quanto tempo você coleciona “matchbox”?

R: Não necessariamente MATCHBOX, mas inclusive MATCHBOX, desde meus 8 anos. 1957 ...

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?

R: A minha coleção é sobre o automóvel e a história do automóvel. Eu sou filho de um homem que gostava dessa leitura sobre o automóvel. Então sempre teve na minha casa aquela revista Mecânica Popular, que era o que existia naquele tempo, ainda em espanhol ou em inglês, que era o que se encontrava... Alguma revista nacional, normalmente elas duravam 3, 4 ou 5 anos e depois desapareciam... Numa dessas Mecânica popular, eu já com um bom acervo (para uma criança de oito anos) de BRINQUEDOS (grifo do entrevistado), li uma reportagem de um colecionador inglês falando sobre miniatura de automóvel, e uma coisa que ficou gravada pra mim pro resto da vida: a embalagem da miniatura é um registro histórico da origem, do material, da data de confecção da miniatura e do produto que ela reproduz. Então a embalagem é importante para o colecionador. E, já fiz esse link e fui dar uma olhadinha no que eu tinha com embalagem, e aquilo que eu tinha com embalagem eu transformei em coleção. Com oito anos de idade, e não tenho vergonha de dizer, ainda brincava de carrinho... Naquele tempo era assim, acho que brincava-se de carrinho até os 18, depois

se dirigia. Com oito anos eu já tinha um irmão, mais novo, e uma irmã mais velha. E esse meu irmãozinho gostava de chegar nas minhas... Nos meus brinquedos. E havia uma filosofia de família que... minha mãe é de uma família numerosa... uma filosofia que se partilhavam as coisas. E até certo ponto eu partilhei, menos aquilo que eu classifiquei, já lá no meu juízo de oito anos, como a minha coleção. Aquilo já tive um pouquinho mais de cuidado... Não me lembro de nenhuma discussão, briga ou qualquer coisa que tenha havido por causa disso. Me lembro de um incidente gravíssimo que foi no casamento da minha irmã, mas aí eu já tinha quinze anos, inclusive eu já não morava mais em casa, eu morava na garagem... com 14 anos eu “saí de casa”, fui morar na garagem... eu tinha uma espécie de apartamentozinho, essa garagem tinha sido reformada e permitiu que eu estivesse lá... E aconteceu a partir de uma situação dessa: uma grande reunião de família, que eu me desloquei porque lá tinha uma condição de habitabilidade e de lá não saí mais. Então ali eu tinha tudo meu meio organizadinho assim, e no casamento da minha irmã recebemos uma prima minha, deveria ter um ano, dois... E ela mastigou minhas miniaturas, as menores que tinha, que se chamavam “*le micro miniatures du Norev*”. Isso era uma coisa 'raríssima', a escala se não era 1:87 era até menos, até menor que 1:87, eram miniatura muito pequenininhas, lembro que ela mastigou o Renault 4CV, que nessa escala era menor ainda, como se fosse chiclete. E ela deixou mastigadinho... Todos ficaram preocupados com o que eu ia fazer, mas ... Eu ri! O quê que eu ia fazer?

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

R: Material relativo à história do automóvel e do automobilismo (livros, revistas, outras miniaturas, pinturas, etc)

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

R: Talvez eu colecionasse já, brinquedos, mas essa coisa de colecionar brinquedo “automóvel” vem d'uma situação que meu avô, um relojoeiro, importava brinquedos para a época do Natal. Alguma coisa vinha da Alemanha. Às vezes da marca *Schuco*, às vezes da marca *Marklin*... Às vezes... uma outra marca... *Lehmann*... Eram brinquedos de lata, litografados, me lembro disso... Nem todos eram automóveis, mas a maioria eram brinquedos de automóvel. Sendo alemães, eles eram notáveis pelos seus mecanismos de corda, essa coisa, eram atraentes para as crianças, nossa, aquilo era uma maravilha. E a situação na relojoaria do meu avô era uma mesa ampla onde eram

colocadas essas miniaturas que chegavam, todas elas lá expostas. Aquilo era um... O mesmo que largar uma criança numa vitrine de doces. Eu não podia ter tudo aquilo, mas eu sempre, debaixo da árvore de natal, encontrava alguma coisa dada pelo meu avô, alguma coisa comprada pelo meu pai, alguma coisa de um padrinho e tal... Do meu avô justifica-se porque eu sou o neto mais velho dele, neto homem. Só existia uma neta, minha irmã, e uma outra neta, minha prima, mas o neto homem sou eu, e eu tenho o nome dele. Então justifica-se essa coisa do presentear com um carrinho, e isso pra minha vida foi sempre. Na minha vida o automóvel sempre foi presente, mais do que bola, qualquer outra coisa que pra criança é interessante, o automóvel sempre foi mais. Mas voltando ao “MATCHBOX”... a primeira vez que vi alguma coisa relativo a “MATCHBOX” também foi através de revista. Mencionavam (era uma revista americana), que mencionava um produto inglês que estava nos corações e mentes das crianças americanas. Principalmente porque nos anos de 1950, talvez em 58 a “MATCHBOX” tenha feito a grande invasão do mercado americano. Mas a “MATCHBOX” já existia desde 1948, eram conhecidos como “Produtos Lesney”, esse era o nome, *Lesney Products*. Um grande importador americano (e aí vamos começar a analisar o mercado) fez um anagrama de dois sobrenomes e chamou de MoKo e embalou em caixinhas. Essas caixinhas eram muito parecidas com caixas de fósforo da época, e o nome “MATCHBOX” não foi uma criação de marketing, “alguém bolou o nome “MATCHBOX” e vamos lançar no mercado”. As primeiras caixinhas que continham miniaturas Moko não eram caixinhas “MATCHBOX”, mas receberam esse apelido porque eram embaladas numa caixinha que parecia uma caixa de fósforo, imitando uma caixa de fósforo, e iniciando a denominação “MATCHBOX”. E “MATCHBOX” virou sinônimo, como no Brasil você chama cerveja de Brahma, no mundo qualquer miniatura que caiba numa caixa de fósforo chama-se de “MATCHBOX”. E aí foram milhares os que imitaram, mas ninguém conseguiu a empatia que a marca “matchbox” conseguiu com as crianças, e depois de uns 20, 25 anos, com os colecionadores. E uma constatação: Miniaturas tipo *Corgi*, *Dinky*... *Praline*, uma marca alemã, *Praline*... Essa é uma indústria que fez miniaturas espetaculares, bastante definidas, numa escala parecida com 1:32... Bastante definidas mas sem movimento nenhum, a não ser o da corda (por ser já um produto alemão)... quatro ou cinco modelos diferentes, nenhum detalhamento, carrocerias todas elas, ahm... bloco, se tornaram peças de coleção, você tem colecionadores do mundo inteiro correndo atrás disso.... E o que ocorria: Isso nunca foi no chão, nunca foi brincado com

ninguém... então como era peça pra colecionador, foi lançado lá a... Vamos estimar um valor: a 100 dólares a peça. E como elas nunca deixaram a prateleira do colecionador, chegou um momento que não tinha mais colecionador pra comprar. E aquilo não era brinquedo, então não havia quem comprasse, e a tendência foi que aquilo se desvalorizasse. Então aquilo que era produto de colecionador, passou a não ter valor a partir do seu tempo de existência. Já o “MATCHBOX” era produzido lá, um milhão... Enquanto aquele outro era feito numa série numerada, a “MATCHBOX” fazia lá um milhão, dois milhões, de pecinhas de um modelinho.... Um carro aí, vou citar um modelo, 1958 Ford Thunderbird... Era um sucesso de vendas nos EUA (o automóvel), e a “MATCHBOX” tinha essa miniatura, a criança podia brincar com aquilo. Então o chão das casas americanas ficou farrado de Thunderbird. E alguns sobreviveram... Então esse é o fato que transformou a “MATCHBOX” em peça de coleção, porque eles não foram feitos pras prateleiras dos colecionadores, eles foram feitos pra ir para o chão, brincar, na areia.... As crianças que brincavam com eles em pisos ásperos destruíam as rodinhas, muitos eram esquecidos na chuva, a criança ia brincar fora de casa com aquilo e perdia, enterrava no terreno, fácil de ser carregado, ser mordido pelo cachorro, uma série de coisas. Então começaram a sobreviver alguns modelos, nas seguintes condições: Algum que sobreviveu oriundo da mão de alguma criança. Pode ter sobrevivido na mão do adulto que essa criança se tornou, e por uma questão afetiva aquilo ficou sempre com aquele adulto que um dia foi criança, e se transformou numa peça colecionável. Por uma prospecção de produtos não vendidos: Uma coisa que nos EUA eles chamam de N.O.S. (*New Old Stock*). Uma coisa que ficou anos numa prateleira, dentro de sua embalagem, não teve sucesso comercial. A firma se desfez, vendeu o estoque, ou mudou-se, e aquilo foi parar em algum lugar e alguém comprou um dia e tinha dez, quinze, vinte anos. Hoje você vê leilões de uma peça dessa na embalagem original e se for dos anos 40 ou 50, tem “neguinho” pagando verdadeiras fortunas. Então “MATCHBOX” evoluiu de brinquedo pra coleção quase da mesma forma que meus brinquedos evoluíram pra coleção. Um conhecimento que se tinha pra separar alguma coisa. E sempre que eu tinha acesso a coisas novas, interessantes pra agregar a essa coleção eu, quando possível, fiz questão de acrescentar. Naturalmente que eu, tendo começado aos 8, aos 10 tive a primeira chance de me livrar disso, pois aí já tinha dois irmãos mais novos... Aos 12... Quando me habilitei pra dirigir automóvel, me lembro que encaixotei tudo isso, todas essas miniaturas, porque era meio... 'vexatório', digamos assim, para um *playboy* da época receber seus amigos para tomar

um *whisky* (porque eu continuei morando lá naquele quartinho, naquele apartamentinho que aquela garagem se transformou. E aos 18 você quer ser um “hominho”, você dirige automóvel, alguns fumam, outros bebem, falamos das meninas... Então você não pode ter carrinho na prateleira, assim você se diminuiu na frente dos teus pais. Então aí eles foram pra dentro de armários... E aí entre comprar um volante esportivo pro automóvel (mesmo que o automóvel fosse da mãe!) e comprar uma miniatura de automóvel, o volante ganhava. Um par de luvas de pilotagem, aquelas com os dedos de fora, ganhava de uma miniatura. Então essas oportunidades passaram na minha vida, de me desfazer, de me desligar da coleção. Mas a ligação com o automóvel, a leitura, e aí como eu falei, eu não sou um colecionador apenas de “MATCHBOX”, eu sou um colecionador da história do automóvel.... então essas coisas eu também guardei, essas revistas, guardei muito livro... As pessoas sempre me agradavam me dando essas informações... Inclusive me achavam chato porque eu tinha a informação! É difícil, mas é verdade (risos). Mas nunca desprezei isso, sempre guardei. E o “MATCHBOX” sempre teve uma... a história do “MATCHBOX” é interessante, o produto tem “eras”, vamos citar assim. Como produto ele tem uma evolução, é um negócio interessante. O “MATCHBOX” tinha suas primeiras séries, os famosos hoje procurados por colecionadores do mundo inteiro, os “early models”, têm uma construção bem tosca, todos vazados, não tinham interior, nada. Depois com o tempo eles passaram a colocar algum interior, alguma coisa... Dependendo do modelo alguma figura humana, mesmo que fosse ainda entalhadinha, algo fundido no mesmo metal... E a partir dos anos 60, final dos anos 50 e começo dos 60, apareceram os vidros. O acrílico permitiu isso. A partir das resinas acrílicas, a indústria de miniaturas começou a representar os vidros nos automóveis. Então a realidade ficou mais próxima. Uma vez que tinha uma maior proximidade por causa desse acessório, talvez fosse preciso tratar melhor o restante do modelinho, a carroceria em geral. Então o que acontecia é que era pintadinho, e às vezes até mal pintadinho, pintado à mão, passou a receber... e também, claro, houve uma evolução muito grande no maquinário, a micromecânica se desenvolveu bastante, os tornos puderam trabalhar com peças menores, os materiais, as ligas, tudo isso contribuiu para que o “MATCHBOX” tivesse uma evolução como produto. E continuou atraente. E aquilo que era atraente aos olhos do menino de 8, continuou atraente aos olhos do rapaz de 18, ao pai de 28, ao senhor de 38... Então isso é mais ou menos o que podemos qualificar como o fenômeno “MATCHBOX” que é, de fato. Ainda não havia lá nos anos 60 essa procura, essa identidade com um mercado, quase como um mercado de arte. O mercado

de “MATCHBOX” hoje no mundo, é um mercado gerido por empresas que se preocupam também com o mercado de arte. Você pega grandes leiloeiros (*Christie's*, por exemplo), que fazem leilão de “MATCHBOX”! E fazem lá leilão de automóvel, leilão da Ferrari que alguém pagou 4 milhões de dólares, faz leilão de “MATCHBOX” também! Então do brinquedo pra peça de coleção houve essa evolução da “MATCHBOX”, e eu considero que essa evolução, essas fases, a pré-história, a história, a indústria, ter se tornado uma indústria (poderosa, inclusive), e infelizmente pra “MATCHBOX” houve uma fase que a instabilidade econômica da Grã-bretanha proporcionou quebras imensas em tantas indústrias, ela também se quebrou... Transformou-se numa commodity, o nome “MATCHBOX” valia muito mais que o produto. Começaram a fabricar “MATCHBOX” em vários lugares, inclusive no Brasil, a qualidade caiu muito. Mas por outro lado para colecionadores hoje essas edições alternativas em outros países representam uma nova série, um novo tesouro a ser capturado, às vezes até os enganos: uma injeção não tão bem feita do material, fadiga da forma, cores regionais... as cores do matchbox brasileiro não existem em outros lugares, e faz com que essas peças tenham valor – e valores absurdos. Mas voltando ao colecionador... Então essa evolução fez com que sempre houvesse mbx na minha coleção. Eu me dediquei por um tempo, por conta de uma facilidade, habilidade manual, minha capacidade técnica desenvolvida pelo conhecimento, sempre fui desenhista... Eu comecei a desenhar aos 14 anos... Me empreguei num escritório de arquitetura e construção com 14 anos. Desenvolvi meu conhecimento sobre o desenho, arquitetura, construção, dos 14 aos 18 anos... Eu fiquei mais nesse local do que na universidade, por exemplo. Esse conhecimento adquirido nessa época, me fez muito cedo chegar ao dinheiro. Eu tinha uma independência financeira quando ainda não tinha uma independência afetiva, psicológica, digamos assim. Então eu era alguém que não dava trabalho no sentido do custo, para meus pais (que eram pais de 4 filhos), então eu também não era questionado quanto ao uso daquilo que era fruto do suor do meu rosto. Nunca houve um questionamento de que aquilo poderia ser uma infantilidade, ou uma mania, alguma coisa. “Mania” fui eu que apelidei depois de velho. Eu conseguia convencer a quem me visse, e já naquela época, e já naquela época me pudesse aceitar como colecionador como alguém que quer adquirir algum conhecimento. Todo mundo achava que eu deveria partir pra engenharia mecânica ou alguma coisa do tipo, porque ainda criança, dos 14 aos 18 eu estive por oficinas da região, lavei peças, ajudei dentro do que se pode ajudar, acho que mais atrapalhei que ajudei... Aqui perto de casa ajudei

na construção de um carro de corrida, uma “carretera”, como se falava na época... Então isso tudo contribuiu, além do que a minha pobre bicicleta sofria comigo... Tudo que eu quis inventar em termos de veículo primeiro eu fazia na bicicleta! E depois, tendo adquirido condição de dirigir um automóvel, sobrava um automóvel aqui que era tido como da minha mãe. E a minha mãe embora dirigisse, não tinha carteira. Nunca quis ter, não sei por quê. As poucas vezes que ela precisava do carro pra ir a algum lugar aqui perto ou na casa de algum parente, eu tendo idade e documento, pude ser o motorista. Então esse carrinho também sofreu um pouco na minha mão, uma das minhas primeiras traições à minha coleção de miniaturas, como eu já falei, um equipamento pro automóvel ganhava fácil da compra de uma miniatura. Depois, mais velho, eu tive a oportunidade de atuar como corretor na venda de um imóvel e ganhar um dinheiro muito grande pra um garoto de 22 anos. E por indicação de um parente meu, fui dar uma examinadinha numa coisa que estava acontecendo no Vale do Ribeira em São Paulo, que era um programa do governo de desenvolvimento do vale. Era a construção de uma estrada de ferro de 72km entre Cajati e Juquiá, e a empreiteira que estava fazendo as obras precisava de veículos de aluguel. E eu tinha o dinheiro para comprar automóveis e colocá-los em aluguel. Uma coisa que eu não tinha o menor conhecimento de como é que funcionava, e estudei um pouco aqui, um pouco e ali, fui nas locadoras de Curitiba, arranjei alguns contratos e acabei alugando automóvel. Primeiro dois fusquinhas, depois mais duas Kombis, e com 22 anos virei empresário! De um ramo que depois fui descobrir que era disputado por empresas maiores, de capital muito maior, mas eu fiquei quase 4 anos nessa área, me afastei completamente da minha vocação pra desenho e arquitetura, mas fiquei nesse negócio ganhando dinheiro. E como a sede desse assunto era Registro, pra um garoto de Curitiba já ter feito meio caminho até São Paulo... Eu vivia em São Paulo, e São Paulo, diferente de Curitiba, você tinha lojas que tratavam desse assunto, colecionadores já, e pessoas até mais velhas do que eu que não tinham vergonha de falar desse assunto e alguma exposição, alguma atividade já de grupo, isso foi um negócio interessante... E então deu uma reacendida na minha ideia de coleção. Mas o que fez com que eu abrisse minhas caixas novamente, botasse tudo de volta nas prateleiras, foi um assunto que parece sentimental, demais até. Nessa época que contei do casamento de uma minha irmã, onde eu tinha 16 anos e a privacidade do meu apartamentinho foi invadida pelas minhas priminhas e mascaram meus carrinhos e tal, eu não me lembro porque foi, as férias ou alguma coisa, nesse espaço cabia também uma pista de autorama, que, com os meus amigos aqui da região, nós tínhamos juntado

quase todos os autoramas da rapaziada, e tínhamos feito uma mesa... Era uma mesa de pingue-pongue mais uma mesa de churrasco aqui de casa, dava uma pista interessante, com essa união de tantas pistas e tantos carros, fizemos um clube ali. O que seria a sala desse apartamento, virou esse clube. E eu tinha ali minha prateleira, com as minhas miniaturas, e então isso era respeitado pelos meus amigos, mas... Uma saída minha, não lembro se de férias, se foi alguma excursão de escola, se foi alguma coisa que eu... Alguém veio e pediu a chave, e a minha mãe, que conhecia toda aquela rapaziada liberou ali pro pessoal ficar se divertindo com o autorama e tal, e sumiu das minhas prateleiras uma miniatura que era oriunda de um kit de metal da *Hubley*, me lembro até hoje que era um Ford 4 portas, de metal, que eu sofri pra montar porque aquilo precisava ser lixado, você tinha que tirar todas as rebarbas das aberturas das janelas, os pára-lamas e tal...E era uma lixinha, uma lima... que vinha na caixinha... Eu sofri pra chuchu pra.... E consegui fazer um carrinho bacana, tal, e aquilo foi roubado. E aí eram amigos, como que você vai acusar alguém? Eu tentei investigar... Sumiu, desapareceu. Nunca mais vi. E um dia voltando de Registro, eu desci na rodoviária e não sei porque cargas d'água, não sei se estava esperando alguém que ia me buscar ou sei lá, onde é a URBS²⁰ hoje ali, tinha um bazar. E eu entrei nesse bazar ali, olhei e tal.... Muita confecção, muita... Pano de prato, toalha, coisas, rendas, não sei o quê... Algum objeto e de repente eu bati o olho assim e lá num cantinho de uma mesa, o meu carrinho! Meu Ford 1930 pintadinho de azul como eu tinha pintado, paradinho lá, à venda. Tinha um farol a menos... Quanto? Me pediram menos que a Revista Quatro Rodas que eu tinha comprado na banca. Comprei imediatamente, trouxe pra casa... Fui procurar a caixa original dele que tava guardada, achei algumas peças e tal, fiz um farolzinho novo, remontei e tal, e aí quando eu abri aquela caixa eu abri outras caixas, e aí tinha muita coisa boa lá que não tinha que ficar guardado e voltou pras prateleiras. Então eu resolvi tratar da minha coleção. Foi desse fato pra frente, acho que eu tinha aí 22 anos, desse fato pra frente eu não deixei mais de me identificar como colecionador, carreguei isso sempre, sempre tive comigo ali no meu espaço. Tem que considerar também uma vantagem pra prosperar a coleção é essa história de que com 14 anos eu saí de casa pra morar na garagem.... Isso é uma piada que eu sempre faço “Oh, você saiu de casa com

20

14 anos”, “pois é, saí”, eu digo, “fui morar na garagem!”, que eu passei a ter um espaço bem maior que os meus outros irmãos, que tinham quarto na casa eu tinha uma espécie de apartamento, eu tinha um banheiro, um quarto e uma sala enorme que, embora tenha sido comum, a família tenha usado enquanto eu lá com meus 15, 16 anos, 14, 15, 16, a parte da frente, vamos dizer, que seria uma sala, coube esse autorama, isso aí por muito tempo tinha a máquina de costura da minha mãe, tábua de passar roupa, minha irmã quando tava pra casar tinha enxoval, essas coisas, tinha muita reunião lá. Mas a partir do momento que isso foi saindo desse espaço eu fui aumentando, a partir do momento que fui tendo uma condição, por exemplo, essa locação de automóveis, de ter me transformado num empresário, mas eu não saí da casa dos meus pais. Aí aquilo ali ficou mais autônomo, foi ficando mais autônomo, foi como se morássemos no mesmo terreno e aquilo ali virou uma casa, eu passei a dar uma condição ali de casa. E isso foi naturalmente recebido dentro de casa, e era respeitado, era um negócio interessante, não se criou nenhuma norma, mas ela se estabeleceu por conta própria e eu fiquei nesse imóvel até casar. Inclusive, 17 dias depois de casar ainda fiquei nessa casa porque o apartamento a construtora atrasou a entrega. Me mudei, me lembro que pra me mudar quando casei eu embalei de novo as minhas miniaturas e tal, e já tinha feito armários, quando tinha feito a casa, recém-casado, já tinha feito um lugar pra guardar. Elas voltaram a se esconder. Esse foi um período do desenvolvimento de uma nova atividade, voltando pro desenho, voltando pra arquitetura, eu casei com uma estudante de arquitetura que se formou 3 anos depois do nosso casamento, a gente trabalhou muito, tivemos dois filhos, trabalhávamos muito, não tinha muito tempo pra isso. No momento que eu consegui, enquanto não tínhamos filhos nós trabalhávamos em casa, e transformamos esse apartamentinho que eu tinha no endereço dos meus pais num escritório. Durante muito tempo ele foi nosso escritório. Quando a gente mudou pra uma situação que daí a nossa presença no mercado estava exigindo que a gente fosse pra um escritório, que tivesse um endereço que pudesse receber cliente, que não fosse no fundo da casa dos pais, porque a gente era... Já tinha atingido um nível de conhecimento, de exposição como profissionais, e um trabalho bom, que não podemos aqui ser de falsa modéstia... Nós trabalhávamos bastante e bem e fomos bem recompensados por isso. Então, nos mudamos pra um escritório. Nesse escritório eu tive a oportunidade de, avocando ser decoração, expor minha coleção de miniaturas no que seria a minha sala, que acabou sendo uma sala de reuniões e ficou bem interessante durante muito tempo. E a partir disso, eu nunca mais ganhei um presente de um amigo

que não fosse miniatura, viajavam e me traziam... E os meios de adquirir informação foram mudando. Você foi tendo acesso a video-tape, por exemplo, o VHS, você podia armazenar imagens, as máquinas fotográficas melhoraram muito, até você chegar no computador. A partir daí, antes da Internet ainda, com o computador você podia... Com relação à minha coleção ele me deu uma mão como ferramenta porque me permitiu organizar. Aquilo que eu nunca tinha feito à mão, nunca tinha feito por escrito nada, eu consegui fazer. A primeira vez que tive acesso a um computador, esse computador compramos pro escritório, pra orçamento e tal, a gente ainda não desenhava pelo computador. Como eu inventariava obra, muitas vezes fazia o inventário de material utilizado numa obra, eu usei esse conhecimento para inventariar a minha coleção. Comecei a qualificar, vamos dizer assim. E voltando no tema “MATCHBOX” agora: Dentro dessa qualificação que o computador me permitiu, eu consegui identificar essa coisa que eu falei da história da “MATCHBOX”, da evolução do produto “MATCHBOX”. Como eu, grande parte do meu desenvolvimento profissional dessa época veio do desenho de mobiliário, eu tinha um interesse nessa história do “MATCHBOX” como referencial, como ele foi se gravando nos corações e mentes do garoto, de toda aquela situação cronológica que eu já falei, de tanto agradar ao menino de 8, como ao jovem dos 18 e depois ao pai dos 28, eu até posso dizer que essa coisa não alavancou, mas teve uma influência... Essa análise do desenvolvimento do produto, e o produto ficar no mercado, me ajudou a pensar aquilo que foi de minha lavra pra se tornar produto. Muito bem... Parece até bobagem você fazer esse vínculo, mas pra alguém que manuseava ali suas miniaturas e tal, eu tinha uma maneira de enxergar aquilo: Eu não tinha um carrinho azul, um carrinho vermelho ou um carrinho prata. Eu tinha um *Aston Martin DB 2/4*, o que que é isso aí? Aí você vai estudar a história do Aston Martin, a carroceriazinha dele era interessantinha, é um carro de 1952, produzido pela “MATCHBOX” em 1958, acredito²¹... Bacana. Aí nos anos 60 essa marca ficou famosa porque o “007” utilizou o carro, “*Aston Martin*” era o “carro do 007”. Mas eu tinha lá um Aston Martin mais antigo, DB 2/4, o Aston Martin do 007 é um DB5S. Muito bem, o que é “DB”? Ainda não existia essa informação, pra você conseguir um livro, alguma coisa, no Brasil era muito difícil. As revistas que você tinha, e eu falei que na minha casa circularam muitas revistas antigas, mas a revista também não tinha uma explicação pra essas siglas, e os carros ingleses eram cheios de siglas. A “MATCHBOX” acabou me ensinando, porque uma vez lendo alguma informação numa

21 Referência ao modelo 53A, que foi produzido pela MATCHBOX, de fato, no ano de 1958.

caixinha de “MATCHBOX” eu li o nome “David Brown”, e aí fui me informar sobre o David Brown. David Brown era um fabricante de tratores na Inglaterra, implementos agrícolas e tal, que comprou essa empresa chamada Aston Martin, e a partir do dia que ele comprou, ele acrescentou no nome Aston Martin a sigla “DB” e pra sorte dele, até hoje os produtos são maravilhosos. Sorte e competência, né?! Só a título de referência, “DB2” porque era o segundo modelo lançado, e “4” porque era um motor de 4 litros. Essa informação eu descobri através de miniaturas. Aí também, deixa eu fazer uma referência aqui, que outras indústrias faziam isso com grande competência: *Corgi*, *Dinky*, *Tekno*, a dinamarquesa *Tekno*. Muitas delas vinham com um prospectinho dentro da embalagem original se referindo ao carro que eles estavam reproduzindo. Informações como distância entre-eixos, volume do motor, caixa, sistema de suspensão, diversas coisas assim. Então esse conhecimento sobre o automóvel também me foi proporcionado pelas embalagens das miniaturas, daquela coisa que eu li lá nos meus oito anos, as embalagens das miniaturas. E eu fui guardando muita miniatura com sua embalagem. Já com mais idade, a partir do momento que essa minha coleção esteve exposta junto com a minha atividade profissional, no meu escritório, não tive nenhum pudor, vamos dizer assim, de vincular ser colecionador com a minha atividade, não perdi a seriedade do profissional que eu era porque tinha miniaturas, tinha carrinhos... Porque pra grande maioria das pessoas, são carrinhos, colecionador de carrinhos. Então eu fiz questão de contar essa história do Aston Martin pra dizer que eu não tinha o carrinho azul, branco ou preto, essa informação eu comecei a buscar, entrava numa livraria e se encontrasse um livro sobre automóvel eu comprava. Isso aí me ajudou, por incrível que pareça, com o (idioma) italiano... Nunca tive uma aula de italiano... *Capisco* italiano, *parlo* italiano e *scrivo* italiano... Aprendi lendo. Inglês também, a maioria da minha biblioteca é em inglês. Francês, eu era aluno de um colégio marista, a gente era obrigado a aprender francês, a gente tinha aula de gramática e tal. Eu não perdi isso, eu não falo... Pra eu voltar a falar francês eu preciso passar uma semana com uma pessoa falando francês ao meu lado pro meu cérebro “reatar”, passar a pensar. Então eu não posso dizer que, para mim, as miniaturas foram um desperdício do tempo, nessa fase que eu tô contando aí, dos 8 aos 28. Eu vou citar 28 por uma razão: Aos 27 eu casei, e com 30 anos nasceu meu filho. Quando eu tinha 30 anos nasceu meu primeiro filho. E eu tinha todos aqueles carrinhos e nasceu um menino. E todos os meus amigos disseram: “Diga adeus à sua coleção!”. Eu não tirei um carrinho de uma prateleira, do que eu tinha exposto em casa, não tirei nada do que eu tinha nas minhas

prateleiras no escritório. Desde que o G. nasceu, nós estabelecemos um trato: Eu não brincava com os dele, e ele não colecionava os meus! E nunca me lembro de ter sentado com meu filho e ter que dizer “Isso aqui não, isso aqui é de coleção”. Meu filho teve todos os carrinhos que o pai dele pôde comprar e que ele poderia ter, este foi um período que a minha coleção não cresceu, porque existia uma prioridade que era o brinquedo do meu filho. Eu não podia entrar numa loja cheia de “MATCHBOX” interessante, bacana, que a minha coleção não tinha, e aquele carrinho com o patinho, ou qualquer coisa que agradava mais à criança na idade lá dele, pela figura e tal... A prioridade era ele. E assim foi, não teve nenhum conflito. E aqueles que me disseram “diga adeus à sua coleção, porque aconteceu comigo, porque quando meu filho nasceu e tal”, porque não eram colecionadores. Agora nós estamos entrando num termo que tem uma conotação de psicologia: Esses que disseram “diga adeus à tua coleção”, talvez fossem juntadores. Acumuladores. Tinham o vermelho, o azul, o branco. Não tinham a história. Não existia uma história. Meu filho, quando passou a entender alguma coisa, ele via uma miniatura e podia conversar comigo sobre essa miniatura, porque se ele quisesse saber qualquer detalhe a respeito da miniatura, por exemplo, ele podia vir na biblioteca do pai (ou na dele, ele já tinha alguma coisa). Eu queria dar uma ideia, um conhecimento pro meu filho sobre as miniaturas que o pai dele tinha. Aquilo não era um monte de carrinho, “Pô, meu pai tem um monte de carrinho”. Aquilo era alguma coisa de uma certa cultura, embora não fosse rotulado assim. Hoje eu rotulo, eu tenho 64 anos, eu preciso rotular esse meu acúmulo como alguma coisa, então eu gosto de dizer que eu adquiri uma cultura do automóvel. Fica interessante, fica bacana.. E assim aconteceu com a minha filha. Minha filha nasceu 5 anos depois do G. Ela já punha mais a mão, é um negócio interessante. Ela ia, pegava, brincava, depois colocava de volta.... Quando eu me divorciei, os casais não percebem o que fazem pros seus filhos... Em primeiro lugar gostaria de dizer que um divórcio não acontece por honra e graça de um cônjuge. Um divórcio acontece por fatores produzidos pelos dois. Então eu não tenho que tentar me isentar das minhas responsabilidades pra que não desse certo, embora tenha durado treze anos, dois filhos. Aí costumam dizer “Teu casamento não deu certo?” Deu! Deu tão certo que teve começo, meio e fim! E pronto, que que você vai fazer? A vida tem que continuar. Mas quatro dias depois que eu saí de casa, meus filhos vieram atrás. Inclusive eu deixei todas as miniaturas que eu tinha dentro de casa (e não eram poucas), porque nessa época a gente já morava num apartamento de bom tamanho, e aquilo que era pra ser no projeto uma cristaleira, era um cubículo que tinha entre duas

salas, eu tinha entupido de miniatura (risos). Eu acho que a minha mulher meio que odiava aquilo lá, eu não sei, pode ser só impressão. Nessa época eu já não estava naquele escritório onde as miniaturas ficavam expostas, já estava num outro maior, melhor, mais dinâmico... Já existia o computador desenhando, então a visão do escritório era outra, ali já não existia, já não havia mais a salinha que pudesse abrigar as miniaturas, e essas peças foram transferidas pra esse lugar aí, essa cristaleira nesse apartamento. Isso ficou tudo lá. Eu quando saí, comecei tudo de novo. Eu era casado com a minha sócia. Então montei uma casa nova, um escritório novo. Quatro dias depois os meus filhos vieram atrás de mim, não queriam ficar com a mãe, queriam ficar comigo e ficaram comigo até casar. Claro, que o pai tendo esse hobby, e tendo... Vamos... Agora eu vou usar o termo que tem que ter bastante cuidado pra ser usado e cuidado pra ser interpretado: O pai tendo desse hobby e tendo a liberdade (eu nunca tive problemas de falta de liberdade pra ter o hobby), numa casa que tendo um homem divorciado, uma casa de homem, ela não é uma casa da mulher, então era diferente. Era uma casa de dois pavimentos, ela me permitiu que o pavimento superior fosse transformado num “Salão do Hobby”, era um espaço que tinha um quarto grande, mais dois quartos (que seriam tecnicamente quartos de hóspede, inclusive um deles eu montei como quarto de hóspede), um corredor que tinha um sofá embutido e armários embutidos, o antigo proprietário acho que usava aquilo pra malas, maleiro, subia as roupas de inverno... Então aquilo tudo foi ocupado por miniatura. Durante muitos anos... Eu posso citar o psicólogo na entrevista? Você me conheceu naquela época. Durante muitos anos essa minha casa foi visitada por... Eu era muito envolvido com modelismo nessa época. Explica-se: No Brasil, importação sempre foi um problema seriíssimo... até hoje que tá liberado ainda é um problema. Quando eu era garoto, apareceram os primeiros *Revell Authentic Kits*. Existiam lojas aqui em Curitiba, a Tarobá, a Casa Continental, Hermes Macedo, Prosdócimo, que tinham seções disso. E a gente montava as miniaturas de automóvel, era sem muito detalhe, mas era interessante... Tinha lá um motorzinho, era interessante. E assim como colecionar, você poder colecionar um conjunto de peças que você atuou sobre, pegar uma caixa, abrir, montar uma miniatura de um automóvel, detalhando alguma coisa que te interessou, você foi então buscar aí... Eu tinha muita informação publicada, muito texto. E posso dizer muita coisa: não tem um livro na minha coleção que eu não tenha lido. Então “Ah, o cara tem um monte de livro, duvido que tenha lido”. Não, eles não são comprados no atacado. Eu compro, eu me interesso pela história, e a partir disso aí, a possibilidade de

você ter (e aí eu falo de kits), pra não fugir muito do tema “MATCHBOX”: Você vai buscar uma miniatura daquilo que te emociona.

Eu tenho aqui um exemplo: isso é de um tempo que a gente assistia na televisão o Campeonato Alemão de Carros de Turismo.

Pesquisador: - O DTM.

Entrevistado: O famoso DTM. E de repente apareceram as caixinhas. Você via aquilo, existia um cara chamado Edgard de Mello Filho que narrava essas corridas de uma maneira que só ele sabia fazer, e de repente você podia montar uma miniatura, podia ver como era o interior dela e tal. Essa aqui especificamente não fui eu que montei, foi o G., e ele me deu de presente duas. O G. Aí então eu vou dizer porque eu ganhei duas miniaturas de presente do G, bem montadinhas e tal: Porque a mulher dele mandou ele embora. Um dia ela pegou e disse: Chega! Você passa todas as tardes (ele tinha se aposentado precocemente) lá na loja do S., sua conversa é só miniatura, modelismo, tal, isso me cansou! E aí passou mais uns anos e coisa e tal, ele pegou e se desfez, distribuiu para os amigos tudo o que ele tinha. Não preciso contar que o G. Morreu, com 52 anos de idade, porque foi se desfazendo das suas coisas. Se desfez da família, se desfez daquilo que fez ele se desfazer da família, e se desfez dele, imagino. Morreu do coração, tal. Como é que alguém se desprende? Tipo, pegou sua coleção e distribuiu... Se desprende porque tinha o vermelhinho, o amarelinho e o azulzinho. Não tinha a Alfa Romeo do Tarquini²², com vitória em tal lugar e tal, a referência, a fotografia bacana disso. Então além de ter que abrir a caixinha e montar, você não tinha aonde referenciar aquele produto. Então como aquele produto... Você veja que você me perguntou “como eu comecei a colecionar” e eu não deixei mais você perguntar mais nada! Eu sou perigoso!

Pesquisador: Mas você está seguindo a lógica do questionário... Você já respondeu três perguntas....

Entrevistado: Você veja como eu sou um bom paciente! (risos) Eu tô gostando de você como psicólogo porque você é um bom ouvinte! Se eu já respondi três então tá bom, tava preocupado!

Pesquisador: Mas agora você pegou um assunto que é a sétima questão aqui: Que é, se

22 Refere-se ao piloto italiano Gabriele Tarquini .

você tem dificuldade pra se desfazer de algum item da tua coleção, por alguma razão.

Entrevistado: Se estiver meio ruim, eu troco. Deixe eu dizer do que eu já me servi da minha coleção. Infelizmente pra mim, minha coleção, num determinado momento da minha vida eu me mudei pra uma chácara, e nessa chácara eu cheguei a montar tudo que eu tive na casa, eu montei lá. Essa casa era a casa de um homem solteiro. Aí eu preciso dizer “Puxa vida, os caras vão dizer 'o cara se divorciou duas vezes'. Aí eu tava no meu segundo divórcio. Aí estava no meu segundo casamento. Casamento... Vamos qualificar: Casamento sem registro civil e sem cerimônia religiosa. Mas, com todo o respeito à senhora, à mulher que me acompanhou, não foi um “concubinato”... Me apaixonei por uma mulher, um dia decidimos que iríamos viver juntos e fomos viver juntos nessa mesma casa onde eu já morava com os meus filhos. A minha relação com essa mulher foi uma coisa interessante, a presença dessa mulher nesse momento da vida dos meus filhos, como eu vou te explicar... A M. Tinha cinco pra seis anos quando eu me divorciei, minha filha mais nova. E o G. 10 pra 11. Fiquei quatro anos solteiro. Então a M. Tinha 9 pra 10, e o G. Ia fazer 14... 15. Tava com uns 14. Então foi um momento interessante, a presença de uma mulher nessa casa, que era uma casa que tinha um pai, ao lado da casa dos pais desse pai, eu nunca vou deixar de citar isso... “O cara se divorciou e foi morar grudado na mãe”, não é isso. Foi uma oportunidade, a casa eu conhecia, era do irmão do meu pai, eu assisti a construção... Eu queria comprar, mas a minha tia falhou comigo, disse que me venderia e vendeu pras freiras do Cajuru, que botaram pra alugar. E eu aluguei mesmo estando sozinho, por que eu enxerguei nessa casa a possibilidade de um escritório (como você está vendo aqui, eu tenho uma sala que é escritório, o restante é casa), ali me proporcionou com duas salas. Tinha uma sala enorme lá, que era uma sala de jantar, coisa q não se usava mais e mais um hall de entrada enorme coisa de antigo; então essas duas salas se transformaram no meu escritório... E essa casa tinha um sistema antigo que era a porta da sala de visita, a porta intermediária, a porta da cozinha... Pô, a mina casa funcionou independente do escritório durante muitos anos. Essa porta intermediária era a porta da casa e a porta lá da frente, era a porta do escritório e funcionava, eu recebia cliente... Eu consegui montar toda a minha vida ali, menos uma mulher... Eu tinha ali uma vida com dois filhos, empregada, cheguei a ter um motorista que morou numa casinha nos fundos, quando eu desenvolvi uma construtora que trabalhou muito no litoral de Santa Catarina... Eu viajei muito, meus filhos muito novos, então eu tinha esse motorista. Aí

entra a proximidade da casa dos pais como suporte. Então eu consegui trabalhar, viajar, e tal... por que meus filhos tava aqui do lado, embora eu tivesse empregada que fizesse almoço pra eles lá e tal.. Às vezes eles levavam os avós para comer lá, às vezes eles vinham aqui, às vezes alguns funcionários meus (já tinham umas três vizinhas trabalhando comigo), se organizavam. Nessa época eu tinha também uma secretária muito interessante, muito bacana com relação aos meus filhos. Os meus filhos embora tivessem (nesse período de 4 anos) Mariana de 5-9 anos e o Guilherme de 11-14 anos; eles se racionavam com os adultos em torno, aqueles que eu coloquei a serviço da organização, de igual. Então eles não estavam desprotegidos ali, mas eles estavam ao alcance da casa da vó. A vó reclamou muitas vezes que eu viajava, e os netos não queriam ficar aqui na casa dela, queriam ficar lá; porque lá eles estavam atendidos por aquele pessoal. E aí conheci essa mulher, me apaixonei, casei (dessa maneira como tô falando : um dia você vai morar comigo. Agora, entregue esse apartamento... e ela veio). Daí fiz uma mudança geral no layout da casa, a casa que era ocupada pelo motorista, ele pediu demissão, e eu transformei num escritório nos fundos. E a casa da frente ficou uma casa. E até isso teve uma influência na minha coleção, porque antes eu tinha meio que depositado lá em cima. A partir do momento que eu tive uma mulher na casa, “o lar” é feminino, não adianta. Aqui ó, você tá na bagunça do lar de um homem sozinho. Então tratei melhor, até minha coleção lá. E tinha um espaço, e esse espaço era tipo um lugar onde eu poderia montar minhas miniaturas como hobby, e virou um espaço da família. Eu lembro que ela era estudante, tinha passado no vestibular para administração... muitas vezes ela estava estudando ali e a M. montando uma miniatura de automóvel ao invés de montar uma casinha da Barbie ou Meu Pônei (ela tinha essas coisas), ela disse numa entrevista pro canal 12, o entrevistado perguntou “você gosta de carrinho ou de boneca?” “De boneca, claro! Mas eu também gosto de carrinho, não vou deixar o Guilherme gostar sozinho”(risos). E assim, a coleção se integrou na família, a tal ponto que meus filhos não colecionam nada! Interessante isso né? De repente, eu os liberei disso, através do compartilhamento... por exemplo, às vezes chegava um amigo do G. (ele tinha lá seus 13 anos) e tava jogando futebol na frente da casa ou qualquer videogame, que era o que atraía a garotada, e tava lá o G. com os amigos conversando, olhando, falando, folheando algum livro, adquirindo algum conhecimento a respeito do automóvel espontaneamente e também não era proibido, sabe? Depois que nós fizemos essa pausinha aí que eu descobri que respondi três perguntas numa só... É... como é que era a pergunta que você ia fazer?

Pesquisador: Se você tem dificuldade pra se desfazer de algum item da coleção...

Entrevistado: Ah, sim, eu não respondi até agora.. então eu fiz esse preâmbulo todo (você veja que meus preâmbulos são demorados)

Pesquisador: (risos)

Entrevistado: Fiz esse preâmbulo todo pra contar que não tenho essa dificuldade.

Então o quê que aconteceu. Uma vez eu, uhm... no meio de um crise financeira, se avizinando, a crise chegando e tal, e coisa, eu falei “pô eu não posso é ... ter essa, esse acervo aqui.... um amigo nosso que é museólogo lá no tempo de montagem de miniaturas, o A. que fazia, organizava o Santa Mônica, o gordo A., uma vez veio, veio ver minha coleção aí em casa e falou: “Você tem um (usou um termo em latim é... pra... se ...você tem um tesouro – usou a terminologia em latim para determinar o que se inicia um museu) . Falou : “primeiro você tem que ter um acúmulo de coisas, como você tem, vinculado a um tema, o automóvel, você já tem pra um museu”. Eu fiquei pensando nesse museu físico... muitas vezes, mas esbarra no valor de imóvel ou segurança que você tem que dar pro imóvel, como você vai fazer, como é que isso não sei o que... e... hoje a Internet me proporcionou e através do site, aí eu tô fazendo. Mas voltando lá... então na crise se avizinando eu não tive dúvida... catei uma bandeja, um baú quase do tamanho dessa mesa aqui, bauzão daqueles antigos de viagem, então abrindo o baú ele ficava com três bandejas dessas. Peguei uma bandeja, cabia no meu carro e selecionei as miniaturas que eu podia... Agora, eu tenho que considerar o seguinte: nesta época, na minha coleção, e a partir do momento que a imprensa soube, a primeira vez que eu fui entrevistado, por força de miniatura, por coleção de miniatura, foi o Jornal Indústria e Comércio é... me ligaram, perguntaram se eu tinha, tinha, quem tinha indicado era o G.G., que era o diretor da DIPAVE²³ e tal e não sei o que... e... se eu podia recebê-los, mostrar, fotografar... recebi em casa, mostrei, fotografei.. e... contei mais ou menos como eu contei aqui pra você. Talvez não tão detalhadamente a minha vida, eu contei a história do acervo. Conteí, deu uma reportagem bacana, tão bacana que isso era um encarte do... era um encarte do Jornal Indústria e Comércio que saía lá num dia da semana que falava sobre a cidade de Curitiba. E dentre essas coisas que falava da cidade de Curitiba, falava de executivos na sua folga, no seu hobby... exatamente, era “qual o seu hobby?” era o nome do... e... G. G. que me indicou ele tinha coleção de brinquedo, ele falou “mas tem um cara que tem um negócio diferente, o cara tem assim a história do automóvel, tal, bacana vocês irem lá”. Então vieram, fotografaram, viram,

23 DIPAVE: Antiga concessionária Chevrolet em Curitiba

gostaram e a partir disso aconteceu uma coisa interessante. Eu passei a se procurado, e às vezes acontece assim, por quem quisesse vender coleções. E não só vender, como aconteceu, a primeira vez que a televisão me ... veio aqui em casa me entrevistar, que foi essa história do canal 12 que eu conto, logo depois, assim: passado uma semana, tocou o telefone: “É o senhor H.?” “É” “Aqui quem tá falando é a senhora fulana de tal, assim assim, eu ... o senhor me desculpe a liberdade que eu tomei, mas eu liguei pro canal 12 e pedi se podiam me fornecer o seu telefone” “Ah, não, eles ligaram aqui. A moça da pauta lá do canal 12 ligou e falou que a senhora... então foi a senhora que ligou?” “Exato! É... eu queria falar com o senhor sobre meu filho, meu filho era fulano de tal” “Ah, eu me lembro, era meu contemporâneo” (esse cara morreu de câncer, morava na João Gualberto). “Ah, era meu contemporâneo, não era da mesma sala, mas lembro dele sim”. - “Pois é, se sabe que ele era colecionador como você?” (esse cara morreu em 1963) - “Sabe que ele era colecionador como você?” . - “Ah, eu não sabia... pois é, e tal” - “Você vai me desculpar o que eu vou falar agora, eu vi você assim com teus filhos na reportagem, e fiquei sonhando coma possibilidade de ver netos... Então se você tiver um tempo, puder vir na minha casa...” . Aí comecei a ficar preocupado, pensei “putz, vou lá e a velhinha vai chorar, coisa...” . - “ Mas eu tenho alguma coisa que sobrou da coleção do meu filho e queria que você visse... e se te agradar, eu quero passar pra você” . Eu tive tempo imediatamente! (risadas). Corri ali ela falou “eu vendi a casa, tenho que me livrar dessas... o senhor não sabe o que eu fiz ... o senhor vai brigar comigo...”. Puta, o cara tinha no armário embalados *Corgi*, *Tekno*, *Dinky*, tudo nas caixinhas!!! Trem elétrico, muito trem elétrico. Trem elétrico, eu falei pra ela, “trem elétrico se a senhora quiser, eu não coleciono, tal... se quiser me dar um...” “Lhe dou, veja aí o que o senhor quiser levar, pode levar... se o senhor fizer o favor pra mim de levar tudo” eu falei: “Mas por quê?” . - “Vou contar uma coisa pro senhor que talvez lhe desagrade: durante muitos anos eu conservei o quarto do meu filho, como ele deixou, aquelas coisas que mãe de filho ido precocemente faz, e coisa, e tal... aí um dia resolvi que tinha que abrir esse quarto” (era uma salinha de televisão) “eu resolvi que tinha que abrir esse quarto aqui, então tal... com muito custo me desfiz das roupas do meu filho, fui dando, fui distribuindo, fui não sei o que, fui isso, fui aquilo... aí, chegou nas miniaturas... chegou nos brinquedos dele... todo final de ano eu fazia uma cesta e mandava pra minha empregada, entregava pra minha empregada pra dar pros filhos...aí uma vez eu fui e vi ali no chão, no terreno, na casa dela, aquilo tudo desmanchado... eu transformei em brinquedo o que era coleção do meu filho, e foi brincado.. então como

eu vi que o senhor tem aquilo ali, aquilo que ele falava, você quer levar?” “Levo”. Enchi o porta mala, aí falei “ó, os trem elétrico, isso precisa funcionar, e tal, te incomoda se for pra uma mão igual a sua?” (morreu o S²⁴, mas foi pro S.) e muitas peças.. Outras, um outro amigo meu viu, antes de eu chamar o S. pra ver, e abraçou.. e...e cara! Eu trouxe cada peça! Tudo zeradinho, bacaninha, sabe? O cara já colecionava mais velho... Como também aconteceu de eu (tô respondendo a pergunta se eu vendia, hehe). Então um dia... Isso era pra dar um exemplo do seguinte: Vieram pra minha coleção, muitas peças que se duplicaram, triplicaram, até. Então, eu com essa dificuldade se avizinhando e coisa e tal, aí eu falei “preciso dar um jeito”. Então não posso ficar com esse *tesouro* (como chamou o A.) e de repente não pagar o meu telefone, ou de repente não pagar a escola das crianças. Então tem que me mexer... Vou ver do que posso dispor. Fui lá, selecionei, dei uma enxugada, na época eu tinha umas 6 mil peças com certeza, entre 6 e 8 mil. Mas eu separei 400, me lembro até hoje, separei 420 peças, coloquei em cima de uma mesa, e disse “esses eu vou vender”. Então tinha caminhão *Corgi*, bastante, coisas vindas de coleções que eu tinha comprado. Aí falei “não coleciono caminhão!” Muito caminhão, alguns carros americanos que... Depois teve muita coisa que não achei de volta, mas enfim... Fiz aquela seleção. Carro de corrida, eu optei pelo seguinte: Ah, todo mundo coleciona Fórmula 1, eu vou colecionar só esporte. Os de pneuzinho pra fora eu vou me desfazer. Esses eu tenho dificuldade. Aí, fiz essa bandeja, não levei os 400, é verdade, mas fiz essa bandeja, então tinha assim, três Mustang, escala 1:18 da Mira. Um conversível, um com a capota branca levantada o outro cupê de teto duro. Então analisei e “vou ficar com esse”. Os outros dois eu vou pra vender. Três Corvettes, cinco Corvettes, então. Mas as Ferrari e Alfa Romeo eu não pus nenhuma pra vender (risos). Aí fui lá no Largo do São Francisco, montei uma banquinha ali onde os carros estacionam, fiquei roxo (não vou esconder isso), fiquei vexadinho por estar ali vendendo. Eu era conhecido colecionador... Tô ali no meio dos meus amigos colecionadores. Eu tinha cinco carros antigos na época. Se eu tivesse vendido um carro antigo eu tinha resolvido a minha situação, mas eu tava ali vendendo miniatura. E tá ali, batendo papo com os caras, um tá vendendo camiseta, o outro tá vendendo não sei o quê, e eu vendendo miniatura. E ninguém vendendo miniatura naquela qualidade, eu encontrei em lugar nenhum de evento de carro antigo que eu fui. Hoje não, hoje se encontra coisas maravilhosas, espetaculares, preços sensacionais... Então, tô ali, tal e coisa, parou um primeiro conhecido velho meu. Parou, olhou e tal,

24 Novamente, C14 refere-se ao senhor S., proprietário da loja Arte & Modelismo em Curitiba.

falou de um Chevrolet que ele queria, de repente botou a mão numa caixinha. Aí, vou abrir um parêntese aqui: Pra ser vendedor, você precisa ser bom comprador, né? O cara botou a mão numa caixinha e falou “Pô, você tem essa Studebaker aqui”, e abriu a caixa e tal... Era uma Studebaker 1957, da *Solido*²⁵, 1:43... Quanto? Setenta reais. Ele falou “dou cinquenta”. Aí eu falei, puxa, cinquenta não dá, cinquenta não posso. Setenta... Aí o cara “Ah, não sei o que ladrão”, porque já era meu amigo... Sessenta. Então fechamos por sessenta. Peguei o sessentinha do cara, entreguei a caixinha e tal. Dali a pouco veio o L.G. Finalzinho, tava já recolhendo, aí veio o L.G. E falou: “Esses dois fusquinhas aqui”, separou... Aí eu falei “Setenta cada um”. Dois Minichamps, por setenta reais cada um, hoje você não compra mais também. Um era o Hebmüller, o outro era o Karmann²⁶. Esses nunca mais eu tive... Esses eu separei porque eu não queria fusca na minha coleção, veja que estupidez...

Pesquisador: Por que essa restrição?

Entrevistado: Ah, 1:43... E eu “ah, fusca”... Todo mundo coleciona fusca, peguei e... Tanto é que eu tenho pouco... Cara, eu tremia pra colocar os dois de volta na basezinha assim, eu tremia, hehe. Então você veja que eu tive dificuldade pra vender. Mas vendi. Mas eu tremia (risos). Mas pela situação de eu estar sabendo a razão pela qual estava vendendo, porque era uma crise que estava se avizinando, por uma necessidade de dinheiro, e que talvez isso pudesse vazar naquele meio, no meu meio ali onde eu não queria transparecer uma quebra, uma coisa qualquer, esse medo eu tinha por causa da minha atividade profissional, que não é miniatura, é outra coisa, e de repente aquilo pudesse me “travar”, e não sei porque, tá, entreguei e vendi... Também teve uma briga, de setenta acabei de vender por sessenta cada um, cento e vinte os dois, então acabei com cento e oitenta reais no bolso, e tinha um velhinho que veio ali, olhou... Eu tinha uns “MATCHBOX” pra vender, na caixinha, veio ali, olhou, alguns fora da caixinha, aí de repente ele pegou um e falou assim: “O senhor compra?” Daí eu falei “Compro”. Me lembro até hoje que eu tava pedindo vinte reais no “MATCHBOX”. -Compro. Naturalmente que não pago vinte reais pra comprar. “Não, eu sou comerciante”, ele falou. “Minha vida inteira eu tive papelaria, o que o senhor vende por vinte, o senhor compra por sete”, falou bem assim pra mim. Eu falei: “Bom, se o senhor entende isso...”. “Não, eu quero que o senhor venha ver uma coisa. Tem tempo?”. -Tenho. Só fechar aqui e botar no carro. Botei no carro e tal, fomos... Fui atrás do velhinho.

25 Marca francesa

26 Os fuscas Hebmüller e Karmann foram adaptações do fusca alemão original com carroceria conversível. Os carros são disputados por colecionadores de Volkswagen, e as miniaturas também.

Combinamos lá, encontrei com ele, ele no carro dele, eu fui atrás. Lá no Água Verde, na garagem, aí ele abriu a garagem, cheia de prateleira, assim, aí ele abriu uma cortina, hehe... Quinhentas e não sei quantas caixinhas de “MATCHBOX”, empilhadinhas. Ele falou: “Isso aqui, ó, tive livraria. E quando fechei, me desentendi com meu sócio, era parente e tal, essas prateleiras que o senhor está vendo aqui, tudo foi estoque da livraria que eu trouxe pra cá. Então, papel eu vendi, não-sei-o-quê eu vendi, grampo de... grampo de grampeador eu vendi, graças a Deus vendi carbono! Mas isso aqui eu nunca fiz questão de vender, porque eu tinha neto, e um dia ele iria crescer e eu queria dar isso pra ele. Já dei muito, e ele brincou se divertiu e tal. Mas agora o que sobrou aqui ele não quer, ele quer uma bicicleta. Ele quer uma bicicleta assim e tal, não-sei-o-quê... Então eu faço o seguinte negócio com o senhor... E dali pra cima tinha jogo, jogo da Grow, jogo da Estrela, da Trol, da Mimo, toda essa prateleira aqui, de cima a baixo. Eu troco por uma bicicleta que o meu neto quer. Aí perguntei pro neto: “Que bicicleta você quer?” - Ah, queria uma mountain bike, que tem ali no vovô do Batel e não sei o quê. Então fomos lá... Era uma Gary Fisher, custava 720 reais. Eu fui lá, olhei a bicicleta... vamos voltar lá? Aí fui ver as caixinhas do cara, dei uma olhadinha nos jogos, nas coisas e falei “Bom, no restante eu não tenho interesse, não sei nem o que vou fazer, mas na miniaturas eu fico com elas.” Tinha umas quinhentas, quinhentas e vinte, mais até. Atrás daquela pilha tinha mais “MATCHBOX” antigos. Ford GT²⁷ que soltava as rodinhas, todo Ford GT solta as rodinhas! Com as rodinhas dentro da caixinha. Um que a cabecinha do cara mexe e não-sei-o-quê, que não tava mexendo. Então, uns “salvo de guerra”, tinha mais umas oitenta peças. Isso pra falar seiscentos... Se um real cada um, dá seiscentos reais... um e vinte, dá 720 reais... Tô vendendo a vinte reais, cara. Eu falei “Mas tem certeza que o senhor quer? Vou deixar os jogos então.” E ele: “Não, não, não! Veja aí o que você quer levar dos jogos então.” Fui lá, separei, tinham coisas antigas, não tem problema. Então vamos lá buscar a bicicleta. Aí fui lá com o guri, o guri montou na bicicleta e veio embora. Paguei a bicicleta, foi lá, trouxe uma caixa, e entupi a caixa, peguei mais uns jogos, tinha uns kits pra montar, avião, Revell... Me lembro até hoje, era um avião Fokker, tinha uns 3 Fokker... Acho que se tivesse hoje um, acho que vale uns mil e poucos. Muito bem... Botei no porta-malas, fomos lá no vô do Batel, paguei, o guri já montou, o velho ficou feliz, conversei com ele umas três vezes depois, trouxe isso, incorporei na coleção. Cheguei a tirar da caixinhas, porque tinha cinco, seis, carrinhos do mesmo. Então um era da minha coleção. Seleccionei dos 520, tinha sei lá,

27 Modelo 41C. *The Encyclopedia of "MATCHBOX" Toys*, Charlie Mack, 2001.

cento e poucas peças que não eram repetidas, que era uma unidade. Essa é minha coleção, agora, sobrou, trezentas e taratá... Aí passou um tempo, já morava na chácara, deu uma crise séria na empresa pra qual eu trabalhava, que era a Autoplan. O grupo ao qual ela estava vinculada, teve uma cisão entre os sócios do grupo, que era proprietário majoritário da Autoplan. Aí deu uma série de... Os projetos que eu estava envolvido, vinculadíssimo lá, e a Autoplan como cliente. Meio que negligenciei meu mercado em função de que lá o faturamento era bom, e eu era absorvido totalmente pela quantidade de obras que tinha. E isso quebrou assim, da noite pro dia, parou tudo. Claro que eu tinha reserva, tinha condição de manter, mas você não pode ficar fazendo projetos e cuidando da sua vida em função de reserva, reserva acaba. “Putzgrila”, de novo... Cara, outra crise aparecendo e tal. E aí fui ficando sem dinheiro, reduzindo... Os caras dizem “reduzindo qualidade de vida”, não é qualidade de vida, você reduz supérfluos. Deixa de jantar fora e tal... Aí se você tem uma mulher envolvida na tua vida, você começa a reprimir certos hábitos, vamos dizer, tipo jantar fora, tomar um bom vinho e coisa, aí você não consegue mais fazer isso, e a minha mulher na época ela era ativa, tinha a renda dela, também não sirvo pra virar dependente. E um dia, mas sem dinheiro, sem nada, tem um encontro de carro antigo lá em São Lourenço, Minas Gerais... Falei “cara, vou lá”. Peguei um engradado desses de verdureiro, desses de plástico, vocês conhecem, pois usavam na feira²⁸, e enchi de “MATCHBOX”. Levei 224 caixinhas. Inclusive os Ford GT que soltavam as rodinhas (risos). Botei no porta-malas do carro e vupt! Direto, uma viagem de Curitiba a São Lourenço num dia só, cheguei lá, pô... Encontro nacional de carro antigo, chegamos de surpresa, na sexta-feira, o encontro começou na sexta, chegamos sexta-feira à noite achando que ia encontrar hotel em São Lourenço. Demos umas três voltas em São Lourenço, sem hotel, bem, vamos fazer o seguinte: Eu vou passar mal, eu tenho pressão alta, minha pressão normal já é alta, eu entro naquele hospital ali e você fica como acompanhante. E ainda tiramos a diária do plano de saúde, o quê que você acha?! Aí no hotel lá disseram, o cara falou que 20km daqui tem um hotel, hotel Estoril. Olha, tem um apartamento lá, eles estão reservando pro senhor. Era 43km, não era 20... Soledade de Minas... Saímos de São Lourenço, ficamos em Soledade de Minas, ficamos nesse lugar até segunda de manhã... Andei pelo evento todo, ninguém vendendo miniatura ainda... As barraquinhas sendo montadas ainda... Ih, será que entramos numa fria? Aí de repente, no sábado à tarde já tinha. Aliás, na sexta-

28 O entrevistado se refere à “Feira de Antiguidades da Praça da Espanha”, em Curitiba-PR, da qual o pesquisador participou durante algum tempo.

feira à tarde já tinha os caras montando... Nós saímos quinta daqui, foi isso. Aí no sábado de manhã saí com o engradadinho, encostei nuns amigos de Curitiba que vendiam peça de automóvel lá, falei “Posso ficar aqui? Trouxe umas miniaturas pra vender, posso usar aqui um cantinho do teu estande?”. E eles “ah sim, pode, põe aí no banco”... Aí deixei minha mulher no estande e fui zanzar pela feira. Aí o número de barracas já tinha triplicado. Achei um monte de cara. O primeiro, foi assim, um vizinho já do lugar. Parei no cara, falei “Você compra “MATCHBOX”? E ele: Tenho essas seis caixinhas aí.” E quanto tá? “Trinta, trinta e oito, quarenta, vinte e dois, dezoito. Eu estou com quase 240 caixinhas, de 1970 a 1973, tô vendendo. E ele: “Ah, isso aí que você tem é um navio, que não sei o que, que tal, que ficou encalhado em Santos e tal.” Não viu, me desqualificou e disse “Isso aí me oferecem todo dia”. Tá bom, balde de água fria, mas fui indo... “MATCHBOX”? Compra? Compró.” E o cara “onde é que tá?” e eu “Já volto, já te mostro”. Fui em todas as bancas... Cara, quando eu voltei, vinha um séquito atrás de mim. E numa banca, o cara tava olhando os “MATCHBOX” assim, eu disse “Você compra? Estou com 240 caixinhas, o carro intacto dentro da caixinha, estoque de uma antiga papelaria lá em Curitiba que consegui comprar. Tem algumas dos anos 60 também, e eu tô vendendo”. Aí chegou outro “Desculpe, senhor, é que eu sou colecionador”... Pode vir ver também! Aí, chegamos lá, eu tinha coberto com um pano... Aí a Gláucia, minha esposa contando, “parecia abelha”. Os caras vieram, uma caixinha, duas caixinhas, três caixinhas, quatro caixinhas. “Esse aqui é meu!” Esse meu amigo que me emprestou o cantinho disse, “Eu cronometrei, H., vinte e dois minutos!”. Era o Luis, lá da garagem 570. Todo mundo separou, vou ficar com esses, eu quero vinte e cinco reais a caixinha. Todo mundo pagou, um cara me deu um cheque. Aí me falaram “escuta, aquele cara que te deu um cheque é pilantra”. Dois me deram cheque, um de Petrópolis e esse cara que me disseram que era pilantra. O cara que me deu o cheque de Petrópolis, do outro lado assim de onde eu tava, eu falei: Bom, agora vou fazer o seguinte: Fiz 4800 reais... Ah! Aí sobrou um tanto lá. Aí aquele cara que disse que era colecionador falou “Quanto sobrou aí? vamos contar!” Aí eu contei... 25 reais cada um aí... E aí o cara: “Se fizer a vinte, eu levo todas. Faça vinte esse pacote aí pra mim”. E eu: Mas eu trouxe pra vender a cinquenta. E ele: “Te dou vinte ali e trinta nessas. Vamos fazer a conta aí”. Deu 2800. Você me falou que teve cliente que pagou 8000 de miniatura... Mas 8000 também o cara tem que ser maluco pra dar, né?! Acabamos fechando acho que em 35... “Mas você precisa me dar um prazo”. E eu: Eu posso te dar um prazo, mas não pode ser em 100%. Eu preciso de um dinheiro, tem coisas que eu me

comprometi e preciso pagar. Então 2800, e eu não posso te dar 30 dias. Quanto você pode me dar, já, à vista, que eu possa chegar em Curitiba e já descontar? - “Não, 1500 é sem erro, e 1300 ...” eu vou te dar 21 dias.” Então tá bom, ele fez um cheque, e o irmão fez outro. E os caras eram senão os irmãos Caruso, donos da revista Oficina Mecânica, lembra? E eu pensando “Esse nome, Caruso, onde é que eu li?” E eles “Você conhece a revista?”. Hehe, eles são os maiores colecionadores de “MATCHBOX” do Brasil, Ricardo Caruso. Então, vendi. Aí me deu um surto: Peguei “trezentão” e disse, vocês me dão licença, mas agora eu vou às compras. Atravessei pra primeira banca assim, e os caras com miniatura 1:43, mas uma melhor que a outra, *Pilen, Mercury*, italiana que eu sou fanático, fui lá separei... Quanto dá?! Aí falei pra ele “você conhece esse colecionador aqui, desse cheque?” Aí ele disse “Conheço, esse cheque é bom. Eu aceito e te dou o troco. Esse cara compra muito comigo, é dono de uma gráfica em Petrópolis, pode deixar esse cheque que pra mim é dinheiro!”. Era um cheque de 540 reais, me lembro até hoje. Dei o cheque, comprei trezentos reais de miniatura, minha mulher ficou com o resto... Ahhh, a crise não foi essa, a crise foi ela que ficou desempregada, nós fomos lá fazer uma poupança. Bom, aí, fui ali, comprei, me lembrei de uns caras que queriam comprar coisas minhas. Lá quando eu separei aquelas coisas e coloquei aquelas 400 em cima da mesa, eu primeiro ofereci pro G.G., o cara que comprava lá... O despachante do DETRAN, o A., chato pra comprar pra chuchu... E o A. Pegou, sem eu concordar, sem nada, “H., eu posso dar uma passadinha na tua casa?” Veio na minha casa, o A. Pode vir na minha casa, é meu amigo de 40 anos... Mas ele trouxe um chato... E o xarope veio, foi lá e fez assim: Chegou na mesa, puxou num canto, separou umas trinta miniaturas... “Eu vou ficar com isso aqui.” Eu falei: O Batman com o reboque, é 500 reais. O não-sei-o-quê é tanto... Aí o cara “Não, eu liguei lá pra São Paulo, o máximo que pagam no Batman com reboque é duzentos”. Botei de volta. “Ah, porque o Agente da U.N.C.L.E...”... Falei pro A.: A., quem é esse cara que você traz? Na minha casa, sábado, tô descansando... Eu não sou vendedor de miniatura, sou um colecionador me disponibilizando de algumas peças. Você traz sábado um cara na minha casa, pra dizer quanto é que vale o que é meu? Não tem mais nada à venda aqui. -Não, mas eu quero levar esse aqui. -Não vai levar mais nada, acabou! Pra você eu não vendo! Nome do cara era João, não sei das contas, era dono de uma lotérica, Joãozinho, até hoje chamo ele de Joãozinho. O A. Ficou mal nas calças, levantaram e foram embora. Nessa época eu conhecia uma (conheço até hoje), uma dona de um antiquário, tinha um antiquário no Alto São

Francisco. Conversando com ela, num jantar, ela falou assim: “Ah, você quer fazer uma experiência? Pegue umas miniaturas dessas e leve na minha loja.” Peguei um livro e umas miniaturas “*Yesteryear*” e botei uns “MATCHBOX” na frente assim... Por serem mais conhecidos e tal, vamos fazer esse teste. E esse Joãozinho passou lá e ficou louco. “Não, mas eu fui na casa do H., essas miniaturas são do H.!” e ele negociou com a proprietária da loja... “Esse custa tanto, esse...” Tudo o dobro do que eu tinha pedido pra ele quando ele veio na minha casa. O cara me ligou: “Escuta, mas é que eu passei lá e não sei o que e tal...” No domingo. Fui lá e encontrei ele na frente da loja. “Quero esse, esse, e esse”. Tipo, tinha pedido vinte, e na loja era 40. Vai pegar ou vai largar? “Não, mas vai ficar aqui, você não vai vender.” Quer levar? Eu acerto com a moça, tiro tudo daqui... “Ah, tá bom.” Oito peças o cara comprou, 320 reais. Me deu um cheque de 150 e o resto em dinheiro. Negociamos dentro do Volvo, do lado de uma cabine telefônica, perto da feirinha ali, a feirinha já acabando e tal. Duas horas da tarde eles fecharam a loja. Uma hora da tarde, duas horas da tarde fecharam a loja. Aí o cara desceu, entrou no carro dele, foi embora, tal, eu desci do Volvo, fui na cabine telefônica. “Alô, fulano. Aquelas miniaturas que você falou que vendia, você tem ainda pra vender?” -Tenho. Quando é que nós podemos combinar? -Você quer vir na minha casa agora? Pode vir. Minha mulher tá atendendo um pessoal, mas aqui na minha casa tem um salão, minha mulher tá atendendo um pessoal aqui. Pode vir, não tem problema nenhum. Aí me deu o endereço, saí, fui lá. Cheguei lá o cara trouxe uma caixa de sapato. Aí ele abriu a caixa. Impala taxi na caixinha... NA CAIXINHA. Isso era um tio meu que tinha guardado e tal. Assim como tinha o Impala Taxi, não sei te dizer quais eram os outros... O Volkswagen branco, de rally, na caixinha. TL, na caixinha. E o resto eu não me lembro. Aí tinha 007, na caixa, com as instruções, da Corgi, completinho. Um Solido, que você põe uma pilha, que quando você abre a porta, acende o interior... Um Oldsmobile Toronado. Uma coisa maior que um 1:43 e menor que um 1:36, deve ser um 1:41 (risos). Só 1:43 acho que tinha uns seis carrinhos, umas duas motocicletas. E aquelas motocicletas “MATCHBOX” que ninguém queria, mas hoje todo mundo corre atrás. Tinha todas elas. “Quanto você quer?” - Não, é que liguei pra São Paulo, falei com o Sidney, o mesmo cara que o outro tinha ligado, o Sidney da Brinquedos Raros, existe o site até hoje?! E ele disse que esse meu lote vale 250 reais. E quanto você quer? - “Eu quero 250 reais. E não tiro um tostão.” Por 250 reais eu fico, só queria saber... Caixinha fechada, pegou, fechou a tampa... “Isso aqui é 250 reais na mão”. Aí eu falei “Pô, eu tenho um cheque aqui, o cliente é meu cliente, é lotérico, ele não pode dar um cheque da

Caixa Econômica sem fundos, você aceita?!” Aceito. E ainda fiquei com setentinha no bolso! Aí depois daquele jantar daquela minha amiga, teve um, digamos um, na nossa casa daí... Aí eu voltei da transação já com a segunda caixa comprada, e cheguei em casa todo feliz, e minha mulher: “E daí, vendeu?”. Vendi 8 miniaturas pro cara, 320. “Poxa, que legal!” Mas aí eu liguei pra um outro cara que tinha umas coisas que eu queria, paguei 250 nesse lote aqui. Aí minha mulher: “Poxa, mas você é vendedor ou comprador?”. Aí eu falei: “Calma. Calma que existe uma lei no comércio, que é: você precisa saber comprar. Aí abri a caixinha, botei em cima da mesa, “tá vendo esse aqui, esse aqui e esse aqui?”. Peguei o telefone, liguei pro A., chegou um James Bond na minha mão, na caixa, instruções, parará, piriri, pororó, quero 500 reais. -H., mas me traga aqui agora! Tô aqui na garagem. Desliguei o telefone, falei “acabei de vender por 500 reais, vocês me dão licença que vou pegar meu dinheiro”. Fui na casa do A., cheguei lá, entrei na garagem, abri o porta-luvas do carro, “tá aí, chegou hoje na minha mão, paguei caro, paguei 450, você vai me dar pelo menos cinquentinha.”. E ele: “Não, claro, 500, toma, e pra tua sorte eu tenho em dinheiro aqui.” Catei o dinheirinho, pus no bolso, olhei a coleção dele... “Orra, tô colecionando “MATCHBOX” agora por causa de você!”. Pois o A. Colecionava brinquedo, não colecionava “MATCHBOX”. Aliás, ele nem tinha entrado no “MATCHBOX” de cabeça, “Passei a colecionar miniatura por causa de você”. Tá bom então... Mas eu não podia me entregar, né?! Voltei pra casa e disse: Minhas queridas... eu tinha 8 miniaturas, na sua loja, me desfiz das 8 miniaturas, estou com 14 miniaturas nessa caixinha, e 570 reais no bolso. Sabe qual é o problema de vocês duas? Vocês não tem fé. Vocês não ouviram o sermão da montanha. Jesus multiplicou os pães e os peixes, todas as pessoas que foram lá ouvir tinham fé, sabiam que não iam passar fome. Agora vocês não, vocês não queriam que eu tivesse comprado a caixinha, que eu não tivesse... Agora vou dizer uma coisa pra vocês, se eu não tivesse levado essa caixinha, eu tinha voltado com mais dinheiro. Só que existe uma coisa que é o sucesso do comerciante: Nem tudo o que você tem à venda, vai pra vitrine. Entendeu? E fiquei uns 90 dias tratando com isso, cheguei a ir pro Paraguai. Eu fui pro Paraguai e trouxe de lá, deixa ver se tá aqui visível. E trouxe de lá o Ford 40, parece o 43, chinezinho, comprei uma caixa com 12... Descobri um atacadista, fui lá e comprei as caixas. Comprei uma caixa de Porsche, uma caixa de Ford 40, uma caixa de Ford 33, uma caixa de Ford Fairlane com teto Carson, e uma caixa de Perua Ford Woodie. As caixinhas são com 12 unidades, a escala é parecida com... Umas são 1:43, outras são um pouquinho maiores. Comprei tudo isso, eu gastei 97 dólares. Mais uns 1:18 que eu

comprei, uma Mercedes parecida com essa, orra, fez um volume, e eu tinha que voltar de ônibus. Nós fomos lá pra um batizado de um filho de um amigo nosso, a gente foi de avião, mas como eu fiquei pra ver uma possibilidade de um serviço, de um projeto que eu ia fazer lá do pessoal e tal, então tinha que ver o terreno, tinha que ver não-sei-o-quê, esse pessoal tinha construtora, eu fiquei e comprei uma passagem na segunda-feira, meia-noite, de ônibus. O primeiro sábado que eu fui no Atlético... Ah, comprei uns escala 1:24, Chevrolet Woodie e Chevrolet conversível, 42. Ainda tenho guardado no meu acervo umas duas peças de cada. Levei essas 1:24 e duas de cada, dois Ford assim, dois assim, dois assim... Mais uns "MATCHBOX" e tal, do lado de um amigo meu, que faz tempo que eu não vejo, vendedor de livros, "Seu" B.. Fiquei conversando com ele e tal... E ele tinha 25... Já me lembro a marca... "*Politoys*", que ele chamava de "polítos". 25 Politoys na embalagem, italianinha, no meio dos livros dele lá. Eu fui lá, dei uma olhada e tal. As pessoas passavam e ele vendendo os "Polítos" dele a 15 reais. E eu tava vendendo meus paraguaios a 25 sem vergonha nenhuma. E a 60 reais os 1:24. Os caras passavam, olhavam a minha banca e pum. Ia um Ford 40 e tal, de repente parou um cara, e o cara tinha o carro. Aí ele "Não, mas só que o meu carro é um coral." Eu tinha um verde pra vender e um vermelho. E eu "espera um pouco." Abri a caixa e pus um coral na frente dele. (surpresa). 25, pá... Aí um amigo que tava junto falou "Ah, então vou levar o verde". E o cara vendo... "Pô, você tem um produto que vende bem, hein?" Daí eu falei "E você tem um produto que eu coleciono bem, vou comprar um aí." E ele falou "Não, vamos trocar... Me pague com os teus carrinhos. Ah! Karmann-Ghia eu tinha trazido também! Que depois virou artigo de feira, mas aquela época ninguém tinha visto ainda! Então, veja lá o que você quer... Ele foi lá e separou... Eu vendo a 25 e você vende a 15. Dois teus, eu tenho que devolver 5 reais pra você. 3 teus, dá 45 reais, dois meus dá 50. Aí eu troco. Te dou dois por três. "Pô, mas eu quero esses grandes." Esses grandes eu estou vendendo a 60 cara, então são 4 miniaturas tuas. "Ah não, quero fazer 1 pra 1". Pô, 1 pra 1 eu não posso, de 25 reais eu não posso tirar 10, vou pagar! Eu sei que eu pegava assim, 5 miniaturas minhas de 25 reais, contra seis Politoys. Seis dava 90, as minhas 5 dava 100. "Pô, mas eu quero mais esse Karmann-Ghia!". Pra não perder o amigo então, "O Karmann-Ghia é seu, presente meu pra você". Então fui lá, comprei 20 carrinhos dele, e ele comprou "x" carrinhos meus. Presente por presente, aí ele me deu outro Politoys, lembro até hoje que era um Porsche 914. Me deu, eu trouxe esses. Aí cheguei em casa, contei a história, "Pô, mas você em vez de trazer dinheiro traz carrinho!" Tava meu filho junto... E eu "mas calma..." E meu filho "Não, como

coleccionador o senhor fez um grande negócio, pai!” Aí fui lá, abri a Internet, “Brinquedos Raros”... O Sidney... Vamos ver o que ele tem da Politoys... Ele tinha um, uma Lamborghini 4200 GT. Uma das primeiras Lamborghini. A minha ainda tinha os decalcos, a dele não tinha mais, a dele já limpinha. A minha ainda tinha o decalco da Polistil, de papel. Aí eu: “Economistas, venham aqui... Duzentos e oitenta reais... Querem discutir comigo?”. Então, o que aconteceu foi o seguinte, 90 dias que eu girei, eu comecei com 8 miniaturas da minha coleção que eu vendi, cheguei a ter 11 mil reais no bolso, e o número de miniaturas ampliando, com essas trocas, mas o arquiteto precisava do dinheiro do comerciante, e ele passava de um bolso pra outro, e eu tinha que fazer minha vida girar, e tudo bem... Mas um destruiu o outro, entendeu?! E de repente começaram coisas profissionais a acontecer na minha vida que me afastaram disso, eu saí desse mercado. Então é o seguinte: O colecionador dificilmente vende, mas se você entrar no mercado... Aí se você disser “hoje, da tua coleção, você venderia alguma coisa?” Como eu encontrei esse meio virtual de colocar a minha coleção à vista, que era o que eu queria fazer da minha coleção era um museu, como eu encontrei esse meio aí e pretendo, só que inserindo assim, tópico por tópico como eu tô fazendo, eu vou levar 132 anos pra colocar toda a coleção (risos). Então daqui a pouco eu vou ter que dar uma apurada no modelo de exibição da coleção...e claro que eu vou manuseá-la inteirinha de novo, ela tá hoje toda encaixotada, guardada; eu vou manusear inteirinha essa coleção de novo. Na hora de manusear ela inteirinha, vai ter coisa que vai ser colocada a venda, com certeza vai. E daí por isso, esse site vai ter uma página chamada “mini auto”, “mini auto market”, “mini auto mercado”, qualquer coisa ... vai ser uma banca, igual aquela que vocês tinham lá, na feirinha, só que virtual... e claro que – não tem nada a ver com a entrevista, mas aquele assunto que eu falei, de repente agregar, por uma facilidade, eu não vou me arvorar agora e me transformar num importador, por que eu tenho quem faz!!! já tá com a manha toda, o correio já não invoca mais com ele, se vou começar eu, os caras vão dizer “iiih... virou moda, agora é outro aí”. Então, vamos deixar o “seu” P. trazer, ganhar o dinheiro dele, e dentro disso, há um... há uma parte desse lote que pode entrar pra vender, eu vou fazer questão de vender. Claro que vou estabelecer, vai ter um custo pra eu vender, por que tem todo um custo de manutenção, mas tudo bem... Mas daí já é o comerciante derivado do colecionador, aí é alguém que enxergou nesse assunto “coleccionar” um nicho de mercado. Tem outras coisas que eu vendia. *Cord*, escala 1:12, pra montar, custava 70 reais no S. um kit...

Pesquisador: esse eu lembro...

Entrevistado: era caro na época, 70 reais... eu comprei, o R.F.P. montou pra mim, branco, interior vermelho e teto de lona azul, foi premiado no... numa exposição do Santa Mônica, 70 reais... Um dia apareceu um cara e falou “Pô cara, quero um não... tal, coisa...”, eu falei “ eu tenho um pra vender, tenho um Cord 1:12 pra vender, tal” “Ah, mas eu ...”; eu falei “ eu quero 500 reais” “Não mas pô...”; eu falei “Ó, o kit custa 70, eu comprei 3 kits pra poder montar esse, são 210, tem tinta, tem isso, tem aquilo, tem não sei o que... 500 reais... 450”. O cara me deu 450 reais, e depois na hora que ele fez o cheque ela ainda pediu, “você pode depositar...”, me pediu assim, era um médico, 450 reais... eu realmente comprei 3 kits, mas 1 antes montei, arrumei, bacana, e tal... vendi por 450 e depois comprei os outros 2 (risos). Eu não menti pro cara, eu apenas antecipei a verdade, entendeu? Um eu dei de presente pro Ricardo, porque ele montou o kit pra mim e eu vendi, e outro eu fiquei pra mim, que acabou sendo roubado na chácara. É ... Uma caminhonete 1:16, da Minichamps, Minicraft... Perua Ford Picape...Pô... e o meu montador oficial de miniatura era o R.F.P., ligava pro R. e dizia: “R. eu quero isso”, aquele MGzinho ali foi ele que montou... “R. eu quero isso”. R. ia lá e montava pra mim, tal ... às vezes era assim, pra montar 1:16, “me dá aqui eu monto, que eu me divirto”. Aquele da MG foi ele que montou, mas esse aqui foi eu, que é o mesmo kit. Aí, é... às vezes eu pagava com um kit 1:24, uma coisa “quê que você quer?” “Ah, pô tô pensando em.. eu quero comprar um GTO que eu vou transformar nisso , que não sei o que”. Custava *vinhão* um kit desse aí. Eu ia lá no S., comprava um kit, entregava meu 1:16 e falava “tá, o teu pagamento” . “Pô, não claro.. dá aí que me divirto” (risos). Você gasta tua tinta, gasta tua cola, gasta ...fiz isso muitas vezes.. Pô, e o R. morreu, cara... e o acervo dele não sei aonde foi parar.. não tive coragem de perguntar pra mãe dele... Muito bem, então, voltando a vender, vender kit montado eu descobri um baita bom negócio também, entendeu? Então eu, é.. não sei se responde a pergunta de se eu coleciono ou não coleciono... colecionador dificilmente o colecionador se desfaz..., por que o colecionador é... vamos entrar agora num mérito que não é meu, é seu ... é ... ele cria um vínculo afetivo com aquilo que... tem cara que coleciona selo, tem cara que coleciona chaveiro, caneta, o cara vê naquilo alguma, algum ... cria um vínculo, uma afetividade ... é difícil se desfazer... mas teve uma coisa que me forçou a ver isso, foi o seguinte: eu tinha mais de 8mil miniaturas, tinha montado como eu te falei uma casa de solteiro, na época que eu morei na chácara eu tinha na varanda – tinha uma varanda enorme assim, com 3 metros de largura – na varanda eu tinha as duas Alfa, uma de cada lado assim... aí o resto da casa era todo envidraçado, imitando essa janela aí só que era

porta, a salona e tal... eu tinha tudo ali, todos esses troços, troféus, livros tudo, eu tinha lá, eu morava lá... então minha sala era sala ... eu tinha mulher nessa época, ela me ajudou a montar isso nessa época, mas ela tinha a casa dela e eu tinha a minha... então minha sala era um museuzinho, bacana e tal...o filho do caseiro passou a consumir droga, teve um problema e ficou devendo pro ... ele virou um aviãozinho e daí não pagou o traficante que é como se faz, e daí liberou a casa pro traficante levar o que queria... levou toda a minha cozinha, tudo que você imagina... só não levou a geladeira por que ela não sai, era quase o dobro desse.... mas levou ... nem o fogão por que tava embutido... mas levou máquina de lavar louça, micro-ondas, tudo... a cozinha inteira, panela, prato, tudo, tudo .. roubou de caminhão . E 2400 miniaturas que eu deixei lá.. todas minhas 1:18, todas minhas 1:24, que eu deixei na chácara num quartinho, guardadinhas, escondidinhas lá...por que eu voltava na chácara fim de semana e tal... mas daí teve um... uma época que eu tava... com envolvimento com autódromo online, Divinópolis, eu fiquei 4 meses sem ir lá... foi o que bastou... numa ida minha lá o cara falou “ah, entrou ladrão aqui” ... entrou ladrão é o caramba, meu...arrombaram uma porta lá pra dizer que entrou ladrão.. e eu levei 2 anos pra tirar os caras de lá... por que o cara era doente, por que eu tava querendo.. sabe? Ministério do trabalho e tudo... pra não pegar um pepino grande eu tive que segurar o cara 2 anos ... eu não vou contar, pô, mas tinha miniatura minha 1:24 que hoje tá sendo vendida a 800 reais no mercado, 1:24; 1:18. eu nem faço esse cálculo. Eu.. como se fala? Eu desencanei isso, e a partir daí, com eu já tinha trazido boa parte, boa parte não, a grande maioria graças a Deus, todos meus Corgi, todas minhas raridades, eu trouxe.. A partir daí eu diminuí muito minha compra, diminui muito minha compra... eu fui um comprador costumado lá no.. parecia que eu era doente. Mas não sei se você lembra o quê que eu comprava...

Pesquisador: Já aproveitando isso, ah ... você tem alguma cota, algum limite, pra comprar miniatura?

Entrevistado: dinheiro? Eu tenho limite o seguinte: não compro a prazo. Mas aí você vai dizer “Porra, mas eu me lembro de você comprando”. Paro de comprar ... uma coisa que me afastou da banca do ... do ...lá, você era sócio dele..

Pesquisador: P.

Entrevistado: ... da banca do P., eu chamo de banca do P. por que... uma coisa que me afastou de lá foi eu ter tido crédito. Eu tive, daí eu comprei talvez até mais do que eu queria, não é daquilo que eu queria, do que eu podia vamos dizer assim... por que era a prazo. E o que me irritou, a mim, foi mais de uma vez, tipo o combinado era pra pagar

dia 30, eu ia lá pra pagar dia 10, dia 15, dia 20, ou no outro dia 30, aconteceu... aconteceu até de um dia que fui lá pagar e ele me disse “que você tá me dando esse 150?” “eu to te devendo” “não, mas nós já acertamos, aquele caminhão, ficou 50 pra te pagar cara”... ele também falhava. Tinha inúmeras vezes que eu ia lá e a banca não tava. Mas sabe? Eu odeio dever. Então meu limite é meu dinheiro. Se eu tiver com muito dinheiro eu sou um perigo. Mas eu não sou nenhum louco assim, nunca assinei um cheque de 8 pau. Nunca tive assim, tirar um bolo de 8 mil pra pagar. Coisa mais louca que já fiz foi comprar 78 Brumm a não me lembro quantos reais cada um, e pagar em dólar, por que tinha uns dólar no bolso. E paguei... 10 dólares cada um acho...

Pesquisador: Brumm é sacanagem... mesmo que você não goste, você acaba levando (risos)

Entrevistado: era um italiano que tava indo embora... eu to passando lá no MASP em São Paulo, não no MASP não, no Iguatemi ... e uma Alfa Romeo 158 do Fangio, tal... Fórmula 1 assim numa banca de canetas. Falei “quanto?”, o cara falou “15 reais”, é isso aí... 15 reais e o dólar era 1/1. “Você tem mais?”. Daí o cara falou “eu tenho 80 peças lá na minha loja, a loja lá na galeria tal”, aquela galeria que hoje só tem uns *tatuado*, na 7 de abril. “É o seguinte: esse é de um italiano, ele vai embora pra Itália, ele quer me pagar com essas miniatura, que daí ele leva caneta, que pra ele é mais fácil viajar com caneta. Miniatura dá um volume, eu vou lá dar uma olhada”. Pô!! tinha uma vitrininha assim, o cara foi pondo pra fora, somamos lá e deu 78, 780 mais a metade....ah... 1120. aí eu falei pro cara “não mas eu quero levar no atacado, eu vou levar tudo mas se você fizer... vou levar tudo se você fizer 10 reais a miniatura” “a não daí não dá, e tal, e coisa...”. Daí o filho, de repente conversaram os dois e voltaram. “vai me pagar como?” “eu tenho dólar aqui”... Orra, daí o cara (risos). Eu falei “eu tenho dólar aqui, eu acabei de vender um negócio aí, recebi tudo em dólar”. Daí o cara “mas quem te pagou em dólar é de confiança?”, eu falei “de muita confiança... empresa que eu trabalho há 20 anos”. “Então espera aí que eu vou ligar pro ...”. Aí foi lá, tal, e falou com o italiano, e o cara falou “ó, ele falou que pode levar tudo tem 78 aqui, tem 2 quebrada.. ele faz tudo 800 dólar” ... (risos) eu paguei 800 dólares... essa foi minha maior loucura que eu me lembre de já ter comprado. Agora, esse mesmo Joãozinho, que eu vendi por 320, esse cara uma vez foi lá na chácara e ficou “pô, quero comprar, quero comprar, quero comprar...”, daí ele vinha e queria compra coisa que eu não queria vender. Um dia ele foi com o filho dele lá na chácara, que acho que foi isso, o filho do caseiro deve ter ... foi com o filho dele lá chácara e tal... pô, eu tinha armários lá na chácara com gaveteiro

que nem esse aí, assim... 12, 1, 2, 3, 4... 12 vezes 4... 48 gavetas. 3 estantes, com 4 gaveteiro em cada estante, 48 gaveteiro entupidinhas de miniaturas, inclusive algumas só de "MATCHBOX", e o cara queria... mas daí o cara queria umas Corgi... daí eu "isso aqui eu vendo... isso aqui eu não vendo" "mas eu não posso olhar?" "olhar pode, vender, eu só vendo isso" "não, venda esse!" "não vendo, pô... você quer? Eu vou achar um pra você, mas esse eu não vendo". Daí ... 4 pau e 200 cara... o cara foi lá embaixo do banco, eu morava lá no Guatupê, essa minha chácara.. o cara foi embaixo do banco do Escortinho dele, pegou o dinheiro... pô, ele e um filhinho deste tamanho.... o cara compra 4 pau e 200 em miniatura na frente do filhinho de 8 anos, em dinheiro... pô, ele era lotérico, tava acostumado a lidar com dinheiro... 4 pau e 200 cara... eu nunca fiz um troço maluco desse. 800 dólares eu ... eu falei 97 dólares, 197 dólares no Paraguai eu comprei em miniaturas. Fiquei meio preocupado em botar no ônibus, "eles vão te tirar" um amigo meu lá falou. Pararam o ônibus, a Polícia Militar na saída da Foz, tava procurando droga. Botaram a bagagem pra fora, nem abriram! Sacolona no Paraguai, quadrada, desse tamanho assim.. nem mexeram! Olharam, olharam, olharam, o cachorro já descobriu a droga, achou.. já pegaram o cara com droga, já tiraram do ônibus, botaram o resto pra dentro e viemos embora. Qual foi a última pergunta? Orçamento? Por exemplo, eu preciso, para o meu museuzinho virtual, de um modelo da Brumm chamado *DeDion-Bouton Victoria*. Você já viu isso? Ele é um tratorzinho que puxa uma Victoria, Victoria é um tipo de carroça, ganhou a primeira corrida em 1894. A Brumm²⁹ tem isso. Eu abri o botei Brumm no MercadoLivre, tinha um cara vendendo por 165 reais. Eu não comprei. Porque neste momento, eu não posso gastar 165 reais numa miniatura. Quer dizer, eu até tenho 165 reais pra gastar na miniatura, uma semana depois eu me regeneraria, mas daí é aquela coisa que te dizia: 165 reais, eu tenho uma namorada, ela mora em Cascavel, chega aqui em Curitiba de repente, ela quer jantar fora e eu "Não, eu comprei uma miniatura". Vai ficar difícil de entender, né?!

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?O que você gasta em manutenção?

Não, isso eu faço tudo aqui. Isso aqui é com um material proveniente de loucuras, talvez tenha comprado balsa em excesso, tenho guardado. Então como eu sou um colecionador de 64 menos 8 anos, 56 anos que eu tô nessa lida, eu tenho tudo muito. Olha: Na

²⁹ Fabricante italiano de miniaturas em escala 1:43.

chácara eu tenho uma escritaninha xerife, que as gavetas são enormes, lá eu tenho roda, calota, cubo rápido, espelho, espelhinho interno, anteninha, tudo em caixinha, caixa de fósforo, caixa disso, caixa daquilo, eu não joga caixa nenhuma fora, e roda que eu digo roda “roda”, não o pneu. Pneu, roda, tudo, sucata de kit de gente que freqüentava o S. e dizia “eu tenho sucata de kit”, então um levava um pneu, um levava não sei o quê... Eu trazia aquela caixa pra casa... árvore, aquele negócio onde vem coladas as peças, eu faço barra de capotagem, isso aqui é feito com sobra de árvore, talvez até do próprio kit, eu fiz. Então isso é o seguinte: Eu fiz muita miniatura quando não podia comprar, ou porque não tinha também... Por exemplo, essa Alfa aqui ninguém tem. Você já matou o que é essa Alfa né?

Pesquisador: Você pegou um Shelby...

Entrevistado: Isso, peguei um Shelby, meti um tanque de gasolina atrás, vidrinho, fui numa loja que vende miçanga e coloquei esses faroizinhos aí... Não vendem essas peças individuais, tem que comprar de dez... Isso aí tá guardado, amanhã eu quero fazer um outro...

(apontando para a prateleira) Você sabe o que acontece aqui? 4, 4, 4...4 ali. Segundo um preceito chinês do Feng-Shui, esse canto aqui é o canto da riqueza. O número desse canto é 4. Essa parede não estava assim, eu que pintei de vermelho. Aos poucos eu estou aplicando os preceitos do Feng-Shui... Eu tava trabalhando ali e só tava “dando merda” na minha vida... Depois que mudei os móveis... É um troço meio assustador... Não entrou dinheiro ainda, mas...

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua “cota”, como age? Sua coleção tem alguma meta a ser atingida?

R: Acho que colecionador não vai parar. Isso é uma... Eu já parei, e todas as recidivas são violentas. Mas nesse momento eu to parado, eu não compro nada. Mas quer apostar que não passa 90 dias e eu ganho uma miniatura? É assim... Ou acontece alguma coisa, ou... O meu objetivo eu já contei, meu projeto pra terceira idade, você vai poder ler isso, eu escrevi isso no meu site, se entrar lá “sobre o site” , tem uma segunda página, que não está no cabeçalho, só quando você clica sobre o site aparece 'o colecionador', que é

uma biografiazinha, que eu tinha feito só por escrito, mas ontem eu fui convencido a ilustrar, meti-lhe um monte de fotografia lá, contando a minha vida. E mais ou menos responde a entrevista aqui, ali... Um objetivo que eu tinha pra minha coleção, quando me vi mais velho, então se tô dizendo que eu garoto lá com meus 16 anos, tinha uma pista de autorama que era um clube, de um grupo aqui, dois meninos moravam nessa rua, dois moravam na Itupava, o outro morava lá do outro lado do campo do Curitiba, o outro morava na Amintas de Barros, eram uns seis, no máximo 8 a gente se reunia e fazia nossos campeonatinhos... A gente se reunia, alguns deixavam os carrinhos aqui... Construíamos nossas carrocerias... Eu tinha Malzoni, Simca-Abarth, tudo feito a partir da Berlinetta-Interlagos, da Estrela... Você lembra da Berlinetta da Estrela? Mas você não chegou a brincar com a Berlinetta, você sabe que ela existiu... a partir dela fiz a Simca-Abarth, e fiz... Simca-Abarth tinha uma relação aqui com o Paraná porque ganhou uma corrida da Rodovia do Café... Mas voltando, meu ideal seria um museu. Porque sendo colecionador, eu hoje tenho, no estado que você viu aí... Eu tô num desvio, né... Aí você pensa “pô, porque o cara não vende tudo isso?” Vou vender, comer, e continuar F*dido, desculpe o termo... Eu quero voltar a ganhar dinheiro, eu quero ter o dinheiro inclusive pra poder ter isso que eu tenho parado aí. Meu Volvo, tá um atestado de pobreza, se você olhar em volta tá todo batidinho, daqui a pouco me prendem... Aliás, eu vou ter que deixar, agora acho que ele vai pro restauro porque eu tô sem carteira, vou ficar 30 dias suspenso, porque, 21 pontos... Só não fui lá agora, porque tá mais de 30 dias por causa da greve. Então eu tenho automóvel antigo, tenho minha biblioteca, muita fotografia... Fotografia feita por mim, de amigos, tenho muita história do nosso automobilismo... Então não é só miniatura, então por isso eu queria ter um museu. Mas museu pressupõe grana pra... Isso aqui quando você vai correr sozinho em Interlagos, você tem que ir lá', fotografar teu carro e voltar correndo... Isso aqui é um rally que organizei em 1985... Mas o que quero te mostrar é isso aqui: Isso aqui é foto minha. Primeiras 100 milhas de Curitiba... Ah não, essa é 200km de Curitiba, não é a primeira 100 milhas. Isso aqui é a Praça 19 de Dezembro, tem um Isle de France aqui assim, uma Berlinetta do Marcos Olsen. Aqui a João Gualberto, descendo. Aqui de novo, a mesma praça, só que ao contrário do que roda hoje a praça. Aqui... é a entrada da Cândido de Abreu, queria mostrar o Mueller, mas as fotos estão pequenas... Simca, carretera, Malzoni... Isso era um protótipo do Rio Grande do Sul... Simca do próprio Chico Landi, aqui os Abarth... Isso é uma corrida na BR-116, entre o centro politécnico e o Tarumã, fechava a BR ali e fazia corrida, 6 horas! 6 horas aquele trecho fechado... 6

horas de prova né, então dava umas 10 horas... Então isso.. A coleção de miniatura faz parte de uma... Aí começou o nome “mini auto mania”. Isso aqui é 1982, minha filha tinha uma semana de nascimento, eu fiz uma exposição... Isso aqui é um Salão do Automóvel antigo... Os Austin não são meus, eu usei pra tampar lá... Isso aqui é papel... Isso aí é de um sujeito chamado Roberto Gonçalves, essas miniaturas são de papel, o cara faz em casa... Nessa época eu tinha tempo de ir atrás... Madeira, pai de um arquiteto amigo meu, eu falei “grave, faça um vídeo do teu pai fazendo isso”, o cara não fez... E isso aqui tudo, os netinho do cara moeram... Eu pedi, quando morreu o velho eu disse “me venda um”, ele não quis vender...

4- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

R: Se eu pudesse eu teria uma espécie de museu. Eu faço de conta que não, mas eu sou exibido (risos). Você sabe porque você me conheceu me vendo na televisão, não foi assim? Falando de uma exposição e dando uma miniatura... Que não era promoção minha! A miniatura quem deu foi o S.³⁰, eu apenas entreguei. Ele fez um incentivo, qual era a maneira? E aquilo foi provocado pela repórter. Não foi invenção nem do S., nem minha, nem de ninguém. A repórter foi de manhã, antes da abertura da exposição e ela conseguiu fazer uma bela duma reportagem, se você lembra bem, porque estava vazio, eles filmaram tudo, ficou bacana essa reportagem. Que eu me lembro que eu assisti ela, isso foi gravado umas 9, 10 horas da manhã e eu cheguei ver ao meio-dia, e se eu não me engano a exposição abriu às quatro horas da tarde, uma coisa assim. “O primeiro que chegar às quatro horas da tarde no Santa Mônica, dizendo que viu essa reportagem no canal 12 e me encontrar e disser “Henrique, eu vi a reportagem”, vai ganhar uma miniatura, um kit pra montar. Eu me lembro de você e teu pai chegando, mas me lembro claramente, foi lá na terceira mesa, o gurizinho chegando “Henrique! Eu vi a reportagem!” E eu até... (faz expressão de divagação). “Pois é, mas eu vi! Eu sou o primeiro?” E eu “Pô! Você é o primeiro!” E era uma picape Chevrolet 72, me lembro... Fizeram fotografia? Não me lembro... Saiu no “Arte e Modelismo”. O S. era um “xarope”, mas é um cara que faz falta.

30 O entrevistado se refere ao Sr. A. S., que por muitos anos teve em sua loja de modelismo um ponto de encontro de vários colecionadores e modelistas de Curitiba, além de periodicamente publicar artigos defendendo o modelismo, principalmente em seu jornalzinho de mesmo nome. S. faleceu em 2009.

5- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

R: Eu já tive desde perguntas que pareciam até uma entrevista pertinente a um assunto de ordem psicológica (com lógica as perguntas) como já tive Uma vez voltando do Paraguai, uma senhora falou “Nossa! Você tem tanto filho assim?” e eu disse “não, isso aqui não é pra criança, são miniaturas de coleção, eu tenho mais de seis mil miniaturas na coleção” e ela “já foi no médico? Já procurou um psiquiatra?” bem assim... Mas eu pensei nisso... Como que isso funciona? Pra quem me conhece, pra quem visitou minha coleção quando tive ela exposta em casa, vou te dizer uma coisa: Você não é louco pra quem tem alguma loucura.

Como eu sou um colecionador em que a miniatura é parte de uma coleção, e que “MATCHBOX” é parte da parte chamada miniatura, por exemplo, minha biblioteca eu prezo muito... Agora tô produzindo alguma coisa, eu tenho algumas esculturinhas também, que estão quase prontas. São em madeira... Madeira usada pra fazer tamanco... É uma madeirinha que se usa pra fazer molde. Então tenho um carro dos anos 30, pode ser um Delage, Lagonda, sei lá o que, e o outro é um MG, só que é o Aero, o Aero era um teto de aço, cupezinho... (Se dirige até uma estante e busca um livro sobre a MG). Cara que tem esse hobby aqui, não pode não ter mais visão... (Mostra o MG aero no livro), então tenho esse kit de plástico, que um dia vou fazer esse carro... Não sei quando.

Se você olhar lá dentro, isso aqui eles chamavam de Selec-traction, quê que eles faziam... O cara vinha lá páááá, ele pegava e punha a terceira (tinha quatro marchinhas). Ele punha a terceira, mas ela continuava em quarta. Aí quando chegava na boca da curva, dava uma cutucada no freio e cléc! Entrava a terceira. E isso aqui, que tá aqui (mostra foto), tá aqui. Agora sabe porque isso aqui era envolvido nessa mangueira grossa? Isso aqui é o seguinte: Isso aqui é um vento de uma turbina pressurizador do combustível... O combustível vem aqui, vem lá do tanque, entra nos dois carburadorzinhos aqui, faz a mistura com o ar, injeta aqui. Isso gira, movimentado pelo volante do motor, numa velocidade tão fantástica, e quanto mais o carro vai girando, mais isso vai girando, e manda o combustível pra injeção, que esse carro não tem carburador, ele tem uma injeção. E esse não é um quatro cilindros como é aquele lá. Teve um trabalhinho bacana aqui. Esse motorzinho é um 4 cilindros, esse é um 6 com injeção. Ele envolvido naquele tubo mais grosso, você não congela o combustível. Ele

girava tão rápido, que quando ele entrava no tubo, ele congelava o tubo. Acho que o tubo era aquecido, inclusive. E aí tá a injeçãozinha e o escapamento pra 6 cilindros. O bloquinho original é o mesmo, eu consegui fazer um 6 cilindros no lugar do... Mas isso... gozado, sabe quando apareceu esse tempo pra fazer isso? Nas épocas que eu estava mais ocupado... O tempo é uma coisa bacana, quanto mais você... Isso aqui é quando eu tava fazendo as Renault... Viajava e tal... Aí chegava em casa, sentava... Agora hoje eu tô com tempo, e falta tempo...

6- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

R:

R:

8- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

Depois do advento do computador, como te falei, eu resolvi inventariar. Eu tenho o inventário antes do roubo, que eu inventariei por escala. Dentro da escala, dividi por marca de fabricante, e daí o modelo. Esse inventário caducou, porque tive o roubo, vendi algumas coisas, eu cheguei a ter um inventário com... Uma loucura, um Excel bem feitinho, não fui eu que fiz, foi minha mulher na época... Eu tenho esse... Eu tive essa facilidade das mulheres que viveram comigo se envolverem com a coisa... Menos a primeira, gozado... Não sabia o que era... Suportava, digamos assim. Esse Excel que eu tô falando, eu tinha a referência da fábrica. Então era assim, separar por escala. Aí quando chegava no nome “MATCHBOX”, existe uma referência, 1-75, número 21-B, que é como é a referência... A data de fabricação, que isso tem no chassi do “MATCHBOX”, a cor, a descrição do modelo, preço pago. Valor atual. Cheguei a ter assim. Dá uma avaliada... Mas isso é um trabalho maluco, eu teria que viver em função da coleção... Era um banco de dados. Quem tava fazendo esse banco de dados pra mim era minha ex-mulher... Ela era expert nisso, então montou um banco de dados bacana. Hoje eu tenho, depois que elas vieram pra cá, não posso dizer que tenho, tive um vírus nesse

computador, comeu meus... E tem ali naquela latinha tenho meus discos... tem um disco que deve ter, só dos 1:43... Mas aí tá por... Já era um embrião do que vou fazer no site... Tá por ordem cronológica. Então peguei o veículo mais antigo que tenho, que é um veículo de Newton, que é um Old-Fire, você conhece né, esses Brumm?! Hoje minhas miniaturas estão assim... Aqui o que tenho guardado, elas tão assim porque estão nos armários... Eu abri pra tirar o Bordino, e isso aqui me deu a referência que eu precisava pra fazer o Symington, é visível que o Symington era maior que o carro do Bordino, porque é mais antigo. Mas a partir da visualização desse, eu fiz esse. Agora ele já vai poder voltar pra caixinha... O Newton deve estar por aqui... Conhece essa série, né?!

Isso aqui eu comprei a série inteira numa tacada só, do... Ele era colecionador como a gente, cliente do S. como a gente, R.H. Isso aqui você sabe de onde veio (mostra um modelo adquirido do pesquisador).. Tá aqui porque eu tenho esse... Esse aqui é a logomarca da Brumm. Sabe como que chama isso aqui? Brumm. Esse é o verdadeiro Brumm, que eram os táxis de Firenze. Puxado a cavalo, claro, mas os primeiros automóveis são isso aqui... Aqui uma coisa bacana, a Rocket... Robert Stephenson...

9 – A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

10- O que é um “matchbox” para você?

R: Na verdade a minha entrevista é um pouco complicadinha, porque eu sou anterior à “MATCHBOX”. Mas “MATCHBOX”, só naquela descrição que eu fiz, ela é um produto com evolução, e hoje a “MATCHBOX” tá produzindo modelos fabricados no Brasil, só que não sei se você sabe que a “MATCHBOX” não vem para o Brasil mais, a Mattel resolveu optar pelo Hotwheels no Brasil e deixou o “MATCHBOX” fora do mercado brasileiro... Grande estupidez da “Dona” Mattel, e grande estupidez dos brasileiros de continuar comprando Hotwheels... O que tinha que fazer era o seguinte: deixa de comprar o Hotwheels, pra ver o que acontece. Só que tem uma pá de neguinho comprando Hotwheels que não sabe o que tá comprando. Eu tenho um primo, aliás você podia entrevistar esse cara, mas ele só tem Hotwheels... Ele tem um corredor na casa dele com milhares, não sei quantas hoje, milhares de Hotwheels na embalagem. O jeito

dele guardar é fazer um espetinho daqueles e empilhar... Então ele tem o azulzinho, o vermelhinho e o amarelinho... Ele não sabe o que tem. Voltando à pergunta, eu queria ver se conseguia responder assim, “tuf”! Na verdade eu acho o seguinte, é o fio condutor. Pronto, vamos dizer assim. “MATCHBOX” foi, pelo sucesso que se transformou, e aí voltando naquilo que tô dizendo: sensibilizou criança de 8 meses, o menino de 8 anos, de dezoito e tal... E nesse passar do tempo, nós dois estamos reclamando que a “MATCHBOX” não vende no Brasil. Então, nós somos sensibilizados, certo?! Então, a “MATCHBOX” não influenciou só colecionadores, ela influenciou um mercado inteiro. Porque a partir por exemplo, de um produto chamado Yesteryear, ela provocou milhares de fabricantes. Solido passou a fabricar “L'age D'or”, Eligor, que fazia só carros contemporâneos foi buscar carros dos anos 30, 20... Marcas que se vê pouco no Brasil, Minialuxe, francesa, essas marcas fazem 1:43 todos do princípio da história do automóvel, que agora é minha grande necessidade neste momento, porque eu tenho um hiatozinho, entre todas essas fotografias que tenho agora, e o que vou querer publicar... Como eu quero publicar fotos do meu acervo, eu não quero pular assim, por exemplo: 1894, que é o tal do carrinho DeDion Bouton Victoria, que eu poderia ter comprado... mas não durou meio-dia a oferta... Então esse carrinho, vapor ainda, ganhou a primeira corrida da história. Então pro meu site ele tem um valor, e eu gostaria que fosse minha a fotografia ali. Mas eu vou ter que por uma fotografia. Eu tô optando por colocar uma fotografia dele, do carro, original, que eu tenho no meu acervo. E daí a partir daí, eu tenho o Bernardi, italiano, o que eu tenho é de 1892, é mais antigo que aquele.... Mas já é motor a explosão... Não, 1896, ele é posterior... Isso aqui é Dugu, italiano... São os pais do Rio.

Pesquisador: è, eu notei um estilinho...

A Dugu é ancestral da Rio. Então a “MATCHBOX”, quê que representa pra mim... Representa um fio condutor, porque tanto era aquilo... Então vou voltar e contar a história da minha prima, que morava nos EUA em 1961... E eu escrevi pra ela que tinha visto numa revista e tal... “MATCHBOX” e tal, escrevi pra ela... E ela me traz Yesteryear, porque eu escrevi “miniatura”... Ela me trouxe uma Packard Landulet e uma Rolls-Royce... Duas miniaturas do cacete... Bonita pra chuchu, eu tenho até hoje. E

na verdade eu queria era os “MATCHBOXzinhos”, sem vergonha, que custavam 3 cents, que ela encheu os bolsos e deu pras crianças jogarem fora... Esse fato se você pensar “PÔ, o cara virou colecionador porque ele não ganhou...” não, não... os “MATCHBOX” ainda demoraram pra chegar no Brasil... Antes dos “MATCHBOX” tinha os ROLY TOYS... e foi a própria ROLY TOYS foi quem importou os “MATCHBOX”, os primeiros... os ROLY TOYS nacionais eu tenho aí, DKW, Kombi e Berlinetta. Então, voltando, acho que esse termo “fio condutor” pode ser uma resposta. Fio condutor do quê? Tanto vale pra indústria, quanto valeu para a minha coleção. Porque o “MATCHBOX”, onde você o encontrava, de repente você encontrava outras coisas... Um Corgizinho, um Dinky, uma coisa mais elaborada e tal... Então se você fosse atrás do “MATCHBOX” você encontrava... Além do que, nem sempre era possível comprar uma miniatura dessas que tô falando, essas outras marcas, e o “MATCHBOX” era mais fácil. Então, fio condutor é um termo.

Colecionador 15**Idade:** 35**Profissão:** Jornalista**Estado Civil:** solteiro**Filhos?** Sem filhos.**Há quanto tempo você coleciona “MATCHBOX”?**

Então, acho que eu... O meu pai comprava carrinho pra mim quando eu era criança. Acho que desde antes de eu nascer ele já comprava carrinhos. Então eu sempre me vi cercado dos carrinhos “MATCHBOX”. - Mas ele comprava pra ele, ou já montando a coleção pra você? - Eu acho que ele comprava pensando pro filho. Ele gosta também, ele gosta também, mas nada... Ele nunca colecionou. Como eu fui o primeiro filho, o primeiro neto, enfim, da minha geração da família eu sou o primeiro, e eu acho que eles esperavam uma criança com ansiedade e já compravam presentinhos, e “MATCHBOX” era um deles. Então eu sempre me vi brincando com esses brinquedos. Talvez assim, vamos dizer que eu coleciono mesmo desde os meus vinte anos, vinte e um... Eu “tô” com 35, é, uns 15 anos. Porque antes talvez fosse brincadeira, apesar de já ter tudo organizado, sempre fui muito cuidadoso, tenho esses brinquedos até hoje... Aí durante a adolescência “larga a mão” um pouco né, porque vai curtir – eu, pelo menos né?- eu me interessei por outras coisas, e depois quando eu já tinha meus vinte anos, quando eu já tinha um emprego, já tinha dinheiro, poderia eu mesmo comprar o que eu queria, eu voltei a comprar isso que é uma coisa que eu sempre gostei.

Sua coleção tem algum sub-tema ou foco (ambulâncias, carros de bombeiros, modelo / época de carro específicos)?

Ah, tem vários, na verdade. Vários. Eu gosto muito da linha Ford, digamos assim, automóveis Ford dos anos 30 e 40, customizados pra Hot Rod... Eu faço ambulâncias, faço carros de polícia, faço ônibus... Eu gosto muito de carros comerciais, carros que tem pintado coisas de entrega, de empresas, de firmas, gosto de carros de competição...

Dentro da linha de carros de competição eu gosto muito de uma coisa assim que eu não vejo (pelo menos não encontro muitos pares) que é carros tipo protótipos, tipo Le Mans. Porque carro de competição normalmente a moçada gosta de Fórmula 1... Eu gosto de Le Mans, eu gosto de NASCAR... Como você disse, são subdivisões dentro da coleção geral. Mas se fosse pra resumir assim, eu me interessaria mais por carros até a década de 80, e mais máquinas, carros comerciais, carros de competição... Bom, eu já falei (risos).

Além dos carrinhos, você tem alguma outra coleção? Qual?

Tenho. Tenho coleções organizadas e coleções não organizadas. Coleções organizadas eu tenho miniaturas de bonecos do Star Wars, que é uma coisa que eu gosto muito também. Então aqueles famosos tamanho G.I. Joe, já colecionei G.I. Joe quando era criança, aqui são os famosos “Comandos em Ação”. Isso eu coleciono digamos assim “sério mesmo” né? Isso é sério também: Coleciono videogames antigos, principalmente linha Atari. Isso eu tenho muita coisa e isso é organizado. Até podemos fazer uns negócios pro futuro, que eu tenho bastante coisa, se você quiser... nunca te contei isso? Tenho bastante coisa. Acho que eu posso chamar de coleção, não é exatamente uma coleção, mas posso chamar porque ela está organizada. Eu sou jornalista, trabalhei por muito tempo na área de jornalismo - as pessoas falam cultural mas eu não gosto desse termo- eu chamo de jornalismo de entretenimento. Então eu acumulei muito acervo... Discos de vinil, hoje já Cds, livro, DVD... Blu-Ray não entrei nessa não, não vou comprar, eles não vão levar meu dinheiro... Muito caro, não vale a pena... Eu ainda não me convenci! Mas disco de vinil é uma coisa que tá voltando agora, eu vejo as pessoas se interessando, vejo as pessoas comprando, o mercado supervalorizou, tenho um acervo bem legal de discos de vinil, mas é uma coisa que durante o tempo eu fui guardando, mas é uma coisa que eu uso. Eu, considero isso não coleção, é um acervo meu, cultural... De repertório, não cultural, pra eu poder... Enfim, quem eu sou hoje é muito em cima dos livros que eu li, dos discos que eu escutei, os livros que eu... enfim... Isso pra mim é muito, muito importante, tem gente que chama de coleção, eu não sei, porque pra mim é... - Como você diferenciaria “coleção” desse “acervo”? - Eu acho que coleção seria um pouco mais pelo prazer assim, pelo meu prazer. Por exemplo, o videogame é uma coisa que talvez entrasse nessa seara de coisas, de bens que eu acabei de colocar pra você, mas eu já tenho ele como uma coisa de simples prazer, os carrinhos é simples prazer. Essas coisas fazem parte do meu trabalho mesmo, eu trabalhei muito tempo com isso, precisei escrever resenhas com isso, precisei ler aquelas coisas, eu me

apóio nelas pra argumentar, quando eu preciso escrever algo que não estou seguro eu recorro a um livro, eu vou buscar um poeta que me interessa, uma música, enfim... Mas essa é uma classificação que eu faço, eu não sei se isso procede ou não... Na minha adolescência eu colecionei muito, e eu tenho guardado até hoje, e isso eu coloco no rol de coleções “não organizadas”, porque elas não estão... Elas estão guardadas, não as alimentei mais, mas não me desfiz... Eu colecionei selos, eu colecionei moedas, eu colecionei cédulas. Até hoje ainda tem pessoas que me reconhecem, principalmente os meus parentes, tipo “Ah, o Ale gosta! Dá pra ele!”. Tem duas irmãs da minha mãe que viajam muito pra outros países, e elas sempre trazem uma cedulazinha de troco, uma moedinha, uma... São outras coleções que tenho, mas não alimento mais. Tem outras coisas que fiz, mas agora não... Nada que me venha à cabeça assim.

1- Você se lembra de como começou a colecionar?

R: Exatamente o ponto onde aquilo virou de brincadeira pra coleção eu não sei te dizer, mas eu sempre gostei, sempre fui apaixonado. Eu acho que talvez dê pra colocar como te disse, lá quando eu tinha meus vinte anos, vinte e um, que aí eu já tinha um trabalho, tinha dinheiro pra comprar o que eu queria, e já estava voltando a ter esses interesses. O interesse dos brinquedos, dos carrinhos, e daí eu voltei a comprar. Talvez isso seja o ponto de transição entre colecionadores simples... Porque tem muita gente que se intitula colecionador e eu acho que não é, o cara é um consumidor. Não que isso seja menor, nem feio, pelo contrário, mas o cara é um consumidor, ou o cara compra pra brincar, pro filho, pra não sei o quê... Não sei se isso é colecionar. E eu enquanto fui criança brinquei muito, eu brinquei mesmo, com as minhas coisas, e talvez por isso eu goste tanto dos carrinhos, não sei...

2- Você tem ideia de quanto do seu orçamento mensal é destinado à compra de mais miniaturas ou à manutenção das mesmas (limpeza, conservação, prateleiras, etc)?

R: Olha, hoje eu me policio bastante até com quanto eu gasto, eu já gastei dinheiro bastante dinheiro algumas vezes, me empolguei, às vezes não, outras vezes não tinha muita grana, enfim... Cheguei até a vender coisas da minha coleção pra fazer caixa, algumas vezes, teve algum valor. Mas hoje, eu coloco assim... Vá: vamos colocar que eu

gasto uns 300 reais por mês. Eu meio que me coloco isso na cabeça pra... Tem meses que eu passo, mas tem meses que eu não compro nada, e não tem problema... Porque enfim, eu não achei, sei lá... Mas numa média acho que é isso, uns 300 reais por mês pra ir alimentando isso.

3- Qual a frequência com que você adiciona miniaturas à sua coleção?

R: Ah, sempre que possível! Sempre que eu encontro, eu não sei te dizer “quando que eu adiciono, quando eu que digo assim “essa vai pra minha coleção?” Quando eu consigo e encontro as que eu quero. Eu tô sempre buscando, eu converso com as pessoas, eu vou sempre em lojas de brinquedos, apesar de hoje não ter mais “MATCHBOX” nas lojas, mas às vezes a gente compra uma outra coisinha, eu frequento sites... Mas assim, se for pra por uma média, sei lá, uma peça por semana, uma compra por semana.

4- Você tem alguma cota ou algum limite? Se você vê alguma miniatura que deseja e já ultrapassou a sua “cota”, como age? Sua coleção tem alguma meta a ser atingida?

R: Olha, eu gostaria muito de dizer que sim, mas não é verdade. Esses 300 reais é um limite que eu me coloquei porque acho que é um limite aceitável pro meu orçamento, pra coleção que eu tenho, também, porque quando a gente tem menos coisas, no começo, ou não é questão de quanto você tem, mas a vontade que você tem daquilo, se você tá cheio de vontade, você vai dar um jeito naquilo, e às vezes extrapola o próprio “jeito” que você deu, né?! Mas hoje, dentro dos meus interesses, dentro do que estou buscando é mais ou menos isso. Como eu te disse, às vezes passa, mas às vezes não, às vezes eu não gasto isso... E, não sei se vale a pena completar, mas como você sabe eu frequento, nós frequentávamos feiras, esse tipo de coisa onde há um comércio ali, tanto de escambo, troca e até venda, e isso acho que é um passo que te ajuda a financiar, a alimentar a coleção, porque eu vou, eu troco com as pessoas, eu compro algumas coisinhas a mais pra vender, isso dá um “lucrinho” que é reinvestido na própria coleção, e essas são maneiras de burlar os 300 reais que te falei que estipulei, né?! (Risos).

5- Você gosta de mostrar a sua coleção para as pessoas? Por quê?

R: Eu gosto e não gosto. Às vezes eu gosto e às vezes não. Pras pessoas em geral, não, Eu gosto de mostrar pra quem é meu amigo, pra quem é colecionador. Às vezes eu não gosto de mostrar pra minha família, por exemplo, porque muita gente o cara olha a tua coleção, e ele não vê aquilo como uma coisa bacana ou uma coisa curiosa, ele olha aquilo e na cabeça já tá fazendo uma conta de quanto aquilo vale e que você deixou de comprar um outro negócio pra ter aquilo, e eu acho isso “um saco”, não acho isso legal, acho isso chato, cara. Ou então tem gente que “pô, o que que você faz com tudo isso?”, aí quando as pessoas me perguntam o que você faz com isso eu digo “Eu brinco, pomba!” Então é isso, no geral eu não gosto de mostrar não. Mas se vamos a um evento, aí eu acho legal levar. Acho legal e tenho orgulho de mostrar pra quem entende aquilo, pra quem gosta daquilo... Com crianças também tenho uma certa reserva. Só tipo o filho meu amigo e tal, o cara já viu minha coleção algumas vezes, falou um monte pro filho, e daí o filho quer ver, aí eu deixo, mas tem um limite, né?! Eu tenho uma parte da minha coleção que são uns carrinhos que tipo, se vai criança na minha casa “esse aqui pode brincar”, sabe? Mas esse aqui, não! Esse aqui não pode mesmo!

6- Quando você diz que é colecionador, qual é a reação das pessoas, de modo geral?

R: Elas não entendem. A maioria, de modo geral, pergunta: “Mas o que que você faz com isso?” Eu brinco, eu me divirto... Eu falo “eu brinco” pra sacanear mesmo: “Mas você brinca de carrinho?” Brinco. Mas de um modo geral elas não vêem isso assim como um, digamos assim, uma coisa comum. Se eu falasse, por exemplo, que eu jogo tênis, que eu sou atleta, teria menos reação. Que eu corro de carro, sei lá, que eu mergulho... Mas o colecionador elas não entendem, mas aí elas começam as perguntas: “Onde que você guarda? Que que você faz com isso? Quanto você gasta? Tua mulher não reclama?”.

7- O que a coleção, como um todo, representa para você atualmente?

R: Como um todo? Ah, cara, acho que é uma grande fonte de prazer que eu tenho, de diversão, ela não deixa de ser um patrimônio, porque tem valor econômico mesmo ali, mas mais do que isso, ela é um patrimônio, é um legado, eu não sei como explicar isso, mas é.... Você lembra o que te disse agora há pouco das coisas que eu junto que não são exatamente colecionáveis, mas é um acervo que eu tenho? E que aquilo eu usei no meu trabalho? Então... Os carrinhos eu não usei no meu trabalho, mas se eu quiser, a partir dali eu consigo contar a história da minha vida, se eu quiser. Porque eu me lembro de

quando que eu comprei esse carrinho, de quem que eu comprei, em que lugar que eu fui, o quanto foi difícil achar esse aqui, ou esse aqui “pô, era supercaro e eu consegui numa barbada”, e a história pra conseguir ele é superlegal, e isso eu acho bacana assim, sabe?! Pra mim é, eu consigo contar não a história da minha vida, mas uma parte dela, e eu me divirto muito com isso, me divirto muito com isso e... Além de outras coisas assim, tem função decorativa, por assim dizer, dá pra por ali, é bacana... Mas essa coisa que te disse, de ser um acervo, uma coisa que é parte de quem eu sou mesmo, dá pra a partir da coleção eu contar um pouco da minha vida, se a pessoa estiver interessada e quiser ouvir ali né?! Tanto que tem uma parte que eu organizo, você perguntou se tem subtemas na coleção, tem, tem vários (voltando à pergunta). Mas tem um subtema que eu criei, até pra tentar por um pouco de ordem naquele caos, assim, aí as pessoas perguntam: “Como é que você organizou isso aqui? É por marca, é por ano? Por cores? A série 1-75?” Aí eu digo: “Não. Minha coleção é organizada autobiograficamente, de acordo com coisas que só estão na minha cabeça, assim, sabe?!”. Eu acho que esse carrinho combina com esse, que tem a ver com... Aí eu ponho numa caixinha, faço uma vitrinezinha, depois eu -não que eu me enjoe – mas eu guardo em outra, então é uma coisa pra mim assim, sabe?!

8- Você tem dificuldade para se desfazer de algum item da coleção por alguma razão (para troca, trocar por um modelo em melhor estado, liberar espaço, focar a coleção)? Se sim, qual a razão para essa dificuldade? Pensa em se desfazer da sua coleção um dia?

R: Tenho. Assim, não sei se é uma dificuldade. Por exemplo, você falou “carrinhos em melhor estado”. Os carrinhos que meu pai me deu, que minha vó me deu, que eu comprei, que eu me lembro que “pô, a gente foi comprar lá naquela loja em Ciudad del Leste”, eu me lembro de entrar na loja, escolhendo o brinquedo. Aquilo tá brincadíssimo, ralado, mas o valor que ele tem pra mim é muito maior do que, sabe, pra mim eu não troco, não me interessa, eu tenho às vezes outro igual, mas aquele ali é o meu, e não sou afim de me desfazer dele. Agora, se é uma coisa que eu comprei depois e tal, aí não, mas esses pra mim têm um valor afetivo muito grande, muito, muito grande, e não me desfazo. Eu já tive mais dificuldade, você falou assim “um modelo melhor, mais focado na coleção”, eu já tive mais dificuldade, eu superei um pouco isso, no sentido assim de querer ter muito, por exemplo “eu gosto desse carro, então eu quero ter a variação da cor, da roda, a pintura e não sei o quê, aí de repente eu olho assim e sei

lá, o Corvette que eu acho legal eu tenho quinze deles, só que aquele que eu queria mesmo eu não consegui ainda. E daí como eu não consegui aquele, eu comprei os outros pra “tapear” a minha própria vontade. E aí, eu até conseguia aquele que eu queria, e aqueles outros todos viram “coadjuvantes”. Só que eu não abria mão deles. Depois eu parei. Depois eu parei um pouco, consegui, porque ah, começa a ficar muita coisa, espaço, e muitas vezes com outro colecionador, se você tem um brinquedo, um carrinho que interessa a ele, isso às vezes é uma moeda de troca mais forte que o próprio dinheiro. Então, às vezes eu não tenho tanto dinheiro pra gastar, e às vezes o cara não tá interessado na grana. Mas se eu disser “eu tenho isso aqui”, aí eu consigo, ele fica satisfeito e eu também. E eu aprendi isso. Demorei, não foi muito fácil não, mas hoje já não acontece. Só que eu me pego às vezes, apegado a alguma coisa que eu penso que não faz sentido mais...

Não penso em me desfazer, já me desfiz de algumas coisas como te disse, pra trocar, pra conseguir outras coisas, vendi coisas em alguns momentos da minha vida, tive dificuldades econômicas, precisei de dinheiro, cheguei a ficar em emprego algumas vezes, e pra não ter que recorrer a um empréstimo de sei lá a quantos por cento, eu vendi algumas coisas pra alguns amigos, pra dar uma salvada ali, não foi muito fácil tomar essa decisão, mas depois que você faz e tá feito, não dá nada, sabe?! Preferiria não fazer, mas fiz sim, e se precisar vou acabar fazendo de novo, mas acho que não vai ser preciso. Mas, me desfazer, espontaneamente assim, não penso... A não ser... A não ser o quê? Sei lá, comprar um... (risos). Sei lá, espero um dia ter um filho, alguma pessoa que se interesse por isso, poder passar, ou que tenha uma megaoferta de um troço muito legal “pegue tudo isso e aqui e tal”. Mas eu acho que assim, se num momento eu fizesse isso por qualquer motivo, no dia seguinte eu já estaria pensando em recomeçar, de alguma maneira. E já estaria recomeçando. Comprando outra coisa, juntando, indo atrás, remontando aquilo ali.

9- A sua coleção é organizada e/ou catalogada de alguma forma? Ela obstrui espaços que poderiam/deveriam ser utilizados para outras funções?

R: Gostaria também muito de te dizer que sim, mas não é. Eu minto pra mim mesmo que é, que está, mas ela não está. Não, porque assim: Eu já vi coleções organizadas, caras organizados, sei como é que é, cara, e acho aquilo sensacional.

Almejo fazer isso, mas não faço. Não consigo, acabo não tendo tempo, não conseguindo administrar e sei lá por que motivos mais, ou misturo mesmo, como te disse, tem essa coisa do autobiográfico que eu vou lá, ponho...

(Pesquisador): - Mas isso já é uma forma de organização...

C15: - É, mas não é a que eu queria, entendeu? Não é a que eu queria. Eu tenho muito assim, muita coisa que eu gostaria de expor, vitrines mais legais pra colocar, conseguir acessar realmente, assim “Ah, quero pegar esse carrinho tal, vamos ali...”. Uma época eu tentei fazer assim, tipo quando entravam coisas novas eu ia tentando colocar aonde que eu comprei, quanto que eu paguei, que ano que é aquele carrinho, qual é o estado dele, até o contato das pessoas, eu acho isso muito legal ter, o contato, porque assim depois você vai sabendo do que o cara gosta, aonde que você vai pegando as coisas, isso eu acho bacana ter. Só que eu não consigo manter isso, não consigo... A vida não... Né?! E eu tenho muita coisa guardada às vezes, isso eu acho ruim, sabe? Encaixotada, ou guardada, que não tá... Não é como eu queria.

Pesquisador: - E em casa? A tua coleção ocupa ou obstrui algum espaço que você poderia usar para outra coisa?

C15: (risos). Sim. Sim, mas já foi pior, cara. Eu voltei a morar na casa dos meus pais, tem 3 anos. Sou o filho mais velho, meus irmãos são casados, meus pais moram numa casa grande, que tem espaço, e eu voltei pra lá até mesmo porque eu morei 8 anos num apartamento aqui, que era um apartamento alugado, mas era um apartamento antigo muito grande. Eu tinha um quarto só pra isso. E que ele variava entre arrumado e empilhado de caixas, ele oscilava. Hoje na casa dos meus pais eu também tenho um quarto só pra guardar essas coisas, que poderia ser usado pra outras coisas.

Sua coleção tem alguma meta ou objetivo? Não, não tem esse “ponto final”, “O Álamo” das coisas? Não tem, não. Assim, tem objetivos, gostaria de ter, por exemplo, o primeiro ano da série da “MATCHBOX” todo, com caixinhas, numa vitrininha legal, isso é um objetivo que eu tenho. Só que no dia que eu alcançar eu vou colocar outro objetivo, exatamente, eu não vou parar de colecionar, isso não.

10– A sua coleção lhe atrapalha, ou causa algum tipo de transtorno?

Putz, cara, atrapalha... Problema... Não sei, eu gostaria de dizer que não, mas não sei... Assim, algumas vezes da minha vida, ela me ocupou muito tempo já, tanto com organização como com foco naquele interesse. Pô, às vezes eu tô vendo um “troço” lá, fazendo uma pesquisa, aí de repente me pego e tô com uma janela aberta do Ebay, ou tô no e-mail vendo um documento que precisa pra finalizar um trabalho e tá lá, vai finalizar o leilão, teu lance foi superado... Então, isso acho que é um atrapalho, não é? Eu gostaria de ser mais... né... De ter uma caixa de entrada só pros e-mails tal, mas não consegui. Na verdade, algumas coisas atrapalha sim, mas é um atrapalho no sentido de tomar tempo, tomar recurso, tomar... Mas é um preço que a gente paga, né?! Pelo bem estar que eu quero ter ali com aquela coleção, com aquelas coisas. Mas assim, grandes atrapalhos acho que nunca tive, não. Eu já deixei de ir em alguns lugares pra ir em evento de colecionador... Pô, se você perguntar pra minha namorada, ela vai dizer que atrapalha... Ela vai dizer: “Pô, eu queria estar lá com as minhas amigas e queria que você fosse”... É, eu vou depois... Então, né?!

11- O que é um “matchbox” para você?

R: “MATCHBOX” me vem uma época dourada da minha vida à cabeça. Uma coisa muito afetiva a relação que eu tenho com ele, com o “MATCHBOX” em si. Como te disse, eu ganhei muito esses brinquedos da minha família quando era criança, eram brinquedos legais pra cacete na época, era uma coisa muito desejada, o “carrinho de ferro”, como diziam, aquela coisa. E aquela mítica de “putz, vem lá da Inglaterra”, umas coisas diferentes assim, e eu me lembro daquela época, daquelas, dos meus pais, dos meus avós, dos lugares, então eu penso, pra mim, ele vem como uma época de ouro da minha vida mesmo, aquela década de 70, até meados dos anos 80, ali quando era bem moleque. É isso que eu me lembro, a primeira coisa que me vem à cabeça com a história do “MATCHBOX”, da caixinha, o cheirinho da caixinha, o papelãozinho, sabe?! Ou aquelas coisas, quando era criança, gostava muito de ganhar os “Super Kings”, aquele “grandãozinho”... Orra, aquele abria, assim, sabe?! Tanque de guerra, sabe, adorava aqueles. E é isso aí, eu me lembro de uma parte boa da minha vida, que eu acho que de alguma maneira, eu tento preservar ou até resgatar às vezes esses sentimentos assim com a minha coleção de “MATCHBOX”, acho que é isso.
